

TREVANIAN
O verão de
Katya



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

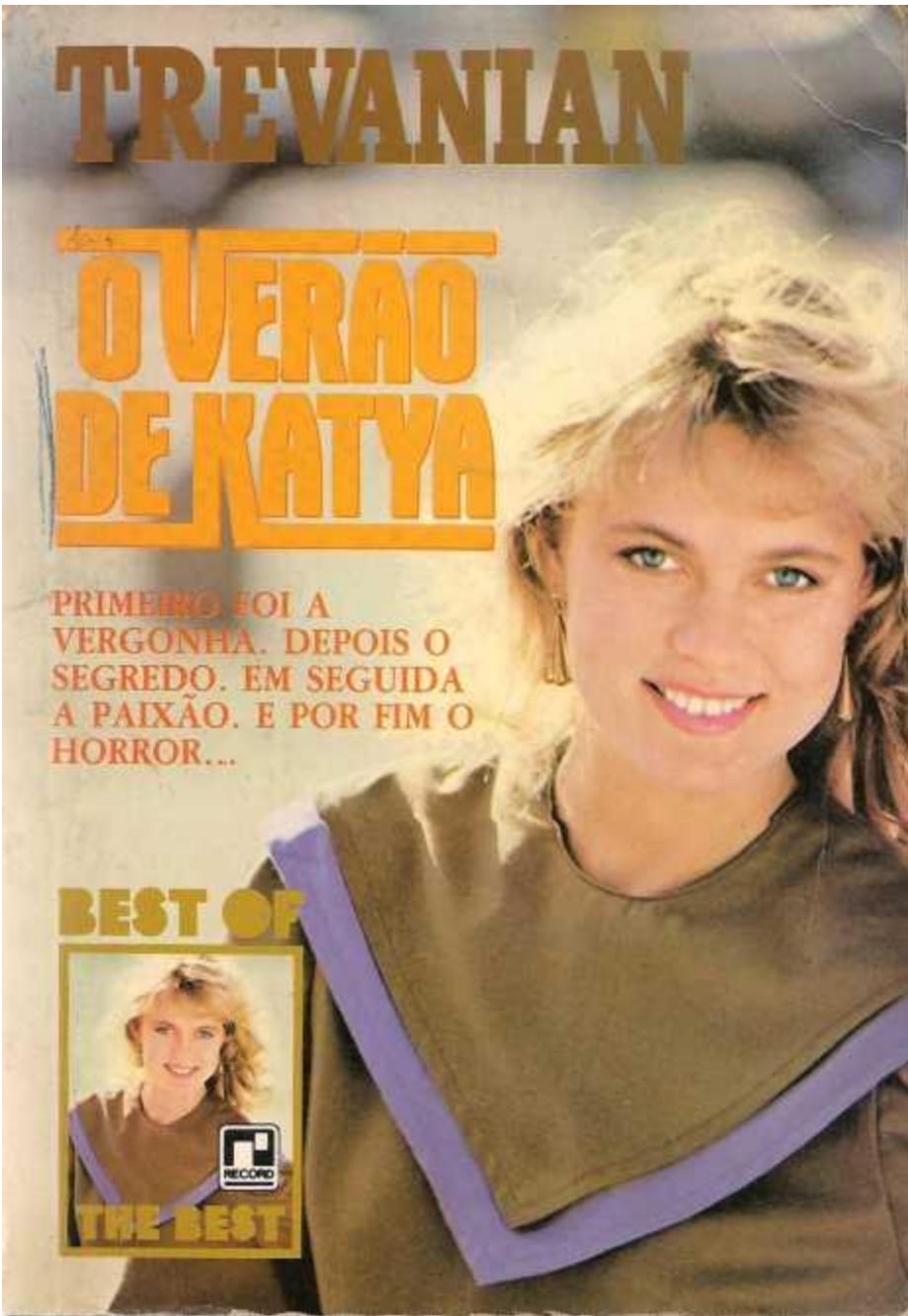
Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

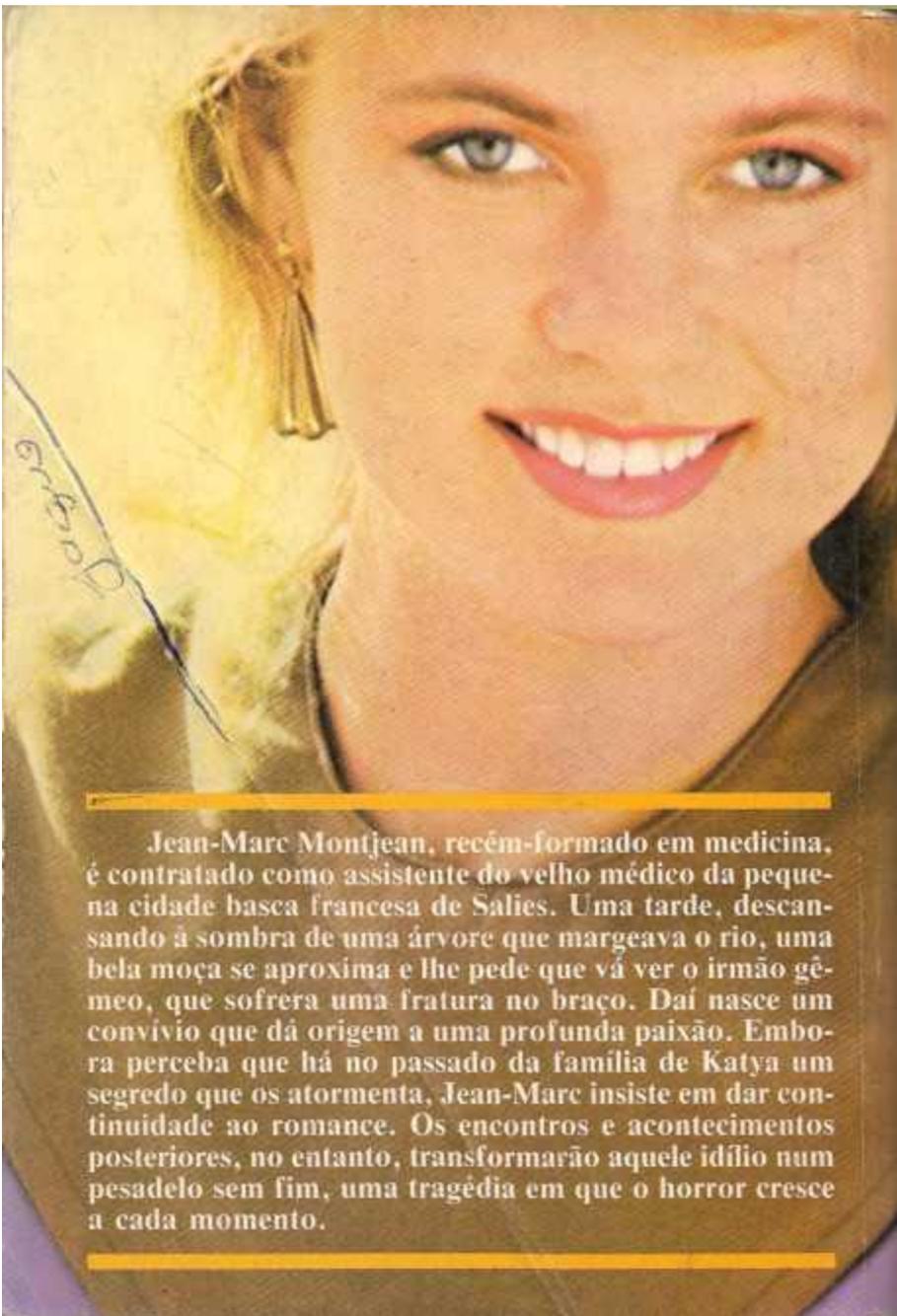






PDL – Projeto Democratização da Leitura

Apresenta:



Jean-Marc Montjean, recém-formado em medicina, é contratado como assistente do velho médico da pequena cidade basca francesa de Salies. Uma tarde, descansando à sombra de uma árvore que margeava o rio, uma bela moça se aproxima e lhe pede que vá ver o irmão gêmeo, que sofrera uma fratura no braço. Daí nasce um convívio que dá origem a uma profunda paixão. Embora perceba que há no passado da família de Katya um segredo que os atormenta, Jean-Marc insiste em dar continuidade ao romance. Os encontros e acontecimentos posteriores, no entanto, transformarão aquele idílio num pesadelo sem fim, uma tragédia em que o horror cresce a cada momento.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Jean-Marcc Montjean, recém-formado em medicina, é contratado como assistente do velho médico da pequena cidade basca francesa de Salies. Uma tarde, descansando à sombra de uma árvore que margeava o rio, uma bela moça se aproxima e lhe pede que vá ver o irmão gêmeo, que sofrera uma fratura no braço. Daí nasce um convívio que dá origem a uma profunda paixão. Embora perceba que há no passado da família de Katya um segredo que os atormenta, Jean-Marc insiste em dar continuidade ao romance. Os encontros e acontecimentos posteriores, no entanto, transformarão aquele idílio num pesadelo sem fim, uma tragédia em que o horror cresce a cada momento.

DIGITALIZAÇÃO: SILVIA



PDL – Projeto Democratização da Leitura

O VERÃO DE KATYA

A época é o verão dourado de 1914, na Europa. Um verão lembrado pelos seus gloriosos dias ensolarados que pareciam se suceder indefinidamente até que os canhões de agosto modificassem de vez o mundo. O lugar é uma cidadezinha basca francesa, Salies.

Jean-Marc Montjean, recém-formado em Medicina, é contratado como assistente do velho médico da localidade. Seu primeiro caso começa de uma maneira inesperada. Uma tarde, enquanto descansava entregue às suas divagações à sombra de uma árvore no parque que margeava o rio, uma bela moça se aproxima dele e lhe pede que a acompanhe até sua casa, a fim de cuidar de seu irmão gêmeo.

A fratura no braço de Paul Treville é logo curada, mas o envolvimento de Jean-Marc com a família Treville - Katya, Paul e o pai - apenas começava. Jean-Marc é convidado para jantar e outros convites - para jantares e passeios - seguem-se ao primeiro. Do estreito convívio, nasce uma profunda paixão pela jovem Katya, e Jean-Marc procura cortejá-la, embora perceba logo que há um segredo no passado dos Treville que os atormenta.

Paul avisa a Jean-Marc que sua irmã é uma pessoa frágil, e que ele deveria conter-se, evitar fazer-lhe a corte. Mas Jean-Marc é jovem, está apaixonado e tem esperanças. Além disso, tem certeza de que Katya corresponde à sua afeição. Quando Jean-Marc sabe que os Treville estão planejando deixar definitivamente a cidade, ele insiste num último encontro com Katya.

O encontro e os acontecimentos posteriores transformam um romance idílico num pesadelo sem fim. O segredo de Katya é revelado num clímax arrepiante, que permanece com o leitor muito tempo depois de ele ter virado a última página do livro.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

TREVANIAN

O VERÃO DE KATYA

Tradução de MEERI IRENE LAAKSONEN

EDITORA RECORD

Para Diane

Título original norte-americano THE SUMMER OF KATYA

Copyright © 1983 by Trevanian

Publicado mediante acordo com Crown Publishers, Inc.

FOTO DA CAPA AGÊNCIA NOTICIOSA ICA PRESS LTDA.

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.

Rua Argentina 171 - 20921 Rio de Janeiro, RJ - Tel.: 580-3668 que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Distribuição exclusiva para bancas de jornais

FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S.A.

Rua Teodoro da Silva 907 —20563 Rio de Janeiro, RJ —Tel.: 268-9112

Números atrasados, escreva para:

RP Record Caixa Postal 23052

Rio de Janeiro RJ 20922 ou pelo telefone (021) 580-5182



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Salies-les-Bains, agosto de 1938.

Todos os escritores que se debruçaram sobre aquele último verão antes da Grande Guerra sentiram-se impelidos a falar sobre a rara perfeição do tempo: os intermináveis dias do céu muito azul, pontilhado por nuvens brancas que avançavam preguiçosamente; as longas tardes cor de violeta, refrescadas por suaves brisas; as manhãs despertadas pelo canto dos pássaros e pelos raios inclinados do sol. Da Itália à Escócia, de Berlim aos vales da minha terra natal nos Baixos Pirineus, toda a Europa compartilhou um tempo excepcional, com dias límpidos e maravilhosos. Seria a última coisa que iríamos compartilhar por quatro anos terríveis, exceto a lama e a agonia, o ódio e a morte, a guerra que estabeleceu a fronteira entre os séculos XIX e XX, entre a Idade da Graça e a Era da Eficiência.

Muitos dos que descreveram aquele verão alegam ter sentido algo de sinistro e final na própria perfeição dos dias, um último reviver da chama que se apagava, uma explosão helenística de exuberância desesperada antes do fim da civilização e, para os jovens que iriam morrer nas trincheiras, um último e quase histórico momento de alegria e prazer. Confesso que nas minhas lembranças daquele último julho, um pouco avivadas pelas anotações e esboços do meu diário, não há nenhuma indicação de que eu visse naqueles dias maravilhosos um gracejo irônico do destino.

Talvez eu fosse insensível a presságios, por ser jovem e cheio de vida, no limiar da minha carreira médica.

Estas últimas palavras provocam-me um sorriso amargo, pois só mesmo as convenções de linguagem é que me permitem denominar "carreira médica" o quarto de século que passei como médico numa pequena aldeia basca. Efetivamente, o jovem solteiro, esforçado e inteligente daquela época tinha toda razão para acreditar que estava trilhando a primeira etapa para o sucesso profissional, embora ele pudesse ter entrevisto a sombra de um futuro mais limitado a julgar pelas triviais e humilhantes que lhe eram impostas pelo seu tutor e benfeitor, Dr. Hippolyte Gros, que enfatizava a posição subordinada de seu assistente de dezenas de maneiras, sutis ou

ousadas, sendo que uma das mais eficazes eram lembrar aos pacientes que, apesar de minha pouca idade e inexperiência, eu era um médico habilitado.

—O doutor Montjean vai se encarregar da sua receita - dizia ele à paciente com um sorriso benevolente. - A senhora pode ter toda a confiança nele. Bem, pode ser que o diploma dele ainda esteja cheirando a tinta, mas ele é muito versado em todas as teorias mais modernas de cura, tanto do corpo quanto da mente.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Este último gracejo referia-se à minha fascinação pela teoria do Dr. Freud e seus seguidores, na época uma novidade que poucos levavam a sério. O Dr. Gros batia na mão da paciente (todas mulheres de certa idade, já que ele era especialista em "mal-estares" associados à menopausa), garantindo que se sentia honrado por ter um assistente que estudara em Paris. O olhar arregalado e o tom de admiração que acompanhavam aquele Paris pretendiam sugerir, com muita ironia, que um simples médico do interior como ele sentia-se na obrigação de respeitar o jovem brilhante da capital que tinha tudo a seu favor exceto, talvez, experiência, compaixão, sabedoria, compreensão e sucesso.

Para que eu não crie uma imagem negativa demais do Dr. Gros, não posso deixar de reconhecer que ele foi gentil em me convidar para ser seu assistente durante o verão, visto que eu acabara de sair da faculdade, estava sem dinheiro, sem qualquer perspectiva de conseguir clinicar e marcado por um relatório dos mais desfavoráveis sobre minha residência de um ano no hospital psiquiátrico de Passy.

Entretanto, longe de mostrar ao Dr. Gros a gratidão devida, provoquei seu descontentamento ao confessar que considerava sua área de especialização

fundamentada em superstições e sua rendosa clínica nada mais que uma luxuosa estação de veraneio para mulheres desocupadas e desmioladas.

Ao fazer-lhe estas observações, tenho certeza de que me achei admiravelmente honesto, pois com a autoconfiança e a falta de tato da juventude frequentemente eu confundia insensibilidade com franqueza. Não é de admirar que ele, volta e meia, reagisse à minha autoconfiança com alfinetadas na minha inexperiência e no meu estranho interesse pelos mecanismos mais ocultos da mente.

Realmente, um dia, quando eu lhe expunha o paralelo ético entre negar tratamento aos doentes e dá-los aos sãos, ele me disse:

—Você, sem dúvida, já se perguntou, Montjean, porque eu o escolhi como meu assistente este verão. Provavelmente achou que fiquei impressionado com seu currículo e com seu altruísmo, revelado pelo ano de serviço sem remuneração que você prestou em Passy. Bom, realmente isso contribuiu um pouco. Além disso, eu o escolhi porque você nasceu nesta parte da França e seu tipo atraente de basco é um ponto a favor em uma clínica que atende a mulheres de certa idade e apetites indefinidos. Afinal, um rapaz basco dá certa cor local. Mas o que mais pesou nisso tudo foi a sua disposição de trabalhar por pouco, o que eu admiro, porque a humildade é uma qualidade rara e atraente num jovem médico. Aos poucos, porém, estou chegando à conclusão de que o que tomei por humildade era, na verdade, uma avaliação precisa do seu próprio valor.

E, para falar a verdade, eu não lhe era tão indispensável assim, já que não havia trabalho suficiente na clínica para ocupar dois médicos. Para o Dr. Gros, eu servia fundamentalmente para substituí-lo se ele adoecesse por um ou dois dias, ou se quisesse tirar uns dias de folga, dias esses dedicados - segundo ele dava a entender - a preocupações de ordem sentimental. Pois o Dr. Gros



PDL – Projeto Democratização da Leitura

tinha certa reputação de libertino e dom-juan em relação às pacientes. Ele nunca se gabava abertamente de suas conquistas para os cidadãos mais ilustres de Salies, seus companheiros de copo que todas as noites juntavam-se a ele num dos cafés da praça principal. Muito pelo contrário, ele preferia o sorriso silencioso, o dar de ombros, o leve gesto de protesto para estabelecer sua reputação, não apenas de amante vigoroso, mas de cavalheiro de grande discrição e admirável senso de honra.

E a posição particularmente vantajosa do Dr. Gros, no terreno das oportunidades amorosas, não lhe granjeou invejas entre seus pares como seria de se esperar, pois ele estava protegido por uma reputação muito bem merecida: a do homem mais feio da Gascônia, talvez de toda a França.

Sua feiúra era extraordinária, abrangendo tanto o plano geral quanto os menores detalhes. Uma feiúra cuja totalidade era maior que a soma das partes. Uma feiúra a que cada traço acrescentava um pouco: do nariz de batata todo rajado de pequenos vasos à pele manchada e marcada, cheia de verrugas; dos lábios flácidos e da papada caída às orelhas malfeitas e o queixo saliente, dominado por um par de sobrancelhas hirsutas. Só os olhos, fundos e remelosos, com um brilho inteligente, escapavam ao holocausto estético geral. Mas, por outro lado, havia certo atrativo em seu rosto; um encanto no abandono com que a Natureza é capaz de cercar a desgraça, algo que fazia com que se olhasse novamente para seu rosto só para uma vez mais desviar os olhos, por constrangimento.

O Dr. Gros era de longe o homem mais espirituoso e bem-educado de Salies, mas a platéia de seu monólogo pomposo e rebuscado era composta pelos homens embotados que controlavam a estância mineral: proprietários de hotéis-restaurantes, o gerente do cassino, o advogado da cidade e o

banqueiro; todos sentiam-se - não sem uma certa relutância - devedores do médico, pois sua clínica era a principal atração para as pacientes-turistas que eram a base econômica da cidade. Assim mesmo

- embora o lucro ocupe uma posição tão importante na escala de valores da burguesia francesa, sendo os impulsos de honestidade e decência facilmente controláveis - é possível que os comerciantes mais tradicionais de Salies se revoltassem com o tratamento descuidado do Dr. Gros, se a doença dessas mulheres ricas e mimadas fosse real. Na realidade, porém, elas não passavam de espécimes robustos da classe média, cujo único problema físico era ter atingido uma idade na qual a sociedade permitia que se ocupassem de "problemas de senhoras". Um assunto sobre cujos detalhes clínicos elas cochichavam entre si com aquele prazer horrorizado que as gerações posteriores reservariam para um outro tema: o sexo. Assim, apenas eu achava as insinuações ambíguas e maliciosas do Dr. Gros antiéticas do ponto de vista social; uma opinião que acabei por expressar por causa do simplismo moral que me caracterizava naquela época. Olhando para o passado, não posso entender como o Dr.

Gros tolerava minhas censuras arrogantes; mas o mais interessante disto tudo era que ele parecia gostar de mim ainda que de um jeito meio brusco. Ele tinha um prazer malicioso em ferir meus



PDL – Projeto Democratização da Leitura

sólidos princípios éticos. Além disso, em virtude da minha instrução, eu tinha condições de compreender os trocadilhos e as imagens cômicas que passavam despercebidas pelos seus obtusos companheiros. Mas acho que a razão principal do seu afeto era um egoísmo nostálgico: ele via em mim, tanto em minhas ambições quanto nas limitações, o jovem que ele fora um dia, antes que o tempo e o destino limitassem seu brilhantismo a uma

simples mesa de bar e reduzissem suas aspirações às dimensões de uma rendosa clínica de interior.

Talvez por isso sua única reação à minha atitude de superioridade moral fosse designar-me para as tarefas mais triviais. Na verdade, porém, eu não estava aborrecido assim por ter sido relegado ao papel de farmacêutico. Eu vinha de um longo e exaustivo período de trabalho e estudo, que me havia esgotado a mente e o corpo, e precisava de um verão tranquilo, com tempo livre para vagar por aquela cidade antiga, descansar às margens desse borbulhante Gave, com suas árvores antigas e encantadoras e pontes de pedra. Eu queria tempo para descansar, sonhar e escrever.

Ah, sim, escrever. Pois naquela época eu me sentia capaz de qualquer coisa. Jamais tendo feito qualquer tentativa, não tinha consciência de minhas limitações; por nunca ter ousado, não conhecia limites para minha coragem. Durante os anos de fadiga e rotina na faculdade de medicina, eu sonhava com um futuro marcado por duas carreiras: a do médico brilhante e dedicado e a do poeta inspirado e inspirador. E por que não? Eu era um leitor assíduo e sensível e cometi o erro tão comum de supor que, por ser um leitor receptivo, havia em mim um talento inato de escritor, como se ser um gourmand já fosse um passo para ser um chef. Na verdade, a razão do meu interesse pelo trabalho pioneiro do Dr. Freud não era uma preocupação com as pessoas que se machucavam ao colidir com a realidade, mas uma curiosidade sobre a natureza da criatividade e a origem da motivação.

Assim, durante horas e horas daqueles dias de verão indolente e radioso, eu vagava com o meu caderno pelo campo ou sentava sozinho num café afastado, bebericando um aperitivo, travando diálogos imaginários com monstros sagrados do mundo literário que se admiravam com meus argumentos, ou ainda, deitava-me às margens do Gave com o caderninho aberto, anotando impressões românticas, sendo que meus sublimes intentos poéticos reduziam-se inevitavelmente a uma prosa fragmentada e ofegante - um erro que eu estava convicto de vir a superar após dominar os

"macetes" da arte de escrever.

Havia ainda o problema do amor. Como o leitor deve suspeitar, aquele jovem extrovertido não duvidava de que era capaz de viver um grande

amor... Um amor alucinante. Afinal, tratava-se de um rapaz de 25 anos, bastante saudável, dotado de uma imaginação fértil, que vivia devorando romances. Não era de admirar que estivesse preparado para um romance.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Preparado para um romance? Será que não é esta a maneira que o jovem inibido, sensível, tem para dizer que está possuído pela paixão? Não será o romance apenas a fantasia que os sensíveis utilizam para lidar com seu próprio desejo?

Não, não é bem assim. Sei, infelizmente, que aquele jovem de outrora era inexperiente, insensível, confiante e egoísta. Sem dúvida, ele estava dominado pela paixão, mas, para lhe fazer justiça, estava preparado para um romance.

Aí numa rotina agradável e indolente, fazendo somente aquilo que o Dr. Gros mandava.

Qualquer um que fosse mais ambicioso - menos autoconfiante - teria preenchido o tempo com estudos, pois qualquer análise isenta sobre minhas perspectivas futuras as apontaria como as mais incertas possíveis. Afinal, eu não tinha família, nem posses; ainda estava devendo meus estudos e não pretendia desperdiçar meu talento num lugarejo qualquer do interior.

Entretanto, eu me contentava em deixar os dias passarem, preparando-me para alguma aventura desconhecida que - eu tinha certeza, embora sem a menor evidência - me esperava a qualquer momento. Pelo rumo que as coisas tomaram, todo o tempo dedicado ao trabalho e ao estudo teria sido um desperdício, pois a guerra chegou no outono e eu fui convocado logo.

Num impulso romântico - e bastante estúpido - engajei-me no exército como um simples soldado.

Quatro anos de lama, trincheiras, mau cheiro, medo e tédio brutal. Dois ferimentos, um suficientemente sério para limitar minhas atividades físicas pelo resto da vida. Quatro anos gravados em minha memória como uma onda infundável de horror e aversão. Ainda hoje me sinto tomado de náusea e ódio quando me junto aos companheiros de guerra no cemitério da minha cidade natal e recito o nome dos "*morts pour la France*".

Por que eu me submeti à carnificina das trincheiras quando poderia ter servido como médico do exército? Até mesmo o mais rudimentar conhecimento sobre Dr. Freud sugeriria que eu estava atraído pela morte. E, de fato, estava. Já sabia disso naquela época, mas essa certeza nem me libertou nem me deteve, como eu supus que aconteceria, na minha superficial compreensão do inconsciente.

Estou adiantando a minha história... Ultrapassando-a, enfim. Entretanto, a vida não é linear, nem ordenada. Também há um elo entre minha paixão alucinante naquele maravilhoso verão e minha obsessão pela morte no outono. E o elo é Katya.

Katya...

Três dias atrás voltei a Salies pela primeira vez em 24 anos, desde que deixei o exército e voltei para assumir o medíocre trabalho do velho médico da minha vila natal. Os quatro anos nas trincheiras haviam destruído minhas nobres aspirações; eu já não ansiava pela fama ou sonhava com aventuras; agarrei-me agradecido à paz e ao silêncio interior que encontrei na rotina insípida do trabalho numa vila do interior. Os anos passaram despercebidos e esquecidos, até que numa manhã



PDL – Projeto Democratização da Leitura

de outono eu me vi repentinamente 20 anos mais velho. Era hora de comparar os sonhos da juventude com as realizações da vida, pois era quase certo que eu nada mais iria fazer além daquilo que já fizera. Sentado em minha escrivaninha na noite dos meus 45 anos, eu me fiz uma das perguntas menos originais: para onde fora tudo? E a questão menos banal: o que, afinal, fora tudo aquilo?

Com o coração transbordando de saudade, com uma dor muito próxima do remorso, decidi voltar a Salies e procurar o fio da minha vida, onde ele fora cortado. Tive vontade de largar tudo e partir naquela mesma noite, mas há uma grande ironia na maneira como a vida cotidiana recusa-se a acompanhar o ritmo teatral da ficção. E passaram-se três dias antes que eu conseguisse umas férias e viesse passar duas semanas em Salies.

Há três dias que estou aqui, vagando só. Cheguei a comprar um caderno para escrever as lembranças daquele verão. Neste exato momento estou escrevendo nesse caderno, sentado próximo ao Gave, sob uma velha árvore curvada que permaneceu em minha memória desde o primeiro verão.

Externamente, Salies mudou muito pouco neste quarto de século. O mesmo estilo segundo império na fachada do cassino e das termas; a mesma elegância recatada na decoração dos restaurantes. Mas percebe-se certa melancolia nas pinturas e concertos adiados, pois Salies saiu de moda quando as novas tendências recusaram à mulher o prazer de viver uma meia-idade com todo o conforto, acomodada numa rotina de trivialidade e mordomia.

Hoje, 20 anos mais tarde, essas mulheres são levadas, por sua auto-imagem e por ideais externamente impostos, a brincar eternamente de uma juventude ridícula, emplastar-se de cosméticos e perseguir febrilmente os fantasmas da diversão, da determinação e da auto-realização.

Entretanto, o ramo hidropático da medicina francesa é sensível aos caprichos da economia e da moda: assim pouco depois que as senhoras abandonaram Salies, descobriu-se que suas águas possuíam uma combinação de sais e minerais que, juntamente com a temperatura,

tornavam-nas ideais para o tratamento de crianças com graves problemas de retardo mental.

O cassino e os atraentes hotéis tornaram-se estabelecimentos responsáveis pelo cuidado permanente desses infelizes que, para seu próprio bem, são mantidos afastados do cotidiano de seus frustrados pais. E hoje, pelas ruas onde um dia pares de senhoras elegantes exibiam seus vestidos cor de malva, filas de crianças aparvalhadas e apáticas tropeçam sob o controle de matronas desinteressadas que as levam diariamente aos banhos.

Lá, elas chapinham em águas tépidas ou recalcitram e fazem caretas ao engolir sua dose diária.

Mas não é pela mudança de tom e clientela que fica difícil registrar as lembranças daquele verão de antes da guerra. Na verdade, Salies foi poupada dos disparates arquitetônicos dos anos 20 e 30 que assaltaram a maioria das cidades de veraneio, sempre protegida pela sua nova posição



PDL – Projeto Democratização da Leitura

secundária; e assim, o mesmo ambiente físico estimula a minha lembrança e cada fato lembrado, por sua vez, traz à tona um outro incidente, uma outra imagem, um outro som.

Ainda há um outro elo, se bem que assustador, entre este e aquele verão de quase um quarto de século atrás. Como naquela época, correm agora boatos que anunciam uma guerra iminente. Há no ar uma espécie de agitação melancólica, uma histeria recolhida, uma leve febre de patriotismo.

Planos e projetos são suspensos; há um tom de desesperança nas bravatas e fanfarronadas canhestras dos jovens, já com certa expectativa de uma

mobilização, apesar da confiança geral na invencível linha do General Maginot.

Mas, apesar das semelhanças físicas e emocionais entre o presente e aquele passado distante, é difícil expressar minhas lembranças com clareza. O problema não está em recordar, mas em descrever, pois, embora eu me lembre de cada nota com exatidão, sinto que elas formam uma falsa melodia quando executadas em conjunto. E não são somente os anos de intervalo que distorcem os sons e as imagens; é a época em que ocorreram esses acontecimentos: antes da Grande Guerra, além do abismo de sofrimento e dor que separa dois séculos, duas culturas.

Aqueles cujas vidas remontam a antes da guerra vêem sua juventude abandonada nas costas de um continente longínquo, quase que estranho, onde se vivia num ritmo diferente e, o mais importante, num timbre diferente. As coisas que fazíamos e dizíamos, nossos motivos e métodos tinham implicações diferentes das que têm agora; assim sendo, talvez uma descrição daqueles acontecimentos seja precisa, sem ser verídica.

Mas eu prometi a mim mesmo que iria visitar o passado, remexer em todas as lembranças daquele verão e de Katya, e é isso que tenho de fazer, embora não esteja absolutamente seguro de conseguir escrever uma história concatenada.

Primeiro vi Katya à distância. Estava sentado exatamente aqui, debaixo desta velha árvore, com o caderno no colo, como agora. Com o pretexto de estar meditando, eu sonhava acordado; foi quando ergui os olhos e notei seu caminhar pelo gramado fofo em minha direção.

Meu primeiro olhar, um olhar de soslaio por debaixo do chapéu palheta, foi casual e eu logo voltei aos meus pensamentos, só para me sentir imediatamente atraído de novo. Mais tarde, confessei a mim mesmo que sentira algo de significativo em sua aproximação, mas isso é tolice. Foi, talvez, a determinação dos seus passos que chamou minha atenção. As senhoras que tomavam os ares e as águas de Salies perambulavam pelas alamedas do parque com uma languidez estudada, mexericando enquanto se absorviam num exercício leve, e sempre andavam aos pares, porque as senhoras daquela época não perambulavam sozinhas pelos parques.

A caminhada decidida de Katya não tinha nada que lembrasse uma caminhada a esmo.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Fiquei um pouco confuso e indeciso com sua aproximação, uma vez que concluí, por falta de alternativa naquele parque vazio, ser eu o seu objetivo. Será que eu devia me pôr de pé para cumprimentá-la? Será que isso não pareceria ousado, já que ela era uma estranha? Por outro lado, como poderia eu recebê-la, recostado numa árvore, com o caderno no colo e o chapéu sobre os olhos? Só quando se é jovem, com certo tipo de temperamento, é que se fica confuso e embaraçado numa situação tão trivial assim, e eu me enquadrava exatamente nesta categoria, pela idade e pelo temperamento.

Levantei-me e olhei ao redor teatralmente, querendo mostrar a ela que procurava o motivo da sua vinda e não era tão ousado assim para presumir que era eu. Permaneci onde estava, tirei o chapéu e esperei sua chegada com um sorriso que classificaria como vacilante, à espera de uma definição.

—Senhorita - arrisquei, quando ela chegou perto de mim.

—O senhor é o Dr. Montjean? - Este é um dos meus fardos.

Era um hábito meu ensaiar situações sociais e formular o que eu pensava serem respostas inteligentes e interessantes para perguntas simples. O efeito era afetado e artificial, e eu quase sempre lamentava as palavras depois de tê-las dito.

—Meu irmão sofreu um acidente, doutor. - O jeito desapaixonado com que ela disse isto sugeria não haver grande urgência.

—Sim? - Olhei pelo parque, esperando ver alguém se aproximar, um amigo ou o próprio irmão, pois quem iria mandar uma jovem buscar o médico, havendo outras pessoas disponíveis? -

Onde está seu irmão agora, senhorita...? - Ergui as sobrancelhas numa indagação do seu nome.

—Em casa.

—Em casa?

—É. Moramos em Etcheverria. Conhece a casa? - Confessei que não.

—Fica a dois quilômetros e meio daqui, pela Estrada Mauleon.

Tive de sorrir com a precisão.

—Dois quilômetros e meio, precisamente? - Ela assentiu.

—Podemos ir?

—Ah... Perfeitamente. Só tenho de apanhar minha maleta.

Ela virou-se e atravessou o gramado em direção à praça da cidade, antes que eu pudesse lhe oferecer o braço; tive de apressar o passo para alcançá-la.

—Como chegou até aqui? De carruagem?

—Vim de bicicleta. Deixei-a na praça.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

As jovens daquela época andavam de bicicleta por diversão e exibicionismo, mas daí a fazer disso um meio de transporte... As inibições impostas pela conveniência eram tão proibitivas quanto às causadas pelo vestuário. Achei curiosa sua indiferença em relação a essas inibições.

—Pode me dizer alguma coisa sobre o acidente de seu irmão, senhorita...?

—Treville. Bem, não creio que seja nada sério. Ele caiu da bicicleta.

—Da bicicleta?

—Nós estávamos apostando uma corrida e ele caiu.

—Uma corrida? Compreendo. - Arrisquei uma olhada para o seu perfil e fiquei impressionado pelo tom dourado, bronzeado, da pele, pela compleição saudável, tão rara nas mulheres de classe média, para quem a palidez não era só uma característica de beleza, mas constituía uma prova de ociosidade. Ela estava sem chapéu, um lapso das conveniências sociais, numa época em que as mulheres usavam chapéus leves, de abas largas, mesmo ao andar a cavalo ou ao dirigir um carro.

A cabeleira escura estava presa num coque, mas algumas madeixas haviam escapado - soltas, sem dúvida, pelo passeio de dois quilômetros e meio - e vinham brincar nas têmporas. Não seria justo descrevê-la como uma beleza, pois havia um vigor excessivo em seus traços, muita energia em sua expressão, para satisfazer o padrão de roliça beleza passiva. Seria mais exato defini-la como uma mulher interessante. Uma mulher muito interessante, em minha opinião. Eu estava olhando a linha graciosa do pescoço, a nuca recoberta por cachos macios, quando ela se virou para mim, com um olhar interrogativo, como se me perguntasse por que eu a olhava daquela maneira.

—Qual o tipo de ferimento de seu irmão? - perguntei rapidamente.

—Bem, ele está um pouco esfolado. Acho que quebrou a clavícula, mas não há nenhuma concussão.

Franzi a testa.

—Estou impressionado, Srta. Treville. A senhorita parece ter algum conhecimento de medicina.

Ela encolheu os ombros e suspirou num gesto de displicência, tal como os camponeses ou moleques de rua põem de lado algum assunto insignificante.

—Na verdade, não.

—Mas a maioria das pessoas, quase a totalidade das mulheres, teria dito quebrou o osso do ombro.

—Houve um verão em que eu me interessei por anatomia e li vários livros sobre o assunto. Só isso. Não há nenhum mistério.

Como posso explicar as implicações do fato de uma jovem no verão de 1914 ter interesse em anatomia? Seria algo como uma dessas jovens ousadas de hoje demonstrar interesse em pornografia.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

As regras de polidez não admitiam conversar sequer sobre a existência do corpo humano, muito menos das partes consideradas em separado.

Já tínhamos saído do parque e atravessávamos a rua principal de Salies em direção à clínica.

Duas mulheres do outro lado da rua pararam para comentar sobre a jovem sem chapéu que acompanhava descaradamente o jovem médico. E havia algo no vigor das passadas largas de Katya que poderia ser considerado pouco feminino. Não seria justo dizer que o andar das mulheres naquela época fosse afetado, mas certamente não era decidido, já que demonstrar pressa para ir a algum lugar era algo censurável.

—Como é que a senhorita sabe que seu irmão não teve nenhuma concussão? - perguntei.

—Os olhos dele reagiram à luz, com uma contração de pupila - respondeu ela, num tom de voz que sugeria uma explicação desnecessária do óbvio. - Qual seria a outra maneira de detectar uma concussão?

—Realmente, qual? - concordei, um pouco agastado. - Suponho que também houve um verão dedicado aos diagnósticos?

Ela parou e virou-se para mim, intrigada com a ironia do meu tom. Seus olhos buscaram os meus de um modo desconcertante, com uma expressão que refletia um misto de interrogação e divertimento, uma expressão que, como descobri mais tarde, era típica de Katya e muito do meu agrado.

—Errei invadindo seus domínios, não? - perguntou ela. - Sinto muito.

—Não, não é nada disso - protestei.

—Não?

—Claro que não... Bom, para falar a verdade, é sim. - Ri, mostrando todos os dentes. - Afinal, eu devia ser o médico velho e sábio e a senhorita a paciente aflita e admirada.

Ela sorriu.

—Prometo que da próxima vez que nos encontrarmos vou ser a paciente mais aflita e admirada que puder.

—Agora as coisas estão no seu devido lugar.

—E o senhor tem de fazer o papel do médico velho e sábio... Aliás, do médico jovem e sábio.

—Jovem... Mas digno.

—Digno, certamente. Diga-me, doutor, sua dignidade seria ofendida em saber que já passamos a clínica?

—Quê? Ah, passamos. Fingir que esqueço meu destino é um pequeno estratagema meu para testar a atenção de meu acompanhante.

—Muito esperto!



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Obrigado. Gostaria de entrar enquanto arrumo minhas coisas?

—Não, obrigada. Espero aqui.

Tomei emprestada a carruagem do Dr. Gros e rumamos para o sul; deixamos a cidade e entramos no campo, onde as macieiras que margeavam a estrada de terra deixavam o ar impregnado do cheiro das frutas que amadureciam. Apesar da minha prática em criar diálogos imaginários e trabalhar minhas observações até obter ditos espirituosos, não consegui pensar em nada agradável para dizer. Ela, por sua vez, parecia não estar interessada em conversa fiada, pois sentou-se com o rosto erguido para o sol, demonstrando um prazer evidente naquilo. Por duas vezes, virou-se para mim e sorriu de maneira impessoal, generosa. Ela se alegrava com o calor do sol, com a brisa gerada pelo movimento da carruagem e sorria agradecida ao momento que a fazia tão feliz. Eu estava incluído naquele sorriso como se fosse um personagem agradável, anônimo.

Incapaz de pensar em alguma coisa interessante, inteligente, que pudesse dizer, recaí no banal.

—Percebi que a senhorita não é desta região. - Ela não tinha aquele sotaque cantado e o e final característico do sul.

—Não. - Ficou em silêncio por alguns momentos; então pareceu perceber que aquele monossílabo era uma resposta meio seca. - Não, viemos por

causa das águas.

—Deve ser desagradável.

Ela já havia voltado a seus agradáveis sonhos. Passou-se algum tempo antes que ela dissesse:

—Desculpe. O senhor dizia...

—Nada de importante.

—Não? Compreendo. - Depois de uns instantes insisti.

—Simplesmente disse que deve ser desagradável.

—O quê? - Suspirei.

—Viver tão longe da cidade... Vir para cá por causa das águas e viver num lugar tão afastado. -

Eu, sinceramente, preferia não ter entrado neste assunto, que não era do meu interesse nem me oferecia nenhuma vantagem.

—Nós preferimos assim, de fato preferimos.

—Mas vocês não têm de vir à cidade diariamente para o tratamento com as águas, não é? -

perguntei isso, perfeitamente ciente de que ela não vinha sempre à cidade. Salies é um lugarejo muito pequeno e eu era um jovem romântico com muito tempo livre. Se ela viesse a Salies amiúde eu a teria visto; se eu a tivesse visto, certamente me lembraria dela.

—Nem todos os dias. Na verdade... - Ela sorriu, cumprimentando um velho camponês que percorria a estrada; ele fez um aceno com a cabeça, na saudação basca que tanto pode significar um



PDL – Projeto Democratização da Leitura

repúdio como um cumprimento. Depois se virou de novo para mim. - Na verdade, nunca vamos à cidade.

—Mas...

—Quando eu lhe disse que viemos para cá fazer um tratamento de águas, eu estava mentindo.

—Mentindo? - Sorri. - Você costuma mentir? - Ela assentiu, pensativa.

—Muitas vezes é a saída mais fácil, algumas vezes é a mais piedosa. Nós realmente estamos aqui por motivos de saúde e para evitar perguntas desnecessárias eu sempre digo que estamos fazendo um tratamento de águas.

—Compreendo. Mas o que... - parei logo e ri. - Eu já ia me deixar levar por uma dessas perguntas desnecessárias.

Ela riu junto comigo.

—Tenho certeza de que ia. Ah, chegamos. Naquele caminho à direita.

O estado do caminho - todo recoberto de capim, cheio de sulcos - atestava o longo período de desuso antes dos Treville ocuparem a casa. À medida que nos aproximávamos daquele casarão em ruínas chamado de Etcheverria, passamos por um muro destruído que cercava um jardim abandonado. Este se tornara um verdadeiro mato cerrado, cheio de ervas daninhas e umas poucas e mirradas flores do campo, única lembrança da passagem do homem por ali. O cavalo refugou duas vezes.

—Isto é assombrado, você sabe - disse ela com um sorriso.

—A senhorita não se importa em viver numa casa assombrada?

—Não, não é a casa. É o jardim. Diz à tradição que o jardim é assombrado - inclinando a cabeça pensativamente, acrescentou: - Bem, talvez a casa também seja assombrada. Acontece com a maioria das casas, de um jeito ou de outro.

—É uma observação bem interessante. Mas Dr. Freud argumentaria que a maioria das pessoas, e não a maioria das casas, é que tem seu próprio fantasma... De um jeito ou de outro.

Ela assentiu.

—Eu sei.

Fiquei realmente surpreso. E fascinado.

—A senhorita já leu a obra do Dr. Freud?

—Já, depois que aprendi o que queria de anatomia - disse ela sorrindo. - Acho que uma coisa leva a outra. Primeiro, aprende-se como as várias partes funcionam, depois fica a curiosidade de saber por que elas se dão o trabalho de funcionar.

Passamos pelo portão empenado. Não era necessário amarrar a égua, pois era um animal experiente acostumado a esperar calmamente na trilha. Quando eu me adiantei para oferecer a mão a



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Katya, ela já havia começado a descer sozinha. Minha desajeitada tentativa de dar a ela uma ajuda desnecessária e seu esforço de última hora para aceitar o apoio dispensável de minha mão culminaram numa aproximação embaraçosa que nos fez rir.

—Essa é a essência da comédia vulgar - disse ela.

—Ou do romance sublime - acrescentei. Ela sorriu para mim.

—Não. Acho que só da comédia barata.

—É, talvez a senhorita tenha razão. É a primeira vez que danço com uma mulher que não... -

Tenho certeza de que corei até a raiz dos cabelos ao perceber que minha mão ainda estava pousada em sua cintura. Retirei-a imediatamente.

Ela me conduziu em direção à casa.

—Uma mulher que não... O quê? - perguntou por sobre o ombro.

Como é que eu podia dizer: que não usa espartilhos? Ainda sentia na mão a textura agradável da carne macia sob o plano firme.

—Que não... - pigarreei - Não é minha parenta. - Ela me olhou de esguelha.

—Não acredito.

—Muito bem. Eu costumo mentir, sabe? Muitas vezes é a saída mais fácil e algumas vezes é a mais piedosa.

Ela riu novamente.

—Está bem.

A fachada da casa demonstrava abandono; a umidade progressiva havia comido o reboco em alguns lugares onde já se podia entrever a pedra irregular. Enquanto entrávamos no hall central, senti o frio úmido que devia tornar a casa extremamente desconfortável no inverno.

—Katya! - chamou uma voz masculina de um cômodo perto do hall.

—Sim, Paul - respondeu ela. - Trouxe o médico comigo. O socorro está a caminho, se você conseguir se agarrar à vida por mais alguns instantes.

Uma gargalhada ecoou no hall. Ela me convidou a segui-la até o salão.

—Paul, este é o Dr. Montjean. Dr. Montjean, eis meu pobre e avariado irmão.

Quando ele se levantou da cadeira, com o braço direito amarrado ao peito por faixas de linho, não pude disfarçar meu espanto.

Eles eram gêmeos. Todos os traços idênticos: a boca carnuda, a testa alta, as maçãs do rosto salientes, o queixo firme, o cabelo castanho. Os traços eram idênticos, mas o efeito surpreendentemente diferente na medida em que os mesmos elementos eram interpretados no contexto dos respectivos sexos. O que nela salientava-se como uma beleza marcante, nele parecia



PDL – Projeto Democratização da Leitura

frágil, quase que efeminado. O que nos movimentos dela era graça, nos dele, parecia afetação. Um crítico severo diria que Katya tinha um pouco a mais enquanto que ele um pouco a menos.

Essa diferença na igualdade era mais evidente nos olhos. Os mesmos olhos amendoados, levemente inclinados, a mesma cor acinzentada que os numerosos cílios escuros tornavam admiráveis, mas o efeito era totalmente oposto. Ela possuía uma suavidade no olhar que parecia convidar as pessoas a mergulhar em seu íntimo. O olhar dele era impenetrável, duro como aço.

A luz não conseguia atravessar os olhos dele, enquanto que parecia surgir de dentro dos olhos dela. Os olhos de Katya eram pontes; os de Paul, barreiras. Eles se riram da minha surpresa.

—É uma velha brincadeira, doutor. Não dizer antes às pessoas que somos gêmeos - disse o rapaz enquanto apertava a minha mão com aquele cumprimento às avessas de mão esquerda. - Mas nós nunca nos cansamos de ver a reação das pessoas quando nos vêm juntos pela primeira vez.

Desculpe a brincadeira, mas há tão pouco com que nos divertimos neste fim de mundo.

Procurei recuperar meu autodomínio usando um tom profissional.

—Sua irmã me disse que o senhor caiu da bicicleta. - Ele olhou para ela e sorriu.

—É, este é um modo de descrever o acidente. Na verdade...

—Vou providenciar algo para bebermos - atalhou ela rapidamente. - Um chá, doutor?

—Por favor.

Quando Katya saiu da sala, o irmão elevou a voz para que ela o pudesse ouvir,

—É um modo de descrever o acidente, doutor. Na verdade, minha boa irmãzinha me derrubou da bicicleta.

—Bobagem! - respondeu ela do fundo do corredor. Ele riu e balançou a cabeça enquanto eu desfazia a atadura habilmente colocada. Estremeceu ao primeiro contato, mas continuou falando enquanto eu prosseguia o exame.

—É verdade, sabe? Ela rouba no jogo. Nós estávamos apostando corrida até o fim da trilha, ida e volta e... Ai! Meu Deus! Se quer saber se está doendo, está.

—Sinto muito.

—E isso basta? Bem, eu passei a frente dela na corrida com um subterfúgio inofensivo: comecei a pedalar antes de ela estar pronta. Eu já estava voltando e o que foi que ela fez? Ela... Ai!

Diabos! Seu último trabalho foi na Inquisição? Está quebrado, imagino.

—Está.

—Que azar! Bem, quando eu estava passando por ela na volta, ela me deu um chute, jogando-me contra o muro. Foi exatamente isso que aconteceu. No Jockey Club certamente eles a teriam desclassificado.

—O Jockey Club? Então vocês são parisienses? - Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Somos. Estou admirado por ver que o doutor já ouviu falar do Jockey Club. Pelo seu sotaque pensei que fosse daqui mesmo.

—Não sabia que eu tinha sotaque.

Na verdade, quando estudara em Paris tive muito trabalho para perder meu sotaque basco, na medida em que suas conotações rudes eram motivo de pilhéria para meus colegas.

—Não é propriamente um sotaque. É mais um problema de ritmo que pronúncia. Eu me interessou um pouco pelo estudo da pronúncia. Nada é tão característico da origem e da classe como os hábitos da fala.

Paul Treville tinha um jeito de falar, certa languidez e nasalidade, característica da classe alta parisiense; um som que costumava me

incomodar porque lembrava riqueza e conforto, enquanto que eu tive de trabalhar e lutar pela minha instrução.

Era um padrão de linguagem que sempre considerei, não como uma pronúncia, mas como uma afetação.

—Se me pedissem para descrever sua pronúncia, doutor, diria que é a fala de um homem que procurou perder seu sotaque sulista e quase conseguiu.

Obviamente, foi a propriedade da avaliação que me irritou. Todos nós queremos ser compreendidos, mas ninguém gosta de ser óbvio. Infelizmente, não consegui disfarçar meu aborrecimento, pois ele sorriu de um jeito revelador do seu prazer em me atingir.

—Você não é jovem demais para ser médico?

—Acabei de sair da faculdade.

—Ah! Espero não ser seu primeiro paciente.

—Seria melhor se esperasse não ser o último. Não se mova. Tenho de imobilizar seu braço contra o peito. Pode ser que doa um pouco.

—Sei que vai doer. Então você já ouviu falar no Jockey Club não é? Suponho que não era sócio.

—Suposição correta. Minhas lembranças de Paris são as de um estudante pobre; a vida de boêmia, cujas histórias são sempre melhores que a realidade. O preço para se tornar sócio do seu clube, mesmo supondo que eu tivesse achado um proponente, probabilidade muito remota, daria para pagar todos os meus estudos.

—É, acho que sim. Mas talvez tivesse sido um investimento melhor, a longo prazo, você teria conhecido um tipo de gente melhor.

—As pessoas importantes?

Ele sorriu com a ironia do meu tom de voz, mas eu apaguei aquele sorriso com um puxão na atadura, mais firme que o necessário.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Ai! Você sabe que isso dói, não é?

—Hum, hum.

—Você parece preso à ilusão de que as pessoas importantes são as que trabalham duro, doutor.

Funileiros, pedreiros, lavradores... Médicos. Está desprezando o grande valor social da aristocracia.

—E que valor é esse? - perguntei, enquanto envolvia o peito liso com a faixa de gaze.

—Desde o suicídio cultural da Revolução, a função da minha classe é mostrar à burguesia um exemplo concreto dos males do desperdício. Eu cumpri meu dever com admirável zelo, dedicando-me a apostas, tiro ao alvo, promiscuidade, gracejos vazios... Todas as preocupações tradicionais de um jovem mundano.

—Como isso deve ser maçante, não?

—Realmente é!

—E para quem o ouve.

—Ah! O rapaz também sabe se defender.

—Procure ficar quieto.

—Já meu pai tornou-se um inútil de um modo mais indireto. Ele é um estudioso. Infelizmente, acho que essa inutilidade passa despercebida, sem ser devidamente apreciada, já que é uma qualidade inerente aos acadêmicos.

—E a sua irmã?

—Katya? Você tocou no ponto fraco. Gosta de trocadilhos?

—Não muito.

—Pena! Katya é a vergonha da classe. Se lhe dessem uma pequena oportunidade, acho que ela se envolveria em todas essas nobres atividades. Felizmente, ela não tem oportunidade de se deixar levar por esses desvarios. Assim, nossa tradição familiar de inutilidade continua imaculada. Bem, doutor. Qual é o diagnóstico? Estou condenado a me arrastar pelo resto da vida como um mutilado sem esperanças?

—Fisicamente, não. Vamos deixar esse braço e esse ombro imobilizados e a Natureza vai cuidar do resto. Pode ser que isso leve um mês para ficar bom.

—Um mês!

—Tudo tem o seu tempo, Sr. Treville. - Ele me olhou intrigado.

—Treville? Katya lhe disse que nosso nome é Treville?

—Por quê? Não é?

Ele fez um muxoxo e um gesto de displicência com a mão livre.

—Claro! Treville. É! Até que gosto do som, e você? - Senti que ele estava se divertindo à minha custa, e há poucas coisas piores para um jovem cuja frágil dignidade não se sente amparada



PDL – Projeto Democratização da Leitura

por realizações. Meu ressentimento ficou patente na maneira brusca e silenciosa com que terminei a atadura e no tom frio que usei para me dirigir a ele.

—Pronto, Sr. Treville. Ainda há outros ferimentos? Estou com um pouco de pressa.

—Mesmo? - Paul Treville sorriu, arqueando as sobrancelhas. - Sabe, doutor, se há uma coisa que me diverte é ver como vocês, médicos, se dão uns ares superiores sem outro motivo a não ser ter escapado de ficar atrás de um balcão, por terem lidado alguns anos com produtos químicos, pus e fetos em salmoura. Vocês parecem esquecer que ganham a vida vendendo seus serviços a quem tem dinheiro.

—É o caso de muitos outros profissionais.

—É verdade! Prostitutas, por exemplo. - Encarei-o longamente em silêncio. Depois repeti com frieza:

—Há outros ferimentos? Tonturas? Náuseas? Dores de cabeça?

—Só o arranhão e a pancada. Mas tenho certeza de que eles vão sarar com o tempo. Parece que o tempo é sua imagem de panacéia universal. Já pensou em dividir seus honorários com o velho Pai Tempo?

Eu estava a ponto de retrucar à altura, quando Katya entrou trazendo uma bandeja de prata com um bule e xícaras.

—Vamos para o terraço?

Ainda melindrado com a atitude de seu irmão, senti ímpetos de dizer a ela que tinha muitos compromissos marcados para perder tempo com um simples chá; duas coisas, porém, me detiveram.

Primeira, a lembrança da postura lânguida em que Katya me encontrara no parque, o que tornaria minha desculpa ridícula. Segunda, o fato de que eu estava apaixonado por ela.

Não me dei conta disso naquele momento, mas a compreensão tardia clarifica os fatos, apagando os detalhes enevoados, e agora tenho a certeza de que eu estava no primeiro estágio de interesse, afeição, excitação que logo desabrocharia no amor. Ainda não acontecera nada de significativo entre nós - o perfil bronzeado que admirei quando andávamos no parque; as madeixas de cabelo nas têmporas; a expressão dela ao me encarar, num misto de sinceridade e diversão; o toque accidental de sua mão; a textura da pele que senti quando a ajudei a descer da carruagem - nada de substancial.

Mas as partículas que constituem o amor são muito sutis para serem subdivididas ou analisadas, como o amor é grande demais para ser percebido num determinado instante ou a partir de um momento propício. Acima de qualquer razão, de qualquer lógica, e sem o saber, eu estava apaixonado por ela.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Expressei meu sentimento com uma contenção admirável: respondi que adoraria tomar chá no terraço.

Paul ergueu-se e disse que teria de se privar do prazer e do encanto de minha companhia já que precisava ir para o quarto descansar, na esperança

de que o tempo se apiedasse dele e o curasse. Ele se curvou para mim numa deferência meio trocista, enquanto dizia:

—Acima de tudo, doutor, evite desafiar minha irmã em qualquer assunto. Se ela ficar com medo de perder uma disputa, não vai hesitar em lhe acertar o bule na cabeça.

Quanto a você, Katya, deixe-me avisá-la de que nosso bom doutor parece estar meio belicoso.

Sem dúvida, um pouco sensível quanto a suas limitações na cura do corpo. Bem, divirtam-se.

Ao incidir nos ramos das árvores os raios de sol formavam contrastes de luz e sombra no terraço onde sentávamos, dominando o jardim úmido e abandonado. A brisa suave desenhava sombras no vestido de cambraia branca de Katya, todo guarnecido de rendas nos punhos e na gola alta, e a luz, refletindo no corpete, parecia fazer seu rosto brilhar. Eu a observava absorto, enquanto ela servia o chá com gestos delicados, decididos. Aquele desembaraço era fruto da educação, como também o era a superioridade indolente do irmão. Fiquei novamente impressionado pelas semelhanças e benditas diferenças entre eles.

—Vocês vivem sozinhos aqui... A senhorita e seu irmão?

—Uma empregada da cidade vem de vez em quando.

—Não para cuidar do jardim. - Fiz um gesto na direção daquela selva exuberante à nossa frente.

Ela riu.

—Isso não é justo. Trabalhei horas e horas para criar um efeito natural, selvagem. E nada disso parece impressioná-lo.

—Mas eu fiquei impressionado. A senhorita conseguiu um efeito... Único no gênero.

—Obrigada - disse ela, inclinando a cabeça num gesto de aceitação do elogio.

—E seus pais? - perguntei. - Onde estão eles?

—Minha mãe morreu no parto... Nosso parto.

—Sinto muito.

—Não, não sente, é claro. Como é que poderia sentir? Mas gostei da manifestação de solidariedade convencional.

—E seu pai?

Ela olhou para o jardim e bebericou o chá. Recolocou a xícara no pires e disse alegremente:

—Papai é bastante sadio.

—Ele vive com vocês?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Nós vivemos com ele, para ser mais exata.

Eu estava meio surpreso. Se havia mais um homem vivendo naquela casa, por que mandaram Katya de bicicleta, buscar um médico naquela distância toda até Salies?

Ela sorriu.

—Para ser sincera, papai ainda não sabe sobre o pequeno acidente de Paul. Os problemas cotidianos estão acima da capacidade de reação dele. Não, deixe eu lhe explicar melhor; não é uma questão de reação, mas de interesse.

Ele dedica a maior parte do dia a seus estudos - frisou aquela palavra com muita graça, imitando, presumi, a voz do pai.

—Que tipo de estudos?

—Só Deus sabe! Ele se debruça sobre grossos volumes e procura reduzi-los a uns esboços que anota em cadernos fininhos. De vez em quando ele deixa escapar um "Hum" ou "Ah!" ou "Quê" -

Sorriu. - Não, não estou sendo justa. Ele é um velhinho muito querido, apaixonado pela vida e pelos costumes de cidades medievais, uma paixão que lhe absorve o tempo e a mente, impedindo-o de pensar no aqui e agora. Às vezes, penso que papai acha que estamos numa época pós-histórica e insignificante.

—É dai que se origina seu interesse pelos livros, pelo conhecimento? Não há muitas mulheres que se interessem por anatomia ou pelo Dr. Freud.

—Nunca me preocupei com o que as outras mulheres fazem. Mais uma xícara?

—Por favor.

Enquanto se inclinava para servir o chá, ela perguntou de modo suave, como se aquilo estivesse o tempo todo em sua mente:

—O senhor não gosta de meu irmão, não é?

—Por que a senhorita disse isso?

—Havia certa tensão no ar quando eu trouxe o...

—É, creio que sim.

—E então? O que o senhor achou dele?

—Posso dizer?

—Sinal de que vai dizer algo desagradável, não é?

—Não podia ser agradável e sincero ao mesmo tempo.

—Minha nossa! - disse ela numa exclamação divertida. - Isso é que é franqueza.

—Eu não pretendia ser grosseiro...

—Mas?

—Bem, a senhorita não acha que ele é um pouco arrogante?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Ele é só brincalhão.

—Talvez. Posso lhe perguntar se o seu nome é mesmo Treville?

Ela me olhou, surpresa.

—Mas que pergunta mais estranha!

Comecei a explicar que não se tratava absolutamente de uma pergunta estranha, levando-se em conta a reação de Paul ao chamá-lo de Sr. Treville, mas ela me interrompeu.

—Compreendo. Ele fez o senhor acreditar que nosso nome não era Treville.

—Realmente fez.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

—É bem típico dele.

—Não sei. Acho que sim.

—Só uma de suas brincadeiras. Ele gosta de ter as pessoas... Gosta de deixá-las fora de si. O

senhor tem de perdoá-lo.

—Tenho?

—Eu tinha esperança de que vocês dois ficassem amigos. Ele não conhece ninguém por aqui.

—Acho que essa possibilidade de ficarmos amigos é um pouco remota.

—Isso é ruim. O pobre rapaz tem uma inteligência brilhante e não tem onde exercitá-la neste fim de mundo. Ele está morrendo de tédio.

—Por que ele não vai para outro lugar qualquer?

—Ele está preso a isto aqui.

O tom que ela usou proibiu-me de insistir no assunto. Assim, perguntei:

—Por que ele não lê, estuda, como a senhorita?

—As idéias dos outros o aborrecem. Vamos passear no jardim?

Foi um modo tão flagrante de mudar de assunto que tive de sorrir.

—Será que não vamos precisar de um nativo para abrir uma trilha para nós?

Ela riu enquanto caminhava a minha frente.

—Não, já tem um caminho batido. Costumo passar horas e horas no fundo do jardim. Há um pavilhão... Ou o que restou de um pavilhão, onde eu gosto de me esconder com um livro qualquer.

Bem, se o senhor se perder, nós vamos ter de reunir uma equipe de salvamento para encontrá-lo; mas o senhor está seguro perto de mim.

—Não posso imaginar nada menos seguro do que ficar perto da senhorita, como também nada melhor.

Ela franziu a testa.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Isso é indigno do senhor, Dr. Montjean. Parece que os homens não percebem que os galanteios infantis algumas vezes chegam a ser uma terrível maçada. A mulher tem de ou fingir que não ouviu, ou corresponder. E, muitas vezes, a vontade é de não fazer nem uma coisa nem outra.

Senti-me corar até a raiz dos cabelos.

—Sinto muito. A senhorita tem toda a razão, claro. Posso lhe confessar uma coisa?

—Não, trata-se de uma confissão muito trivial.

—Então, por favor, faça sua confissão. Eu me contento com o trivial.

—Na verdade, é mais uma explicação do que uma confissão. O galanteio que a senhorita repeliu com toda a razão é consequência de um hábito terrível que adquiri.

Quando estou sozinho, sonhando acordado, fico imaginando diálogos espirituosos.

Mas quando eu os impinjo às pessoas, essa originalidade desaparece e o que resta é uma coisa artificial e pomposa. Eu não quis ser atrevido. Mas confesso que fui desajeitado. A senhora me perdoa? - Ela se virou para mim. Seus olhos buscaram os meus.

—Qual é o seu primeiro nome, Dr. Montjean?

—Jean-Marc.

—Jean-Marc Montjean. Parece nome de personagem de romance do século XIX. Não é de admirar que o senhor seja um romântico. - Encolhi os ombros.

—Por acaso ouvi seu irmão chamá-la de Katya?

—Sim.

—Katya? Apelido russo de Catherine? Mas a senhorita não é russa, é?

—Não. Meu nome não é Catherine. Sem o mínimo respeito pelos delicados sentimentos de uma jovem, sem qualquer sensibilidade poética, meu pai me batizou com o nome de Hortense.

Quando pude compreender que há gente capaz de fazer esse tipo de coisa, mudei meu nome para Katya.

—Mudou seu nome? Por meios legais?

—Não. Pela simples imposição da minha vontade. Simplesmente eu me recusava a responder quando me chamavam de Hortense e não fazia nada do que me pediam até me chamarem de Katya.

—E é a senhorita que me acusa de romântico.

—Não era uma acusação. Era simplesmente uma definição.

—A senhorita deve ter sido uma criança muito decidida para conseguir que todos se acostumassem a tratá-la por outro nome.

—Uma pestinha seria uma descrição mais exata - ela se virou e continuou avançando pelo caminho estreito.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

À medida que a vegetação ficava mais cerrada, ia subindo da terra úmida um cheiro forte de ervas. Senti um calafrio.

—Bem, o fantasma deve estar por perto - comentei, procurando aliviar o mal-estar com uma brincadeira.

Ela parou, virando-se para mim com uma expressão séria no rosto.

—Fantasma? Nunca pensei em fantasma.

—Então o que assombra este lugar, se não há fantasmas por aqui?

—Um espírito. Sei que ela é mais um espírito do que um fantasma.

—Então é uma mulher, o f... Espírito.

—É uma menina. Fantasma, francamente! Que idéia mais sinistra!

—Talvez, mas há algo de sinistro nos fantasmas.

—Pode ser no caso dos fantasmas, mas não no dos espíritos, que são uma ordem de seres mais evoluída. E não quero ouvir mais nada sobre isso. Bem, chegamos. O que o doutor acha da minha biblioteca particular?

Examinei as ruínas daquilo que um dia fora um encantador pavilhão.

—É magnífica... Magnífica! Uma demão de tinta não ficaria mal. Também acho que algumas grades novas no lugar das quebradas não estragariam o conjunto. Mas gosto desse toque original de deterioração nos alicerces. E aquele arqueamento displicente das vigas. Essa sua biblioteca é uma maravilha arquitetônica, um desafio às leis da gravidade.

—É uma construção de tal leveza que não é obrigada a obedecer às leis da gravidade. Qual o porquê dessa cara?

—Que trocadilho mais infeliz!

—O doutor não gosta de trocadilhos?

—Não muito, como já lhe disse antes.

—Mas o senhor nunca me disse que era um inimigo declarado do trocadilho nobre.

—Disse... Ah, não. Foi ao seu irmão. Essa simpatia pelo trocadilho é uma característica de família?

—Usamos as palavras irreverentemente, se é o que o senhor quer dizer.

—Não, não é, mas pode ser. - Olhei ao redor e comentei: - Não se pode ver a casa daqui.

—E o que é mais importante, da casa não nos podem ver - completou ela, sorrindo para mim.

Depois de uma breve hesitação, sem saber se devia interpretar aquilo como um convite a qualquer tipo de intimidade, tomei a mão dela entre as minhas. Ela não ofereceu resistência, mas também não respondeu ao meu aperto afetuoso. Simplesmente me encarou, franzindo a fronte, não em sinal de aborrecimento, mas de interrogação.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Srta. Treville... - disse eu, sem mais nada para acrescentar.

—Sim?

—A senhorita é muito bonita. - Ela riu.

—Isso não é verdade, o senhor sabe. Acho que sou uma mulher interessante. Saudável.

Agradável de olhar. Mas não sou bonita, e é tolice sua afirmar isso.

Remoí meu constrangimento em silêncio. Queria explicar a ela que meu gesto de afeto não implicava um desrespeito. Simplesmente, ela parecia tão livre, viva, tão... Moderna, pensei... Achei que ela ia entender minha franqueza... Ah! Não conseguia achar as palavras certas para me explicar.

—O senhor gosta de segurar minha mão? - perguntou ela, num tom de interesse.

—Ah... Gosto. Claro!

—Muito bem. - Deixou-se ficar sem relutância, com a mão documente entre as minhas, até que uma sensação de constrangimento fez-me soltar sua mão com um último aperto de adeus.

Temí que minha audácia tivesse estragado a amizade espontânea que brotava entre nós; procurei, então, dizer alguma coisa.

—Seu pai, pelo que entendi, não está muito bem de saúde.

Fiquei surpreso com o efeito desta observação casual. Seu semblante ficou carregado e ela recuou uns passos.

—De onde o senhor tirou essa ideia?

Gaguejei:

—Bem... A senhorita disse que sua família está aqui por motivos de saúde. A senhorita é obviamente... Saudável - procurei fazer uma brincadeira - e exceto pela mania de pular de bicicletas em movimento, seu irmão me parece bastante normal. Naturalmente supus que o seu pai é que estivesse doente. - Encolhi os ombros.

—Compreendo. - Sua expressão desanuviou-se e ela sorriu. Então, para minha surpresa, deslizou o braço pelo meu e conduziu-me de volta à casa pelo mesmo caminho. - Acho que vamos ter um problema com a minha bicicleta - disse ela, revelando uma de suas características que eu logo iria reconhecer como um jeito de mudar bruscamente de assunto, de um modo que só fazia sentido para ela.

—Que tipo de problema?

—Dos de menor importância, suponho. Eu não estava pensando em voltar a Salies agora. Será que o senhor se importaria em pegar a bicicleta na praça e guardá-la até amanhã?

—Com todo prazer. Mas como é que a senhorita vai à cidade amanhã?

Ela encolheu os ombros.

—A pé, obviamente. A distância é pequena.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Ah, é. Exatamente dois quilômetros e meio, de acordo com minha memória.

Um olhar de prazer animou sua expressão.

—Não seria espantoso se fosse isso mesmo? Nunca medi a distância, sabe? Notei que as pessoas ficam fascinadas com medidas exatas e invento os números usando a imaginação. Não seria espantoso se um deles estivesse certo?

Ousei fazer uma pressão em sua mão, apertando meu braço contra o corpo.

—A senhorita é uma pessoa diferente, excepcional, sabe? Será que um rapaz pode lhe dizer isso, sem incorrer no erro de aborrecê-la com galanteios infantis?

—Pode.

Atravessamos o terraço e chegamos até a carruagem, onde a velha égua resistia estoicamente, contraindo, ocasionalmente, um músculo, para espantar as moscas.

—Então, até amanhã? - perguntou. Sorri para ela e assenti.

—Até amanhã.

E ela voltou para casa.

Enquanto me aproximava da carruagem, notei, por baixo da roda, uma pedrinha com um desenho particularmente interessante. Automaticamente apanhei a pedra, como fazia quando era criança, hábito que costumava irritar a tia com quem passei a viver depois da morte de meus pais.

Sempre que titia encontrava pedras ao limpar a casa, fazia o favor de jogá-las fora. A perda nunca me perturbava, já que eu não estava interessado em colecionar pedras, mas em apanhá-las. A razão para isso parecia-me

excelente, embora eu saiba que ninguém vá entender: se eu não as apanhasse, quem o faria?

A carruagem ainda não tinha percorrido 30 metros, quando ouvi a voz de Katya chamando meu nome. Freei, voltei-me e vi Katya correndo em minha direção, com a saia arrepanhada numa mão e a minha maleta na outra. Quando ela chegou, corada e um pouco ofegante, eu já havia descido.

—O que a senhorita vai pensar de um médico que esquece suas ferramentas de trabalho? -

perguntei.

Ela riu.

—Nosso Dr. Freud diria que foi proposital.

—Ele estaria certo, Srta. Treville. Acho que deixei para trás mais do que uma simples maleta.

Ela balançou a cabeça tristemente e sorriu, como sorrimos para uma criança teimosa, mas que não deixa de ter o seu encanto cativante. Então, num impulso se pôs na ponta dos pés e deu-me um leve beijo no rosto.

Procurei algo para dizer, mas, antes que eu pudesse falar, ela tocou meu rosto com a ponta dos dedos e disse:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Não diga nada. - Os olhos francos procuraram os meus. - Posso lhe dizer uma coisa? Você é o primeiro homem estranho que eu beijo. Não é extraordinário?

—É... Extraordinário... Eu... - não pude encontrar as palavras certas. - Aqui - disse, pressionando algo em sua mão.

—O que é isso?

—Um presente. Uma pedra.

—Uma pedra? - Ela olhou para a pedrinha na mão e então sorriu para mim. - Acho que é a primeira vez que alguém me dá uma pedra de presente. Na verdade, tenho a certeza de que é a primeira vez. - Ela encarou-me com aquela sua expressão divertida. - Obrigado, Jean-Marc Montjean. - Virou-se e retornou pelo mesmo caminho.

O retorno a Salies foi acompanhado pelos devaneios comuns, mas maravilhosos, de um jovem.

Eu jamais conhecera alguém como Katya (para mim eu já a chamava pelo primeiro nome). Estava fascinado pelo idealismo e franqueza rude de sua conversa, pela argúcia e vivacidade de seu pensamento, pelo anticonvencionalismo que nela, diferentemente de tantas outras jovens modernas, não era um esforço desesperado para ser original.

Uma hora depois, ainda inebriado pelo prazer arrastei a bicicleta de Katya pela praça na direção de minha pensão.

—Ora! O que significa isso? - perguntou o Dr. Gros, oculto pelas sombras do seu café predileto sob a arcada que cercava a praça. - Venha para cá, meu jovem.

Encostei a bicicleta numa das colunas da arcada e juntei-me a ele, com uma sensação de bem-estar tão grande pelas lembranças de Katya que minha benevolência se estendia até ao Dr. Gros.

—Sente-se, Montjean, e prepare-se para encarar os fatos. Vamos examinar esses acontecimentos macabros um por um; vamos ver se há um esquema nisto. Primeiro, uma moça atraente chega de bicicleta. Segundo, ela deixa a cidade na companhia de um jovem médico de feitos razoavelmente medíocres e que vive defendendo rígidos princípios morais, o que o torna

automaticamente suspeito. Terceiro, o jovem doutor é visto andando furtivamente pela cidade com a bicicleta, mas sem a moça. Logicamente, há alguma sujeira nisto. Tome um gole, Montjean, enquanto descobrimos a terrível verdade que há por trás desse mistério.

Eu estava de muito bom humor; satisfeito por estar ali com ele, tomando minha bebida enquanto o céu escurecia deixando apenas uma faixa avermelhada no horizonte a oeste.

—Como você ficou sabendo da moça? - perguntei.

—Contribuí, sem querer, para o seu trágico destino. Essa imprensa marrom que caça todos os casos sujos vai dizer que fui eu, Hippolyte Gros, médico de fama e cavalheiro de muitos predicados, quem aconselhou aquela moça a consultar você, menos de vinte quatro horas antes que ela



PDL – Projeto Democratização da Leitura

encontrasse seu trágico fim. Meu caro rapaz, se eu tivesse a mais leve desconfiança de que você desejava tanto uma bicicleta, teria contribuído de alguma forma. Os juízes com suas togas vão concordar comigo que dessa vez você foi longe demais.

Ri-me enquanto o garçom me servia um pastis.

—Então foi você quem sugeriu que ela me procurasse?

—Exatamente. Ela chegou à clínica, descrevendo o acidente do irmão como um incidente trivial que qualquer um poderia tratar. Naturalmente, a frase "qualquer um" me fez pensar em você.

Eu estava ocupado com uma paciente cuja confiança venho tentando conquistar a algum tempo e, além disso, a garota era jovem demais para o meu gosto. Dê-me mulheres casadas, de certa idade.

Elas são muito discretas... E gratas. E então? Conte-me tudo. Ela implorou para ficar com a bicicleta? Você ficou insensível aos seus gritos pungentes? Louco de vontade para montar na bicicleta?

—Não - respondi rindo.

—Louco de paixão.

—Não!

—Alguma coisa deve ter deixado você cego. A cegueira é uma característica da sua geração.

Ah! Foi a bebida, aposto. Sempre desconfiei dessa paixão por bebidas, Montjean. Especialmente quando aliada à resistência de beber com os amigos. Muito bem, estou vendo que você quer ser discreto em relação a sua conquista. Vamos falar sobre esses problemas menores que afligem o planeta. Os jornais estão cheios de notícias de guerra. A Alemanha está ameaçando; a França, mostrando as garras; a Inglaterra, vacilando; a Bósnia... Onde diabos fica a Bósnia, por falar nisso?

Um desses países imaginários no canto direito do mapa. Jamais confie nessa gente. Se tivessem boas intenções, não precisariam se esconder assim. Ajude-me a entender isso, Montjean.

Utilize essa sua mente superior, civilizada, e diga-me de uma vez por todas: vamos ou não vamos ter guerra? Dá tempo de pedir o jantar antes do bombardeio começar?

—É algo que não lhe posso responder.

—Começou você de novo, sempre tão seguro. O excesso de autoconfiança é um péssimo defeito da sua geração... Esse e a cegueira. E a recusa de beber com os amigos. Bem, se você não sabe, eu sei. Não vai haver guerra

nenhuma. Eu lhe dou minha palavra. - Tomou fôlego e fez uma careta cômica. - Mas eu tenho de lhe confessar que fui o único a sustentar que os prussianos só estavam blefando em 1870.

—Dr. Gros, posso lhe fazer uma pergunta séria?

—Você tem o dom de estragar uma boa conversa. Muito bem. Diga.

—O que o senhor sabe sobre os Treville?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Ah, ah! Como pensei! Curiosidade. O oitavo pecado capital e uma astúcia notória. É pior que a luxúria. Só Deus sabe quantos negócios sórdidos já foram provocados pela curiosidade sexual.

Há algo de afrodisíaco na interrogação: como ela será na cama? Nada, obviamente, como o sabor de descobrir. Você me perguntou o que eu sei sobre os Treville. Sei o que toda a cidade sabe. Tudo e nada. Os Treville foram totalmente indiferentes às perguntas dúbias dos empregados, balconistas e comerciantes que lidaram com eles desde que a família se estabeleceu aqui há um ano.

Então, as mentes rudes sentiram-se livres para criar... Ou melhor, obrigadas a criar uma biografia apropriada em que se pudessem encaixar os poucos fatos que são conhecidos sobre os Treville. De um modo geral, as mulheres mais idosas de Salies acham que têm a obrigação de inventar e espalhar rumores cheios de detalhes sinistros para proteger os Treville dos mexericos excessivamente criativos. O que você quer saber?

—Tudo.

—Muito bem. Vou compartilhar com você o emaranhado sutil de fatos e suposições que se fazem passar por verdadeiros. Imitando o Gênesis, devo começar: "no princípio...", um começo perigosamente parecido com "era uma vez...", como todo teólogo consciencioso sabe.

Bem, os Treville chegaram de Paris há um ano. São três. Pai e dois filhos que, suponho que você tenha observado, são gêmeos... Uma situação em si já suspeita. Eles alugaram uma casa em ruínas chamada Etcheverria, em condições tão boas para o proprietário que ele ocorreu à cidade e pagou bebida para todo mundo, num ímpeto de generosidade que lamentou desde então.

Desde a chegada, os Treville vivem reclusos, pecado que os mexeriqueiros da cidade não podem perdoar. Posso lhe oferecer outro copo? Não? É desumanidade alardear sua abstenção desse jeito, sabe? Uma dessas crueldades insensíveis da juventude. Dizem que o pai é um estudioso, com todo aquele estigma associado a essa arte nefanda. O filho é tido como um imprestável, esnobe e, como ainda não foi apanhado fugindo pela janela de uma camponesa, há suposições de que ele possa ser efeminado. Afinal, ele veio de Paris e todos nós sabemos o que isso significa. Mas é a moça...

Posso chamá-la de sua jovem? Que atraiu a atenção dos velhos. Ela tem sido vista andando sozinha pelos campos. Andando sozinha - o Dr. Gros arqueou e abaixou as cerradas sobrancelhas para enfatizar as implicações lúbricas dessa sugestão. - Além disso, diz-se que ela anda numa bicicleta.

Uma bicicleta, nada menos que isso. Observe atentamente este fato e você verá um significado duplo... Ou melhor, triplo. E também, ela só usa vestidos brancos e todos nós sabemos o que isso significa. Como jamais foi vista fazendo algo de comprometedor, as más-línguas dizem que ela deve fazê-lo escondido. Em resumo, infelizmente devo lhe dizer que os Treville são o escândalo da comunidade. Nosso orgulho ficou ferido por terem eles escolhido este cantinho da França para esconder seus pecados e indiscrições, sejam estes quais forem. É o mesmo que dizer que isso aqui é



PDL – Projeto Democratização da Leitura

um fim de mundo abandonado por Deus. E a dor é maior, por ser essa uma descrição exata da nossa cidade. Aí está, Montjean. Em resumo, é isso o que se sabe e o que se fala dos Treville. Além disso, há o problema da mãe... Que jamais alguém viu e que dizem ser anã, protestante, canhota. Mas acho que esta descrição é baseada em evidências um tanto falhas.

—A mãe já morreu - disse eu.

—Anã, protestante, canhota, e ainda por cima morta? Minha nossa! As pessoas têm mesmo o que comentar. É uma moça interessante, aquela sua jovem. Dou-lhe os parabéns. Um tipo um tanto saudável demais para o meu gosto. Nós médicos devemos sempre desconfiar de que essas pessoas saudáveis só agem assim para nos destruir.

—Então, não se sabe nada de concreto sobre eles.

—Nada, como eu acabei de lhe dizer bem detalhadamente. - O garçom trouxe outro Berger e o Dr. Gros encheu o copo com uma quantidade de água suficiente para não enfraquecer a bebida. Ele me encarou por uns instantes antes de perguntar:

—E então?

—Então, o quê?

—Então, o quê? De que diabos estávamos falando? Por acaso você e aquela jovem...? - Ele bateu as mãos no peito.

—Eu mal a conheço.

—Que vergonha! Tendo esse tipo de intimidade com uma moça que mal conhece. É a juventude de hoje. Sem o mínimo senso de decoro. Você já sabe, espero que sim, que contraiu a doença.

—Que doença?

—Amor, homem. Reconheci os sintomas quando vi você cruzando a praça, empurrando aquela bicicleta estúpida. O sorriso vago, indefinido, o olhar de peixe morto, o...

—Francamente!

—Ferido, por Deus! Acontece nas melhores famílias. Para lhe provar isso, confesso que eu mesmo, um dia, quando era jovem fui escravizado pelo amor. Mas, aliás - soltou um suspiro - ela era uma coisinha superficial meramente atraída pela minha beleza física, indiferente a minha profunda sensibilidade interior.

—Eu preferia não discutir...

—Você foi suficientemente sincero para compartilhar comigo sua certeza de que eu não passava de um charlatão. Se eu bem me lembro, você se admirava de que o país de Pasteur fosse o país das estâncias minerais e das águas curativas. Já eu me admirei por ver que a cultura capaz de



PDL – Projeto Democratização da Leitura

produzir Sade seja capaz de gerar cartas de amor e doces encontros. O amor, meu rapaz, está no sexo e não no coração.

—Saiba que fiquei ofendido com sua conversa.

—Minha nossa! Perdão! Misericórdia!

—Ainda há mais uma coisa que eu gostaria de saber.

—É mesmo? Pela sua atitude, pensei que você já soubesse de tudo... Tudo que vale a pena saber.

—Você sabe alguma coisa sobre a casa, a Etcheveria?

—Só sei que é um lugar terrivelmente úmido, que deve ter sido projetado por algum colega nosso especialista em doenças pulmonares.

—Nunca ouviu dizer que era assombrada?

—Assombrada? Não. Mas eu adoraria acrescentar mais essa informação aos rumores que cercam os Treville, se você quiser.

—Não vai ser necessário.

—Ah! Aí vêm os ladrões municipais, ansiosos pela tosquia. - Realmente, o advogado, Maître Lanne, e o banqueiro da cidade vinham atravessando a praça. Todas as noites eles jogavam cartas com o Dr. Gros e sempre perdiam, resmungando com as habituais alegações de trapaça. - Eu presto um serviço muito útil a esses cidadãos, sabe? Eu os ajudo a se livrarem da riqueza material para que eles possam então passar pelo buraco de uma agulha, como está escrito.

—Eu já vou indo.

—Como quiser. Posso contar com o prazer de sua companhia amanhã na clínica? Ou você vai abandonar a medicina por uma bicicleta e uma garota?

—Amanhã de manhã estarei lá. Mas... Talvez eu precise sair à tarde.

—Ah! Entendo. - Sua voz traía um tom de conspiração.

—A Srta. Treville vem à cidade - acrescentei, numa explicação desnecessária.

—Ah! Entendo.

—Não, não entende nada - respondi, sentindo raiva pela implicação de pecado que ele insinuava e prazer infantil de ser provocado por causa dela... Como se ela fosse uma coisa minha pela qual pudessem me provocar. - Ela tem de apanhar a bicicleta.

—Ah! Entendo. Claro! A bicicleta. Claro!

—Eu me ofereci para levar a bicicleta, mas ela... Eu não sei por que estou me dando o trabalho de explicar tudo isso para você.

—Confessar é bom para o espírito, Montjean. Esvazia a alma e dá lugar para mais pecados.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Levantei-me quando chegaram aqueles ilustres cidadãos e desculpei-me por sair sem ter tido o privilégio de desfrutar de sua companhia.

Depois de escrevinhar algumas impressões no meu diário e surpreender-me várias vezes parado no meio de uma frase, sorrindo sem razão, apaguei a luz e recostei-me no travesseiro. Os detalhes do meu quarto foram tomando forma à medida que meus olhos se acostumavam com a escuridão, suavizada apenas pelo luar que batia nas cortinas. Durante toda a noite, fiquei entre o dormir e o acordar, num sono pontilhado de imagens e imaginações que não chegavam a ser propriamente sonhos.

Por mais incrível que seja, acordei na manhã seguinte sem qualquer lembrança de Katya na cabeça, sem a mais leve sensação de antecipação, sem o menor ânimo ou alegria. Só depois de ter me vestido e estava atravessando a praça na direção do café, é que me lembrei casualmente

como letras miúdas que rapidamente se transformam em manchetes, e num segundo um sorriso iluminou meu rosto.

Não me ocorreu usar a palavra amor para definir meus sentimentos. Katya, realmente, estivera presente em meus pensamentos ou até mesmo no meu inconsciente, e eu me lembrava do contato dos lábios suaves e quentes no meu rosto. Mas, amor? Não, não pensei em amor. Entretanto, eu estava com vergonha daquela meia hora em que me esquecera por completo de sua chegada. Este lapso me fez sentir inconstante... Quase infiel.

O dia foi se passando lentamente, as horas ocupadas apenas pelas minhas tarefas triviais, e comecei a temer que ela não viesse. O tempo contribuiu para aumentar minha apreensão, já que nuvens solitárias, lembrando flocos de algodão desfiado, cortavam preguiçosamente o céu e começavam a se acumular no horizonte, ali formando uma faixa escura. Será que ela havia decidido não vir a Salies? E se caísse uma tempestade quando ela chegasse, impedindo-a de voltar para a casa? Teríamos de procurar algum abrigo. Sob as arcadas da praça? Não. Sob uma velha árvore?

Não. No mirante escondido no fundo do parque? Talvez... No meu quarto? Não! Não. Que tolice!

Que animal!

No mirante, então. Sim. Os pesados pingos de chuva bateriam no teto de zinco, impedindo-nos de conversar. Sós, ocultos por uma cortina prateada de chuva, ficaríamos sentados em silêncio...

Partilhando o silêncio de mãos dadas... Sem precisarmos trocar qualquer palavra... Não, melhor ainda, nosso relacionamento acima de qualquer palavra.

—Seria muito fora de propósito perguntar quando você vai terminar essa prescrição, Montjean? - perguntou o Dr. Gros, cortando os meus pensamentos. - Ou há alguma coisa além daquela janela que absorve a sua atenção?

Murmurei uma desculpa qualquer e voltei ao trabalho com um vigor desnecessário.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Lá pelo meio da tarde, o tempo mudou: as nuvens foram afastadas para o oeste e o sol voltou a brilhar... Uma desconsideração e tanto, pareceu-me.

O dia passou-se; os raios de sol já haviam deixado a ala oeste das arcadas submersa em sombras quando, pela milésima vez, minha atenção distraiu-se daquela monotonia de drogas e prescrições e eu olhei pela janela com preocupação. Ela estava saindo da sombra densa e o vestido branco parecia brilhar enquanto ela se dirigia à clínica com seu caminhar exuberante, sem chapéu, mas com uma sombrinha fechada.

Estremeci de alegria.

Quando me aproximei dela na praça, ainda vestindo o paletó de linho, não pude conter um sorriso tolo que se estampou em meu rosto e teimou em não sair, embora eu soubesse que toda a cidade observava meus menores gestos. Ela sorriu também, porém seu sorriso era encantador enquanto que o meu, vazio.

Havia um café frequentado pelas pacientes do Dr. Gros, onde serviam um líquido ralo que pretendia passar por chá inglês - considerado então, de muito bom gosto - acompanhado por uns bolinhos que, secos e sem gosto, faziam-se passar por exemplos da cozinha inglesa. Sugeri tomarmos alguma coisa lá, depois de sua longa caminhada.

—Exatamente 4.233 passos, da porta da minha casa até aqui - elucidou ela.

—Exatamente? - perguntei eu, num tom de admiração trocista.

Ela deu de ombros.

—Pelo que eu sei, deve ser. Para falar a verdade, eu não gostaria de ficar sentada entre as senhoras e comer biscoitinhos. Será que não tem um lugar onde eu pudesse tomar uma limonada?

—Claro! Aliás, eu estou de tão bom humor, que sou capaz de lhe oferecer duas limonadas.

Tenho certeza de que não foi só minha imaginação, mas as senhoras que passeavam pela praça ou tomavam chá no café "inglês" realmente olharam para nossa mesa para depois desviarem os olhos com uma indiferença estudada, enquanto faziam breves comentários. Senti também que havia um tom de insinuação, se não de cumplicidade, na excessiva amabilidade do nosso garçom.

Mas esses aborrecimentos foram eclipsados pelo prazer da nossa conversa; diálogos, que poderiam parecer banais e corriqueiros a um estranho, pareceram-me cheios de coisas significativas apenas insinuadas, gestos expressivos contidos, familiaridades criadas.

Perguntei pelo irmão, pelo pai e pelo fantasma, que pelo visto passavam muito bem... Embora essa afirmação talvez não pudesse se aplicar literalmente ao caso do fantasma. Depois dos primeiros 15 minutos, temi que ela dissesse que era hora de voltar para casa. Mas parecia perfeitamente à vontade ali sentada, bebericando sua limonada, fazendo-me perguntas sobre as privações da minha juventude, a luta pela educação, as aspirações médicas e literárias.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Falei praticamente sem parar por quase uma hora, chegando à conclusão, em meu egoísmo juvenil, que ela era uma companhia encantadora e divertida.

—É fascinante - disse ela. - Jamais conheci alguém tão preocupado com o futuro como você.

Meu pai vive no passado e eu e meu irmão vivemos aquele momento determinado, ou, no máximo, aquele dia determinado. Nunca falamos sobre o futuro. Acho que sempre imaginei o futuro com uma série de "amanhãs" que esperam cada qual sua vez, para se tornarem um "hoje".

—Então, como é que vocês fazem planos?

—Planos? Nós não fazemos planos. Quer dizer... Não no sentido de planos para conseguir algo ou vir a ser alguma coisa. Fazemos tudo para evitar embaraços... Dificuldades.

—Que tipo de dificuldades?

Ela me olhou por sobre a borda do copo.

—Bem, todos os tipos de dificuldade.

—Talvez seja esse o problema do seu irmão.

—Não sabia que Paul tinha um problema.

—Se ele tivesse encontrado algumas dificuldades pelo caminho, talvez não estivesse agora tão entediado, nem fosse tão arrogante.

—O senhor não está sendo um pouco esnobe?

—Eu? Esnobe?

—Nem todo mundo teve uma vida de luta para se exercitar ou para se fortalecer. Nem todo mundo é livre para seguir uma carreira ou planejar um futuro. - Seu sorriso foi sombreado por uma tristeza que atraía meus mais ternos sentimentos.

Então, com um leve franzir dos olhos, o sorriso deu lugar a uma expressão de seriedade enquanto ela examinava os traços do meu rosto, um por um, de um modo que me deixou constrangido. - Dr. Montjean, o senhor sabe que é bonito?

—Perdão?

—A maioria dos homens bonitos sabe disso muito bem e tem uma atitude confiante que é muito aborrecida. Mas o senhor parece não ter consciência dessa beleza. É uma ignorância muito atraente.

Balancei a cabeça, embaraçado.

—Uma jovem não devia dizer a um homem que ele é bonito.

—Por quê?

—Por quê? Bem... É algo que não se faz.

—Eu não me importo com o que se faz e o que não se faz.

—Entretanto... E, além disso, é algo embaraçoso.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—É? Acho que sim. Bem, acho que vamos ter um embaraço mais sério pela frente.

Com um gesto de cabeça ela indicou o céu, olhei e vi que enquanto estivera absorto em nossa conversa, uma mudança de vento trouxera as nuvens escurecidas de volta à cidade. Lufadas de vento frio começaram a formar rodamosinhos de poeira no chão de pedras arredondadas.

—Parece que vamos ter de esperar a chuva passar - disse eu, com a imagem do mirante vindo à cabeça.

—Mas eu não posso! Papai não sabe que vim à cidade. Ele vai ficar aflito se não me vir em casa quando fizer um intervalo no "trabalho" para o chá.

—Mas a senhorita não pode voltar de bicicleta com chuva.

—Não vejo outra saída. Vou correndo. Quem sabe, talvez eu consiga chegar antes da chuva?

—Não posso permitir isso.

Ela me olhou com uma surpresa cômica.

—Não pode permitir isso?

—Não foi isso que eu quis dizer.

—Ainda bem.

—Escute. Deixe-me dizer-lhe uma coisa. Vamos apanhar a carruagem da clínica e atrelar sua bicicleta à parte de trás. Vamos fugir da chuva juntos.

—Mas... Mesmo se nós conseguíssemos, o senhor ia ficar encharcado no caminho de volta.

—Não me importo. Na verdade, até que gosto da ideia.

Ela me olhou intrigada.

—Sabe, acho que ia gostar mesmo. Muito bem. Vamos fugir da chuva.

Quando eu perguntei ao Dr. Gros se poderia usar a carruagem, ele olhou para cima e disse:

—Ajudando e incitando, dirão os juízes. Cúmplice! Minha carreira acabará destruída. Minha reputação será... Bem, minha carreira de qualquer modo será prejudicada. Penso que de nada adiantará apelar para sua honra, mas

—você podia, no mínimo... Montjean - chamou-me -, você poderia ter a decência de me ouvir!

Katya e eu ganhamos, por três minutos de vantagem, a corrida contra o mau tempo, mas, julgando pela nossa aparência quando chegamos aos jardins de Etcheverria, parecíamos ter perdido a corrida por meia hora.

Estávamos molhados até os ossos, já que sua sombrinha de seda branca era ridiculamente inútil.

Logo que entramos na alameda toda florida, o céu se fez em água e uma chuva forte caiu sobre nós. Quando chegamos à varanda, o toldo estava encharcado, a água resfolegava e Katya e eu parecíamos ter sido pescados no rio.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Rindo um do outro, chegamos à entrada principal secando o rosto com as mãos. Meu terno branco estava cinza e as calças, pesadas de água da cintura até os joelhos. Katya, por sua vez, parecia se divertir com a aventura, apesar do vestido empapado e os cabelos colados no rosto.

Acho que fizemos muito barulho, pois Paul abriu repentinamente a porta da sala e veio em nossa direção, com raiva:

—Katya! Pelo amor de Deus! Papai está trabalhando!

Nossa alegria acabou num instante e eu me adiantei:

—Foi tudo culpa minha, Sr. Tre...

—Eu já desconfiava, doutor. Katya, o que deu em você?

—Na verdade, Paul... - Sua voz falhou e ela assumiu uma atitude de humildade que não lhe era própria.

—Discutiremos isso mais tarde - disse o irmão, virando-se e me olhando friamente. - Quando o bom doutor perceber que é hora de nos deixar.

—Antes que eu saia, Sr. Treville, devo lhe dizer que seu tom de voz me ofende, não só no que diz respeito a mim mas também a Katya.

—Quem lhe dá o direito de se ofender com alguma coisa que eu faça ou diga? E com que direito você se dirige a minha irmã pelo primeiro nome?

Voltei-me para Katya para me despedir e fiquei impressionado com seu abatimento e sua insegurança. Mas foi o fato de ela se afastar de mim, quando comecei a falar, que me feriu e fez com que eu saísse sem uma palavra. Virei-me para Paul:

—O senhor está certo quando diz que eu não devia ter chamado a Srta. Treville pelo primeiro nome. Foi um lapso de momento, mas posso garantir-lhe que...

—Você não precisa garantir nada, doutor, exceto que irá embora daqui, imediatamente.

Desejei com todas as minhas forças dar-lhe um soco no rosto. Mas me contive, por Katya.

Juntando tudo que sobrara da minha dignidade, que o meu aspecto encharcado e o nervosismo permitiam, dirigi-me à porta.

—Um momento, doutor. - É impossível descrever a mudança repentina no tom de voz de Paul, substituindo a agressividade e o pedantismo por uma inesperada delicadeza. - Um momento, se puder. - Ele fechou os olhos e respirou fundo. - Perdoe-me, eu fui grosseiro. Katya, você podia ajudar aquela menina na cozinha? Papai quer o jantar o mais rápido possível e ela parece ser do tipo que quebra ovos com um rolo de pastel.

Sem uma palavra e sem olhar para mim, Katya saiu da sala cabisbaixa.

—E Katya... - acrescentou enquanto a levava até a entrada de serviço onde ela parou sem se virar. Ele sorriu tristemente:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Aqueça-se junto ao fogo e seque os cabelos. Você está assustadora... - ela assentiu e entrou.

Paul seguiu-a com os olhos por alguns momentos e suspirou; depois dirigiu-se a mim:

—Pode me fazer companhia no salão, Dr. Montjean. Há uma lareira acesa lá e você parece precisar se secar um pouco. Conhaque? - perguntou enquanto me acompanhava.

—Não, obrigado - respondi, ainda meio confuso por aquela rápida mudança de atitude e pela reação submissa, quase servil, de Katya, frente à explosão de raiva de Paul.

O fogo da lareira estava convidativo, mas não me aproximei, ainda sentindo muito ódio para aceitar aquela hospitalidade.

—Por favor, sente-se - disse ele, enquanto preparava dois conhaques a despeito da minha recusa.

Apenas com a mão esquerda livre, a manga direita pregada no corpo da roupa, ele segurou o conhaque, um tanto precariamente entre os dedos.

Aceitei o copo não querendo parecer inferior e, quando ele se sentou ao lado da lareira, senti que só tinha uma coisa a fazer: juntar-me a ele, deixando que meu corpo resfriado absorvesse o calor, querendo ou não.

—Suponho que sua irmã não lhe tenha dito que foi a Salies apanhar a bicicleta - esclareci, procurando manter minha dignidade.

—Você está certo, mas ela não tem o hábito de me pôr a par de suas ações. Há mais de uma hora eu procurava por ela em toda parte. Consideração pelos outros não é uma de suas qualidades.

—Nós tomamos algo num café, na praça, para nos refrescar. O tempo fechou de repente e eu me ofereci para trazê-la e a bicicleta para casa. Foi só isso...

—Meu amigo, eu não lhe pedi explicações sobre o comportamento de Katya. E se fosse pedir, eu as pediria a ela. O caráter e a índole de minha irmã são tais que suas ações independem do caráter de quem a acompanha. Por Deus! Você, por acaso, pensou que eu... - ele explodiu numa gargalhada que, até certo ponto, me irritava. - Oh, não, Montjean! Eu estou certo de que não há nada além de uma simples amizade entre vocês. E depois... - ele acenou com seu corpo, mas foi suficientemente delicado para não concluir seu raciocínio. - Não, Katya tem vivido sozinha por várias circunstâncias e sua personalidade é bastante liberal e generosa para gostar desse isolamento. O fato é que nós vivemos, infelizmente é preciso lembrar-lhe, numa comunidade onde se destroem reputações a partir do menor boato.

—Na verdade, eu não pensei nas más-línguas do local. Foi imprudência minha. Mas afinal, apenas um copo de limonada e uma conversa de meia hora na praça... O que eles poderiam pensar?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Tudo! Para nossa tristeza, descobrimos que somos vítimas da língua do povo daqui. Assim...

- ele terminou o conhaque e levou meu copo vazio junto com o seu, para a mesa. - Eu me sinto no direito de pedir que faça algo para proteger a reputação de Katya.

—Claro. Qualquer coisa... Mas, o quê?

—Algo honroso, é claro!

—Isto é...? - perguntei com visível espanto.

Ele mediu seu conhaque com mais precisão do que o necessário, ganhando tempo antes de voltar-se para mim e dizer:

—Eu gostaria que você a visitasse em casa como qualquer jovem a faria. Ser visto com ela na companhia da família. Espero não estar pedindo muito. - Sorrii e eu me surpreendi com a incrível semelhança entre os dois. Isso dava certa segurança, mas também era desconcertante.

—Eu ficaria encantado em poder visitar a Srta. Treville.

Ele deu de ombros:

—Quanto a isso não há problema. Mas eu gostaria que você me ajudasse num pequeno subterfúgio.

Eu me levantei para pegar outro copo de conhaque e aproveitei para me aproximar da lareira e me secar mais depressa.

—Que subterfúgio é esse?

—É com relação a meu pai. É imperioso, absolutamente imperioso, que meu pai jamais perceba que você está visitando Katya como um rapaz visita uma moça. Entendido?

—Mas por que não?

Ele ignorou a pergunta, deixando que eu considerasse sua insistência razão suficiente.

—Durante o jantar, na noite passada, papai notou que meu braço estava imobilizado, fato espantoso nele, sempre imerso em seu mundo de cidades medievais. Nós poderíamos apresentá-lo a meu pai, no jantar, como meu médico e suas visitas teriam o propósito de cuidar do meu machucado, ajudando a Natureza.

—Então estou convidado para o jantar?

—Meu amigo, nós não poderíamos mandá-lo de volta para a chuva agora. Poderíamos?

—Mas o senhor parecia ser capaz disso, há menos de dez minutos.

—Eu sempre admirei a flexibilidade social nos outros e procuro desenvolver essa qualidade em mim.

—Flexibilidade? Eu diria capricho. Posso dar a minha opinião sincera?

—Bem, se você acha que é necessário...



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Eu o acho prepotente e insensível aos sentimentos dos outros. Há pouco o senhor estava praguejando, a imagem perfeita do irmão enfurecido, quando sabia muito bem que não havia motivo para enfurecer-se. Falou de modo grosseiro comigo e, mais, humilhou sua irmã. E, repentinamente, tornou-se sensato e amistoso, chegando ao ponto de bancar o cupido, embora saiba que não há o menor indício de que a Srta. Treville esteja interessada por mim. Estou certo de que qualquer pessoa descreveria tal comportamento como infantil e irresponsável.

Paul olhava para o fogo e eu fiquei em silêncio, o coração batendo forte, surpreso com tamanha coragem e sinceridade. Ele então me olhou calmamente:

—Desculpe, você estava dizendo...?

—Estou certo de que me ouviu.

—Na verdade ouvi. Mas fingi que não ouvi, para seu próprio bem. Com relação ao jantar devo lhe avisar que levamos uma vida pobre, talvez até mesquinha. Nossos rudes empregados cozinham de acordo com seu próprio paladar, também simples. Logo, nosso jantar consiste de uma sopa, mais densa que saborosa, cascas de pão local, que podiam servir para pavimentar ruas, e alguns condimentos vegetais retirados do seio da terra. A melhor descrição para nossa refeição seria...

Espartana. É um ritual que pertence àquela vasta categoria de acontecimentos desagradáveis que somos obrigados a enfrentar para a formação de nosso caráter. - Pôs-se de pé e acrescentou: - Agora, se o fato de deixá-lo sozinho por alguns instantes não parecer falta de consideração, eu devo avisar Katya para pôr outro lugar à mesa. Quem sabe? - deu de ombros. - Poderá até ficar contente. Ela tem a capacidade de encontrar prazer até nas coisas mais insignificantes - terminou de falar e saiu da sala.

Andei pela sala, absorto, examinando a mobília, que era uma mistura de objetos pesados, num estado de conservação duvidoso, com finas e valiosas obras de arte. Imaginei que reunisse a mobília deixada pelo antigo proprietário com algumas coisas trazidas pela família. Quando passava pela grande porta que levava ao corredor, não pude deixar de ouvir trechos de uma conversa entre Paul e Katya, que estavam do lado de fora. Só consegui captar algumas palavras, mas o tom da conversa era intenso e abafado.

—Claro. Mas isso seria sensato, Paul?

—Quais as nossas opções?

(Uma frase incompreensível de Katya.)

—Suponho... Goste de... (Pausa)

—Sim... Muito bom...

—Desculpe, Katya. Se ao menos... Diferente.

—Tolice. Uma grande tolice.

—Você está certo, claro. Bem... Para o jantar. Papai já tocou a campainha.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

O "toque da campainha" de papai para avisar que ele havia acabado de estudar e estava pronto foi um dos assuntos do nosso jantar, quando nos sentamos ao redor da mesa de carvalho.

—Não é correto dizer que ele "tocou a campainha" - disse-me Katya sorrindo por trás do velho candelabro entalhado. - Esta parte da casa está desmoronando e quase nada mais funciona. A campainha da cozinha já sumiu há muito tempo, mas é possível ouvir o arame arranhando o lugar por onde sai o som; daí dizermos que a campainha funciona de maneira toda especial.

Eu me deliciava vendo o modo pelo qual Katya mantinha uma conversa despretensiosa, com o charme de uma anfitriã experiente. Eu já havia imaginado tantos dons para ela que me surpreendi ao descobrir que ela também tinha esse, comum a todas as mulheres de boa formação.

—Talvez - disse Paul Treville - possamos dizer que papai arranha pedindo seu jantar... Isso não daria uma impressão canina?

O Sr. Treville levantou os olhos do rico pote que lhe chamara a atenção desde o momento que se sentara e disse:

—Desculpe! Falou comigo?

—Falei do senhor e não com o senhor - disse Paul. O Sr, Treville assentiu.

—Ah! Foi o que pensei. Sim, foi o que pensei. - Virou-se para mim. - Então o senhor é médico?

—Meu chefe, Dr. Gros, discutiria isso, senhor. Mas, na verdade, transpus todas as barreiras e decorei tudo que foi preciso para incorporar a palavra doutor ao meu nome. - Até hoje fico rubro sempre que lembro dessas frases que costumava usar, quando a ocasião assim o pedia.

—Sim, mas o senhor é um doutor, ou não? - perguntou aquele senhor, destruindo, sem querer, a pompa da minha frase por não compreendê-la.

—Sim, senhor, eu sou.

Pela primeira vez percebi sua alienação. Já estávamos há mais de dez minutos na mesa e só agora ele notava minha presença. Traços fortes, cabeleira cinzenta que ele marcava nervosamente com os dedos enquanto estudava. Olhos claros que brilhavam com uma inteligência e energia juvenis, sempre que falava sobre algo que o interessasse. Essas eram minhas impressões sobre o velho e gentil estudioso.

E também, ele era o pai de Katya.

—Doutor, hein? - disse o Sr. Treville. - Claro! - Virou-se para Paul. - Você sofreu um acidente, não é? Caiu sobre algo, não foi?

—Eu caí do telhado, papai, enquanto tentava pegar nuvens com uma rede. Por sorte, caí de cabeça no fosso dos crocodilos e isso abrandou minha queda.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Sim, sim... Eu me lembro. Então, o senhor é o médico. É interessante. Seus estudos não o levaram por acaso ao interesse pelos povoados da Idade Média?

Olhei confuso para Katya, que sorriu maliciosamente.

—Ah! Bem, não diretamente, senhor. Mas sempre me senti atraído pelo assunto.

O rosto do Sr. Treville iluminou-se:

—Verdade? Que aspectos o atraem mais?

—Sim, doutor - disse Paul inclinando-se na minha direção com um interesse divertido. - Diga-nos.

Katya olhou-o com ar de reprovação, mas ele arqueou as sobrancelhas na mais doce inocência, enquanto eu balbuciava:

—Bem, o assunto no seu todo é fascinante. Especialmente... Especialmente o aspecto médico...

Ah...

—A praga! - completou o Sr. Treville. - Sim, estou certo de que o advento da Peste Negra em 48, 49 seria particularmente interessante para um médico.

—Seria 1348 e 1349 - interveio o jovem Treville.

O Sr. Treville olhou para o filho e pestanejou várias vezes.

—Alguém falou alguma coisa sobre crocodilos? O que há com os crocodilos?

—Eu não entendi isso direito, papai - confessou Paul. - Talvez tenha alguma coisa a ver com a Peste Negra. Poderia nos esclarecer isso, doutor?

—Não, não, jovem - interferiu o Sr. Treville, pondo as mãos nos braços da cadeira, rindo. -

Ratos! Ratos e piolhos; não tem nada a ver com crocodilos. Talvez o fato de a praga ter entrado na Europa pelos portos do Mediterrâneo tenha originado essa lenda sobre os crocodilos, apesar de eu nunca ter ouvido falar nisso. O doutor lembraria onde leu isso?

Katya veio em meu auxílio, desviando a conversa para outros assuntos até que o jantar chegasse à sobremesa, com frutas e um pedaço do forte e salgado queijo local, que Paul furou, desanimado, com a ponta da faca.

Eu podia sentir que Katya estava satisfeita comigo, com minha evidente simpatia por seu pai e com o prazer que ele sentia em ter alguém diferente com quem conversar.

Minha imaginação romântica criava sonhos de um jantar caseiro com meu cunhado e o sogro visitando nossa casa modesta, mas aconchegante e, assim, ignorando minhas obrigações sociais.

Deixei-me levar tão profundamente pelos meus sonhos que fiquei surpreso quando a voz do Sr.

Treville quebrou minha hipnose.

—...ou não concorda, doutor ?

—Ah... Concordo, é claro! É claro. - Os olhos dele brilhavam com interesse.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—É fascinante, doutor. Eu não preciso lhe dizer que poucos estudiosos da vida medieval têm esse mesmo ponto de vista. Importaria em me dizer o que fez com que o senhor pensasse assim?

—O quê? Ah... Bem, nada especial... Como uma impressão geral... Eu... Ah...

Katya mereceu toda minha gratidão, pois colocou a mão em meu braço e interrompeu, dizendo:

—Vocês não vão passar a noite toda falando sobre coisas que nem eu nem Paul entendemos.

—Eu não me importo - disse Paul. - Na verdade, gostaria de ouvir a resposta de Montjean. -

Ele abriu um largo sorriso, interrompido por um movimento repentino que me fez perceber que Katya o chutara por baixo da mesa.

—Não - disse Katya -, eu não gostaria. Vamos tomar nosso café no salão como pessoas bem-educadas e falaremos sobre assuntos triviais e agradáveis, como nos ensinaram quando crianças. -

Levantou-se e me ofereceu o braço. - Dr. Montjean?

Durante meia hora, enquanto sentávamos ao redor do fogo da lareira, Katya agiu tão bem quanto suas palavras, dirigindo a conversa de um ponto a outro com tamanha perícia que cada um de nós, até mesmo Paul, teve seu momento para brilhar.

O café foi servido com conhaque e percebi que Paul encheu seu copo mais vezes que o devido e acabou sentando-se pesadamente na cadeira, com uma postura estúpida e apática que beirava a inospitalidade; mas minha admiração por Katya e a satisfação de estar com ela superavam os meus sentimentos em relação ao irmão, o que me fez pensar que jamais em minha vida passara uma noite tão agradável, apesar de não me lembrar de nenhum acontecimento singular.

Paul quebrou o encanto levantando-se bruscamente e dizendo:

—Lamento lhe informar, mas é hora de Katya ir dormir.

—Já? - protestou ela.

—Nem pensar, Kiki - Paul foi até ela e pôs o braço à volta de sua cintura. - Você se arriscou a pegar um resfriado saindo na chuva. Deve ir para a cama cobrir-se até a cabeça e contar crocodilos.

Você dormirá num instante. Papai e eu faremos companhia ao Dr. Montjean.

—Você saiu na chuva? - perguntou o Sr. Treville, preocupado.

—Não exatamente, papai - respondeu Paul -, apenas uma metáfora.

O Sr. Treville pestanejou.

—Uma metáfora?

—É, uma metáfora boba. Prometo não usá-la novamente. Agora vá, Kiki.

—Boa noite, papai - despediu-se Katya, beijando-o no rosto. - E boa noite para o senhor, Dr.

Jean-Marc Montjean. - Ela estendeu a mão para mim. Eu fiquei feliz com a forma que ela encontrara para usar meu primeiro nome. - Terei o prazer de revê-lo em breve?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Não há o que temer - disse Paul. - O doutor prometeu, ou ameaçou, voltar amanhã para cuidar do meu problema. Sem dúvida conseguiremos convencê-lo a tomar uma xícara de chá conosco.

—Esperarei ansioso por isso, Srta. Treville - disse eu, olhando-a fixamente.

—Eu também.

Depois que ela se foi, o Sr. Treville acomodou-se em sua cadeira para uma longa conversa e me perguntou há quanto tempo eu me dedicava ao estudo da Peste Negra...

Uma hora depois, quando finalmente Paul me acompanhava até a porta, a chuva diminuía e era agora um assobio suave nas pedras do lado de fora. Ele não havia exagerado tanto assim no conhaque, mas havia algo além de displicência na maneira com que ele se apoiou no arco da porta da entrada.

—Você foi perfeito, Montjean. Estou certo de que papai não percebeu nem por um momento que o seu interesse em nós não é apenas médico.

Isso revela uma natureza admiravelmente dúbia. Você devia cultivar esse dom, não apenas como meio de sobrevivência, num mundo de vigaristas e mercadores, mas como tempero numa personalidade que é, por si só, muito séria e honesta para ser interessante.

—O senhor é sempre assim tão mal-educado?

—Nem sempre. Você provoca o melhor de mim.

—Fico satisfeito em ser útil. Posso desejar-lhe uma boa noite?

—Por favor.

Antes de a carruagem chegar ao fim da alameda, a chuva parara e enquanto a égua percorria tranquilamente o caminho de volta a Salies, atravessando aquele ar puro, refleti sobre os incidentes que tumultuaram aquela tarde.

Havia aquela conversa tensa, estranha, que eu surpreendera entre Paul e Katya; o aviso de Paul para que eu não deixasse o pai descobrir meu interesse por Katya embora, até onde eu pude perceber, o velho fosse gentil e inofensivo.

Talvez o mais desconcertante fosse minha simpatia por Paul, apesar de ter todas as razões para o contrário. Será que era sua semelhança física com Katya que me levava a perdoar sua rispidez juvenil? Acho que não era só isso.

Havia naquele rapaz uma certa melancolia profunda que a ironia não conseguia disfarçar por completo, uma melancolia que provocava minha simpatia por uma inteligência lúcida que não tinha como descarregar suas energias naquela comunidade rural e inculta.

Por que teria ele aceito aquele isolamento voluntário do mundo para o qual nascera, do mundo onde seu talento e suas aptidões seriam valorizados? Por que, na verdade, os Treville viviam naquele



PDL – Projeto Democratização da Leitura

velho casarão em ruínas, tão longe de sua Paris? Katya se referira ao fato de estarem lá por um problema de saúde; mas eu não via neles nenhum traço de doença, ao passo que percebia, na ânsia do Sr. Treville partilhar suas ideias e conceitos comigo, uma fome da civilização que eles haviam deixado.

Num prazer egoísta, é claro, agradava-me o fato de eles estarem ali, em Salies. De que outra forma eu teria encontrado Katya?

Katya... E durante o resto da viagem, fiquei imaginando situações e trechos de diálogos entre Katya e eu.

Logo que a clínica fechou, às três da tarde, peguei novamente a carruagem do Dr. Gros e fui para Etcheverria, chegando a tempo para o chá, servido no terraço de onde se descortinava o jardim abandonado.

Paul estava completamente diferente; divertia-nos com uma conversa leve e brincadeiras despidas de qualquer traço de azedume. E quando o Sr. Treville juntou-se a nós, Paul fez-lhe perguntas sobre suas pesquisas, mostrando-se realmente interessado, numa atitude muito distante daquela provocação maliciosa que o caracterizara na noite anterior.

Primeiro, o Sr. Treville pareceu aturdido ao me ver à mesa do chá, e eu passei por momentos difíceis com medo de que ele não me reconhecesse, não tivesse a menor ideia de quem era aquele sujeito ao seu lado. Mas Katya usou meu título várias vezes até que, num vislumbre de compreensão, ele concluiu:

—Ah, sim! Você é aquele rapaz dedicado a profundos estudos sobre a Peste Negra, não é? Um assunto fascinante. Fascinante.

Paul desculpou-se logo após o primeiro chá que Katya lhe servira, alegando que havia um sem número de coisas a resolver e ele tinha de tirar uma soneca para que tudo se resolvesse sob a influência de sua negligência benigna.

O Sr. Treville levantou-se e, sob o pretexto de seu trabalho, apertou-me a mão em despedida, aconselhando-me certa moderação em minhas pesquisas sobre medicina medieval, já que eu era jovem e não devia deixar a vida passar.

Katya sorriu depois que o pai se foi e balançou a cabeça com ternura.

—Ele gosta de você, Jean-Marc Montjean.

—Eu também gosto dele.

Ela me olhou, os olhos cinzentos transmitiam doçura. Sorriu.

—Eu sei. Isso me faz feliz. Mas talvez você tenha de pesquisar um pouco os assuntos medievais.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Vou fazer disso objeto de estudo permanente. - Sorriu novamente e pôs-se de pé.

—Vamos até a minha biblioteca?

—Você se refere àquela biblioteca que se disfarça tão engenhosamente de pavilhão abandonado?

—Qual é a outra biblioteca que eu tenho? Venha.

E as nossas conversas ocuparam a maior parte do tempo - as duas horas - que ficamos ali, ela sentada na velha cadeira de vime em que se resumia a mobília do mirante ou pendurada na balaustrada, e eu sentado nas escadas ou encostado no arco gradeado da entrada.

Nossa conversa correu livremente, superficial e profunda, séria e despreocupada, pessoal e impessoal, sobre o presente e o passado, o tema girando em torno de uma palavra ou derivando numa nova direção, motivado por uma nova imagem ou ideia que surgia na cabeça de um de nós.

O tempo agia da maneira mais paradoxal que se possa imaginar: por um lado, parecia ter parado; por outro, fugia como areia entre nossos dedos.

Aceitei seu convite para tomar chá com eles no dia seguinte, quando novamente falamos sobre tudo e sobre nada. E assim foi no outro dia e no outro ainda. Em minha lembrança, todas as horas que passamos no pavilhão parecem-me um único momento demorado - mas muito fugaz - no qual se resumia parte de nossas tardes, tardes essas em que nos quedávamos iluminados pelos raios de sol que conseguiam penetrar naquele exuberante jardim onde nos escondíamos, sempre desfrutando daqueles dias frescos, de brisa suave e céu muito azul, que compunham o tempo perfeito daquele verão.

Habituo-nos a nos tratar com intimidade e a compartilhar longos momentos de silêncio, sem que com isso sentíssemos o constrangimento que os estranhos experimentam nessas ocasiões.

Adquiri o hábito de resmungar com seus trocadilhos, embora alguns deles fossem admiráveis jogos de som e sentido, exigindo um notável conhecimento literário e político. Ela se habituou a me provocar pelo fato de eu ser um basco típico, na minha combinação inesperada de seriedade inflexível e romantismo teatral.

Eu ficava particularmente fascinado pela ambivalência de disposição que era tão característica de Katya. Na maioria das vezes, ela estava atenta e alerta a tudo que a cercava: apontava, nos galhos, pássaros que eu não conseguia localizar mesmo quando ela desviava meu olhar na direção do animal; alegrava-se com um exame atento da forma e estrutura das pétalas e folhas das flores que sobreviveram ao longo desprezo a que o jardim fora condenado; gostava de sentir o sol batendo em seu rosto e o cheiro do ar quente de verão; gostava de brincar com palavras e idéias, mudando, reformando-as com seu peculiar senso de ridículo. Mas havia momentos - mais raros - em que ela se fechava em si mesma, algumas vezes no meio de uma frase, e pelo seu olhar vago e distante eu via



PDL – Projeto Democratização da Leitura

que ela estava noutra lugar qualquer e não no jardim, no mundo... Não comigo. Silenciosamente, ela percorria com os olhos o jardim, só em seus pensamentos; de repente, brilhava uma leve centelha em seus olhos, ela me olhava e eu já sabia que ela despertava de seu sonho.

Ela brincava com isso, dizendo algo como:

—Bem, aqui estou eu de volta. Alguma carta enquanto estive fora?

Ao que eu respondia:

—Não, mas chegou um telegrama de seu irmão. Parece que o neto dele vai se casar no mês que vem.

—Verdade? - perguntava ela rindo. - Estive tanto tempo assim fora?

—Muito tempo. Quase um minuto. E muito longe também. Quase que além do meu alcance.

Fragmentos inteiros das conversas que tínhamos naquelas maravilhosas tardes ainda me surpreendem, frescos e vivos, como esses trechos de melodia da juventude que nos surgem inesperados, das regiões desconhecidas da memória.

Frequentemente trocávamos confidências sobre incidentes da infância, partes de nós mesmos reveladas sem constrangimentos, mais num desabafo de cada um do que uma confidência para o companheiro.

Ela se lembrou de ter ganhado um vestido de seda azul, um presente de que gostou tanto que resolveu guardar para uma ocasião muito especial; mas ela o guardou tanto tempo, que finalmente, quando chegou o momento propício, o vestido tinha ficado muito curto. Chorara amargamente. Mas guardara o vestido e ainda o conservava. E eu lhe falei de um fanfarrão da minha cidade que gostava de me provocar porque eu ia bem na escola. Ele costumava me dar tapinhas na cabeça com uma expressão de ironia sutil que deliciava as outras crianças.

Eu chorava de raiva e vergonha, mas nunca ousava desafiar aquele grandalhão. Até um dia em que meu velho tio puxou-me de lado e explicou-me que, embora o grandalhão fosse mais forte, eu tinha a vantagem de ser mais rápido e ágil. E, o mais importante, eu estaria fortalecido pela justiça da minha causa. Assim, quando o gordão me insultou de novo, ergui os punhos e pus-me em guarda para experimentar a maior surra da minha vida, que me deixou com o nariz sangrando e o lábio rasgado. Quando relatei o fato a meu tio, ele balançou a cabeça e avisou-me para dali em diante não ser tão tolo a ponto de brigar com garotos maiores.

Ela me falou de uma sombra que um galho de árvore projetava à noite em seu quarto.

A sombra tinha a forma de um macaco e o poder de atemorizar Katya sempre que havia uma tempestade, porque então o animal dançava freneticamente.

Katya escondia-se debaixo das cobertas e ficava espiando por um buraco aquela dança desvairada; ficava fascinada, atemorizada, mas não conseguia desviar os olhos daquele macaco, pois



PDL – Projeto Democratização da Leitura

convencera-se de que nada podia atingi-la desde que não tirasse os olhos da cena. Ela nem sequer piscava. E eu lhe falei de uma vez que coleei na escola e...

Não tem sentido recordar tudo que partilhamos. Tenho certeza de que o leitor já esteve apaixonado e lembra-se.

Não havia nenhum tipo de intimidade física entre nós, sem dúvida. Nunca nos beijávamos; nem sequer segurava sua mão. O único contato que

tínhamos acontecia nas idas e vindas do pavilhão, quando ela pousava a mão no meu braço. Mesmo agora, mesmo passados tantos anos, posso sentir a pressão e o calor de sua mão, como se meus nervos tivessem lembranças independentes da minha mente.

Houve certa ocasião em que ela tocou em mim, lembro-me agora. Estávamos conversando quando ela subitamente pousou a mão sobre a minha, ordenando, com um gesto, que eu me calasse.

—O que é? - perguntei.

Ela ficou totalmente imóvel por um bom tempo, olhando para um dos lados do pavilhão com muita atenção. Depois, encarou-me e sorriu.

—Você não a viu?

—Ela? Quem?

Ela me examinou intrigada, procurando descobrir se eu estava brincando com ela. Então, deu de ombros.

—Ah, não tem importância. Não é nada.

—Não, fale para mim. - Um pensamento me passou pela cabeça. - Você viu aquele fantasma que, segundo dizem, assombra este jardim? Não é isso?

—Ela não é um fantasma.

—Ah, é. Esqueci. O espírito, então.

Katya me encarou por um momento; depois balançou a cabeça e sorriu.

—Eu tenho de voltar agora para casa. A moça que trabalha para nós precisa de umas recomendações ou nunca vai começar a fazer o jantar, e meu pobre pai teria de ir para a cama faminto.

—Fique mais um pouco. Mande o fantasma falar com ela. Será uma experiência que ela jamais vai esquecer.

—Não quero que você brinque com o espírito... Pobre infeliz. Agora você vai embora. Mas se quiser, pode vir jantar conosco. Papai mandou convidá-lo.

—Aceito com prazer.

Antes de nos separarmos no terraço, vi que havia esquecido de lhe dar a pedrinha daquele dia.

Aquilo tornara-se um jogo - um pouco mais que um jogo - entre nós; a cada encontro nosso eu lhe



PDL – Projeto Democratização da Leitura

dava uma pedrinha de presente. Apanhei-a no bolso e a ofereci a Katya com aquela cerimônia e sobriedade tão cômicas a que havíamos nos habituado naquelas circunstâncias.

—Muito obrigada, Jean-Marc. É a pedrinha mais bonita que eu recebo desde... Ah, não consigo me lembrar desde quando... Ontem, acho.

—Vejo você hoje à noite, então?

—É. Até lá.

Choveu naquela noite e mais uma vez eu cheguei a Etcheverria com o cabelo pingando e o paletó ensopado. Durante o jantar começaram a mexer comigo: que eu sempre trazia chuva quando os visitava.

Senti-me um tanto constrangido à mesa, pois Katya, com medo de que eu me resfriasse por causa da roupa molhada, insistira para eu trocar meu paletó por um de brocado, do smoking de Paul.

Era um pouco pequeno para mim e muito extravagante em comparação com as roupas que eu usava normalmente.

Paul me olhou do outro lado da mesa:

—Eu estava pensando, Montjean, se fico tão ridículo assim com meu smoking. Ou você é uma dessas raras criaturas que conseguem eclipsar o efeito do que usam?

—Eu acho que ele está atraente - disse Katya.

—Acha mesmo?

Estava convencido de que aquela benevolência demonstrada no primeiro chá, quando Paul fora uma companhia surpreendentemente agradável, estava diminuindo gradualmente. O método mais usado para me dar a entender que minha companhia constante não o agradava era fingir um ar de surpresa a minha chegada, confessando que estava encantado por me ver ali novamente... Ou ainda ?

Após um longo silêncio, durante o qual estivera perdido em seus próprios pensamentos, o Sr.

Treville inclinou-se para frente e disse:

—Sabe, estive pensando nessa troca de paletós que o senhor foi obrigado a fazer para proteger sua saúde, Dr... Ah... Doutor.

—É mesmo, pai? - interrompeu Paul. - Fascinante!

—Sim. O homem é tão frágil. É uma ideia que chega a ser apavorante. Vivemos num universo em que a temperatura reinante é quase zero. Nenhuma vida pode sobreviver nos milhões de quilômetros que separam esses pontos de luz chamados estrelas. E esse espaço é que constitui a maior parte do universo. Como também nenhuma vida pode suportar a temperatura altíssima das estrelas. A vida, em todas as suas formas, está restrita a essas partículas mínimas de pó que giram em torno das estrelas: os planetas. E a maioria destes planetas ou é muito quente ou muito frio para

garantir a sobrevivência do homem. Nos milhares de graus que separam o calor das estrelas do frio



PDL – Projeto Democratização da Leitura

inanimado do espaço, o homem só pode sobreviver na faixa de temperatura mais estreita que se possa conceber - apenas uns poucos graus. Na verdade, sem abrigo e aquecimento, nossa vida neste pequeno planeta fica restrita a uns poucos lugares.

O homem não pode sobreviver a uma temperatura de 35 graus ou ao frio de 25 graus abaixo de zero. E até dentro desses estreitos limites, podemos pegar um resfriado e morrer de pneumonia por causa de uma noite mais úmida, mesmo durante o mais belo verão de que se tem lembrança. É

assustador, mas ao mesmo tempo extraordinário, constatar como é precária nossa existência e como, a menor mudança em nossas vidas, estamos condenados à extinção.

—O jeito, então - concluiu Paul -, é evitar mudanças em nossa vida.

Encarei-o e encontrei seu olhar pousado em mim, olhos vincados por um sorriso glacial. Ele tomou fôlego e continuou:

—O senhor é um interlocutor notável, papai. Quando éramos crianças, aprendemos que não se deve discutir religião, política e, sobretudo, fazer referência às funções do corpo, numa conversa social.

Disseram-nos que o único assunto totalmente inofensivo era o tempo. E agora o senhor acaba de provar que até esse assunto pode ser perigoso. O que você acha disso, Montjean? Também vê a humanidade num equilíbrio precário entre queimaduras e fungadelas?

—Sou mais motivado pelo milagre da nossa existência do que pelo perigo dela. Realmente, é espantoso o fato de existirmos, como o Sr. Treville nos mostrou agora, mas o que me parece ainda mais admirável é sabermos que existimos e ponderarmos sobre esta maravilhosa condição.

Paul franziu a testa.

—Será que eu esqueci de mencionar a metafísica junto com a religião, política, funções biológicas, na lista dos assuntos indesejáveis?

—Ah, a metafísica pode ser um ótimo treino para a mente - interveio Katya. - Mas o mundo físico também tem seus encantos. Vejam como a Natureza tem sido sensata neste verão. Só faz chover à noite. A temperatura refresca e a terra tem seu alimento, mas os dias continuam maravilhosos. É de se admirar que ela não tenha pensado antes num sistema tão bom assim.

O Sr. Treville inclinou-se para ela e deu-lhe umas palmadinhas na mão.

—Percebi que você se referiu à Natureza como sendo feminina, querida.

—Claro. Fertilidade e tudo o mais. Pensar que a Natureza é masculina é um conceito tolo. - Ela se levantou. - O que nos leva à questão de tomar o café na sala.

Enquanto seguia Katya pelo corredor, estava tão absorto pela beleza de sua nuca, revelada pelo penteado todo puxado para cima, que estremeceu, quando ainda se fez sentir um fim de tempestade através de um último trovão.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Meus Deus, Montjean - disse Paul rindo-se - você pulou como se tivesse visto um fantasma.

Você devia estar a léguas de distância.

Eu sorri.

—Não a léguas de distância, mas talvez meses de distância. - Só eu podia entender essa afirmação; mesmo assim deu-me prazer dizer aquilo em voz alta.

—Que conversa é essa sobre fantasmas? - perguntou o Sr. Treville.

—Nada de importante, pai - disse Paul, enquanto se ajoelhava para atizar o fogo.

—Não, conte-me. Eu quero saber. - Paul suspirou.

—Está bem. Montjean está perdido em divagações... Troveja... Montjean pula e arqueja... Filho faz comentários vazios sobre fantasmas... Montjean escapa com uma conversa incompreensível sobre léguas e meses... Aí está tudo. Todo o interessante episódio.

—Não estou entendendo nada - confessou o Sr. Treville.

Afim de nos desviarmos daquele tolo emaranhado, brinquei:

—Vocês devem estar acostumados com fantasmas, uma vez que abrigam os seus próprios.

Os ombros de Paul ficaram rígidos, enquanto ele segurava uma acha de lenha na mão.

—O que você quer dizer com isso? - perguntou ele, sem se voltar para mim.

Dei de ombros.

—Nada, na verdade. Estava me referindo ao fantasma do jardim.

—Compreendo - disse o Sr. Treville, sentando-se em sua cadeira predileta em frente à lareira.

De repente, ele piscou e franziu a testa: - Que fantasma é esse?

—Diz a tradição que o seu jardim é habitado por um... - olhei para Katya tendo nos lábios um sorriso ao qual ela não correspondeu - ...um espírito jovem e encantador que se ofende ao ser chamado de fantasma.

Ele então, olhando para as chamas de costas para o salão, com voz inexpressiva perguntou:

—Você já viu esse espírito, Montjean?

—Na verdade, não. Mas testemunho de sua existência por uma fonte certa. - Não pude compreender a ruga que vincou a testa de Katya, nem o leve balançar de cabeça.

Paul pousou no chão a acha de lenha e ergueu-se para ficar frente a frente comigo.

—Você não se importa se não tomarmos café hoje, não é doutor? Meu ombro está doendo muito, de modo que acho que vou me deitar mais cedo.

—Que tolice! - replicou Katya. - Claro que nós vamos tomar café. Você pode ir para o seu quarto, se quiser.

—Não, não - protestou Paul. - Nem me passa pela cabeça sair, correndo o risco de perder as considerações de papai sobre a fragilidade física do homem ou as inestimáveis observações



PDL – Projeto Democratização da Leitura

metafísicas do Dr. Montjean. Eu tenho de pensar em minha cultura. Por falar nisso, "inestimáveis" é o contrário de "estimáveis", não?

—Alguém acabou de falar sobre fantasmas e espíritos - disse o Sr. Treville, aceitando, com um negligente sorriso de agradecimento, o café e o conhaque que Katya lhe oferecia. - Sempre fui fascinado pela influência do sobrenatural na vida do homem medieval. Obviamente, doutor, o senhor conhece o trabalho de Louis Duvivier sobre esse tema, no qual ele apresenta uma tese interessante, embora pouco fundamentada, de que o cristianismo mantinha sua ascendência sobre aquelas mentes semibárbaras dos...

Meia hora depois, Katya interrompeu o complicado monólogo do pai, dando-lhe um beijo de boa-noite na testa. Levantei-me e aceitei a mão que ela me estendia.

—Podemos contar com a sua companhia amanhã para o chá, Jean-Marc?

—Claro. Boa noite, Katya.

—Boa noite. Você vem, Paul?

—Logo que nosso convidado se retirar.

Já não se distinguia bem as palavras de Paul em consequência de algumas doses extras de conhaque.

Depois que Katya saiu, o Sr. Treville puxou o relógio e disse:

—Meu Deus! Como o tempo voou! E eu tinha prometido a mim mesmo acabar hoje aquele trabalho. Ainda assim, foi uma conversa fascinante. Devo lhe confessar que aprecio muito essa troca de idéias de uma conversa inteligente que, aliás, está se tornando uma arte perdida. Bem, é isso. Com sua licença. - disse ele e saiu.

Fiquei de pé, pronto para sair, mas Paul não se levantou. Pelo contrário, passou a perna pelo braço da cadeira e fez um gesto indicando a garrafa de conhaque.

—Mais uma dose?

—Acho melhor, não. Obrigado. Por que está rindo?

—É porque você está ridículo com meu smoking. Acho que eu também ficaria ridículo com roupas de pastor basco. Acho que tudo depende de como nascemos.

Eu tinha quase esquecido de que estava com o paletó dele. Tirei-o para vestir o meu, que estava pendurado perto da lareira para secar.

—Você é basco, não é? - insistiu Paul.

—Sou. Minha cidade natal fica nas montanhas não muito longe daqui.

—Só curiosidade. Montjean não é um nome basco, afinal. Os nomes mais característicos são Utuburu, Zabola, Elizando... Ou algo igualmente vibrante.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Na verdade, o meu nome é basco... Um afrancesamento dos radicais mendi e jaun, significando "montanhês". Mas não posso acreditar que o senhor esteja interessado nas origens do meu nome.

—Indescriivelmente fascinado, meu amigo - retrucou ele, naquela sua languidez característica.

- Mas eu gostaria de discutir uma coisa com você. Tem certeza de que não quer uma última dose de conhaque?

—Já que insiste.

—Aqui está, meu bom amigo. - Mas ele não me serviu; pelo contrário apontou para a garrafa e deixou que eu me servisse. - Estive reconsiderando minha permissão para que você visite Katya.

—Ah, é?

—Hum, hum. É.

—Eu não sabia que sua irmã precisava de sua permissão para receber os convidados.

Ele riu:

—Você percebeu o tom que usou? Confundia-se com o meu. Será que foi efeito do paletó?

—O que o senhor poderia ter contra eu passar uma ou duas horas todas as tardes com Katya?

—Ah, sim? Notei que vocês dois começaram a se tratar pelo primeiro nome.

—Não há nada de mal nisso. Nós conversamos muito. Soaria falso evitarmos os nomes de batismo.

—Talvez. Você me perguntou o que eu teria contra você passar uma ou duas horas todas as tardes na companhia da minha irmã, numa conversa quem sabe trivial e certamente entediante.

Absolutamente nada. Você é jovem e, para alguns, pode ser considerado atraente. Ela é jovem e todos a acham atraente; e a lei natural da vida é que uma coisa leva a outra.

—Acho suas insinuações ofensivas.

—Por favor, não vá bancar o gascão ultrajado comigo. Como deve ter sido maçante esse d'Artagnan, sempre tão susceptível no que dizia respeito a sua honra imaginária.

—Acho que o senhor bebeu demais.

—Que rapaz observador! Eu não os estou acusando de nada. Mas vocês são pessoas saudáveis e românticas. Deus deu a Adão e Eva o controle do

paraíso e o que se sabe é que eles logo a seguir comeram uma maçã. É perfeitamente natural. - Ele se levantou e atravessou a sala na minha direção.

- Não me importo se é natural ou não, o que eu não quero é você e Katya comendo maçãs. Nem sequer mordendo. Entendido?

Levantei-me.

—Acho que está na hora de ir.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Que idéia maravilhosa! Mas acho que você só está se despedindo por hoje e vai estar de volta, como uma moeda falsa, amanhã na hora do chá.

Não retruquei. Estava furioso demais e já não sabia se podia me controlar. Mas ele me seguiu até a porta.

—Diga-me, Montjean. Você já beijou minha irmã?

—Não, não que seja da sua conta, mas não a beijei.

—Nem sequer segurou sua mão?

—Nem isso - menti. - Nenhuma mordidinha. Permita-me agora desejar-lhe uma boa-noite.

—Um momento! Escute aqui. Quero sua promessa solene de que você não vai tentar ter a menor intimidade com minha irmã. Você promete?

—Francamente, Treville, considero essa sua atitude superprotetora em relação à Katya doentia.

—É claro que é doentia. Nós somos uma família doentia. Katya não lhe disse que vivemos neste buraco por motivo de saúde? Mas o estado de saúde de minha família nada tem a ver com o que eu lhe pedi há pouco. Então?

Pude sentir o sangue basco fervendo nas veias. Quando falei, porém, mantive minha voz calma e controlada.

—Se o senhor não fosse irmão de Katya, eu lhe acertaria um soco na cara.

—Minha nossa! Que boa resposta! Não seria um pouco difícil para você dar um soco num rosto tão idêntico ao dela?

Fitei-o atentamente. Meus ombros relaxaram. Ele estava coberto de razão. Seria impossível.

—Foi bom você ter reconsiderado, porque se tivesse tomado alguma atitude violenta, eu teria o prazer de puni-lo com severidade e destreza. Não tive ainda oportunidade de lhe contar que fui campeão de boxe em Paris.

Não que eu gostasse de todo aquele suor e dos gritos dos atletas, mas houve uma época em que era moda os jovens de minha classe serem peritos em boxe. Permitia que lidássemos com os valentões da rua, sem sujar as mãos. Naturalmente, eu me tornei um lutador notável.

—Naturalmente - respirei fundo e curvei-me levemente. - Boa noite. - Foi somente graças a minha prática de autocontrole que consegui fechar delicadamente a porta.

Considerando o teor e o tom de nossa conversa da véspera, fiquei surpreso quando, ao terminar minhas tarefas na clínica naquela tarde, vi Paul aparecer na porta de minha sala.

—Posso entrar?

—Acho que sim.

Ele explicou que tinha acabado de resolver uns negócios em Salies e gostaria de me oferecer uma carona até Etcheverria, com a condição de que eu aceitasse seu convite para jantar.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Eu o examinei cuidadosamente por alguns instantes, antes de responder que nada me agradaria mais.

Ele retrucou que não entendia como alguém podia gostar da comida local, a não ser no caso dos devotos que engoliam aquela lavagem como uma forma de purificação da carne para abreviar seu sofrimento no purgatório.

Mal tínhamos nos acomodado na carruagem e Paul disse:

—Acho que bebi um pouco demais ontem à noite.

—É? O senhor acha?

—Eu não sei pedir desculpas direito... Falta de prática, talvez.

—Pensei que o senhor fosse bom em tudo... Em boxe, insultos aos convidados, repressão às ações de sua irmã... Todas as práticas sociais.

Ele riu:

—Você estava guardando essa para mim, não? - Quase sorri. De fato, eu havia ensaiado o que lhe diria no próximo encontro.

Saímos da cidade e percorremos silenciosamente uma boa parte da estrada para Etcheverria antes que ele continuasse:

—Olhe aqui, Montjean. Sei que Katya gosta da sua companhia. E para o papai, é bom ter alguém que ouça seus monólogos intermináveis. Gosto deles e não lhes negaria esta pequena variação da eterna monotonia deste lugar. Mas é fundamental que você me prometa não tomar a menor intimidade com Katya.

Tomei fôlego para lhe responder, mas ele ergueu a mão e continuou:

—Por mais inocente que seja! Por mais inocente. Não duvido de suas intenções, Montjean. É

só que meu pai... Bem eu lhe disse que meu pai não deve suspeitar que você tem o menor interesse nela. Não me pergunte por quê. Não é de sua conta.

Suspirei e balancei a cabeça pesaroso.

—Na noite passada o senhor estava ríspido e furioso; hoje está racional e amistoso. Eu devo dizer que considero essa versatilidade de temperamento uma infantilidade.

Ele sorriu com sarcasmo.

—Você acha? Muito bem, aceito seu diagnóstico contanto que o assunto morra aqui.

Pelo resto da viagem, Paul me distraiu imitando os comerciantes e dignitários com quem negociara em Salies; ele tinha uma impressionante capacidade de caricaturar aliada a uma surpreendente falta de compaixão pelas fraquezas do ser humano.

—É estranho que o senhor lide com comerciantes - ponderei - considerando seu desprezo pela classe deles.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Não há outra escolha a não ser entrar em contato com eles esporadicamente, meu amigo. Na verdade, eles são os donos do mundo; não pelos direitos de nascimento ou propriedade pessoal, é claro. Eles têm o mundo porque o compraram.

—Isso pode ser verdade. Mas deve se lembrar de que foi a sua classe que o vendeu a eles.

Ele ficou em silêncio por algum tempo; então, concordou calmamente:

—Isso é verdade. E como!

Eu estava junto ao arco gradeado do pavilhão, quando tirei do bolso a pedrinha que achara e a ofereci a Katya, que, brincou:

—Oh, obrigada, cavalheiro. Temia que o senhor a tivesse esquecido. - Pôs a pedra numa bolsinha a tiracolo junto com as outras e sorriu. - Já lhe ocorreu que você está me dando o mundo...

Pouco a pouco?

—Espero que você não se sinta comprometida pelo valor do presente.

—Não. Não é o valor do presente que compromete, mas sim as intenções que estão por trás.

Suas intenções são sérias?

—Quase.

Ela sorriu novamente.

—Devo lhe avisar que a minha integridade é sólida como uma rocha e que meras pedrinhas não podem arruiná-la.

—Esse foi um trocadilho infeliz, minha cara senhorita - respondi com uma seriedade tão profunda que pude usar aquela "cara" impudentemente.

Ela franziu o rosto e sua fisionomia tornou-se sombria.

—Temo que você não saiba apreciar devidamente a arte de fazer trocadilhos. Isso quer dizer que você é amargamente sério. Para que servem as palavras senão para brincarmos com elas?

Pousei minha mão suavemente sobre a dela.

—Dizem que algumas pessoas as usam para expressar afeição, carinho...

Seus olhos procuraram os meus e vi neles uma incerteza aflita.

—Ah, bem... Não se pode acreditar em tudo que se ouve. - Ela, então, retirou a mão e virou-se para o jardim, o olhar distante, a atenção dispersa.

Os raios de sol através da grade coloriam seus cabelos escuros e refletiam a brancura do vestido em seu rosto. Eu me aproximei dela. A suavidade do rosto... O doce aroma do cabelo... Seus traços delgados... As curvas do colo.

Ela suspirou como se retornasse a contragosto de uma visão agradável e voltou-se para mim:

—Você foi cruel e precipitado ao contar a meu pai e meu irmão sobre o espírito neste jardim.

Por que fez isso?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

A pergunta me desnorteou.

—Ah... Eu... Por nada... Você sabe... Conversa, apenas. Você sabe que eu não faria nada que a magoasse, Katya.

Ela me olhou por um momento, medindo, avaliando, e um sorriso pálido tocou o canto de seus olhos.

—Não, certamente não faria. Mas, de qualquer modo, eu preferia que você não tivesse tocado nesse assunto.

—Não sabia que era segredo.

—Não era exatamente um segredo. Apenas algo só meu e que eu não estava preparada para dividir com ninguém.

—Mas você o dividiu comigo.

Ela pensou por um momento no que eu lhe falara, como se percebesse naquele momento que realmente o fizera.

—Isso é verdade. Eu fiz isso, não fiz? - Deu de ombros. - Ah, bem, não há motivo para continuarmos pensando nisso. O mal já está feito.

—Que mal?

—Você viu como Paul reagiu à menção do espírito, não viu?

—É, eu vi. Ele estremeceu.

Ela concordou com um movimento de cabeça.

—Eu sabia que isso ia acontecer.

—Mas por quê? Alguém tão cético quanto ele não pode acreditar em espíritos. Por que ele se perturbaria à simples menção de um?

Ela franziu o rosto e balançou a cabeça.

—Eu realmente não sei, Jean-Marc. Mas alguma coisa me dizia que ele ia ficar assim.

Suspirei, arranquei um raminho da trepadeira que caía das grades e comecei a desfolhá-lo.

—Katya, esse espírito é real?

—Espírito real? Não são termos contraditórios?

—Você sabe perfeitamente o que quero dizer. Você e Paul gostam de inventar histórias e brincar com a credulidade das pessoas. É por isso que eu lhe pergunto se o seu espírito é real.

—Ah, ela é bastante real.

—Você a viu realmente?

—Sim, bem... Não exatamente. Eu quase a vi de soslaio... É uma mancha branca que desaparece quando olho para ela, assim como as pálidas estrelas. Mas tenho certeza absoluta de que



PDL – Projeto Democratização da Leitura

ela está aqui. Posso sentir a sua presença quase palpável. E não é uma experiência assustadora ou perturbadora. Ela é um espírito gentil... E tão terrivelmente triste... Tão triste!

—Triste? Por que triste?

—Não sei. Talvez tudo tenha acontecido quando ela ainda era jovem...

—Jovem? Quantos anos ela tem?

—Quinze anos e meio. - Eu sorri.

—Você tem certeza de que ela não tem 15 anos, cinco meses e 11 dias? Afinal, você realmente tem um talento para precisar as informações.

Ela me olhou com uma seriedade penetrante.

—Você deve saber que é difícil precisar a idade em dias.

Sorri disfarçadamente e continuei o jogo, deitando fora meu raminho desfolhado.

—Sabe, Katya, eu entendo a perturbação de Paul com essa idéia de fantasmas... Espíritos.

Mesmo que você me acuse de sonhador e romântico incurável, o meu apego à realidade é concretamente lógico. Eu me sinto perdido, constrangido, quando penso em forças e acontecimentos que contrariem a ordem natural das coisas, as relações de causa e efeito, razão e dedução. Você entende o que eu quero dizer?

—Você quer dizer que não acredita no sobrenatural?

—Prefiro não acreditar. Não quero. O irracional me assusta. Eu me sentiria melhor na presença de um homem bruto e cruel do que na presença de um louco.

—Paul não é louco - reagiu preocupada.

—Não! Você entendeu mal. Só quis dizer que tanto eu como ele não nos sentimos à vontade com a idéia do sobrenatural. Eu quero dizer que ele é inteiramente são, como eu. Inflexivelmente racional.

—E você acha que isso é o melhor?

—Bem... É mais seguro. - Ela refletiu por uns instantes.

—Sim, seguro... Mas limitador.

Ficamos em silêncio por algum tempo, enquanto eu procurava um jeito de formular uma pergunta que ficara me martelando todo dia.

—Katya, é óbvio que há algo errado. Alguma coisa preocupando você e sua família.

Ela me respondeu com uma franqueza surpreendente:

—Sim, é claro que há. Eu ficaria surpresa se alguém tão sensível como você não percebesse isso.

—Existe algo que eu possa fazer para ajudar? Seria útil falarmos sobre isso?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Útil? É um modo meio estranho de falar. Mas, é... Poderia ser... Útil. - Ela parecia lutar consigo mesma, na iminência de dividir algo comigo, mas sem coragem para tanto.

Para encorajá-la, argumentei:

—Você sabe que tem em mim um bom amigo, que se preocupa com você. Certamente já sabe o que eu sinto por você, Katya.

Ela balançou a cabeça e se virou como que para deter as minhas palavras.

Mas eu insisti, aproveitando o clima do momento, temendo que não houvesse outra oportunidade.

—Eu ainda não tive coragem de dar um nome ao que sinto por você... Aos sentimentos que me perturbam à menor lembrança sua...

—Por favor, Jean-Marc.

—Mas se fosse preciso, eu sei que seria aquilo que chamam... Amor.

—Por favor... - Ela se ergueu da cadeira de vime, como se quisesse fugir, mas eu agarrei-lhe a mão, puxei-a para mim e segurei-a em meus braços.

—Katya...

—Não - disse ela, tentando escapar.

—Katya! - Um leve arrepio percorreu seu corpo, ela, então, retesou-se e encarou-me calma e sempre distante. Não tentou mais escapar, mas a sua resistência passiva e sua indiferença fria produziram o efeito de resfriar o meu ardor e fizeram sentir-me estúpido e grosseiro por segurá-la, não exatamente contra sua vontade, mas contra sua falta de vontade. Eu queria, ao mesmo tempo, libertá-la e beijá-la. Não sabia o que fazer.

Eu era jovem. Eu a beijei.

Seus lábios eram suaves e macios, mas totalmente passivos, e ao abrir os olhos, depois do longo beijo, percebi que ela olhava para algum lugar além de mim, através de mim.

Eu a libertei; ela, porém, não se moveu e fui eu quem recuou desconcertado, sentindo-me muito mal.

—Eu lamento Katya... Lamento tanto!

—Está tudo bem.

—Não, não está tudo bem. É que... Eu a amo tanto...

—Está tudo bem, Jean-Marc.

Mas eu balancei negativamente a cabeça e virei-me para... Enfrentar o olhar de Paul.

Era óbvio que ele viera silenciosamente pelo jardim e presenciara todo o meu embaraço.

—Parte de seu comportamento habitual, doutor? - Humilhado, com raiva, frustrado, eu gaguejei:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Eu... Eu não sei por que fiz isso. Foi tolice minha. Já vou me retirar, não se preocupe.

—Não, Jean-Marc, não se vá - pediu Katya com um misto de compaixão e angústia na voz.

—Não, Katya - disse Paul -, deixe o bom doutor ir. Foi o mais nobre impulso que ele teve em anos.

—Treville - disse eu, canalizando todo o meu ódio nele -, se não fosse por Katya, eu teria o maior prazer em apagar esse sorriso inexpressivo da sua cara.

—Acho que você ia só tentar - disse ele numa voz entediada.

Com os dentes cerrados, as veias pulsando forte nas têmporas e o punho cerrado, fiquei cara a cara com ele, com um ódio mortal daquela calma indiferença que lia em seus olhos, mas, ao mesmo tempo, percebendo nessa indiferença uma semelhança com o semblante vago de Katya, quando eu a beijara há pouco.

Respirei fundo várias vezes num esforço para refrear os meus impulsos; fechei, então, os olhos e relaxei os punhos. Virando-me para Katya, que nos olhava apreensiva, falei, procurando me controlar ao máximo:

—Perdoe-me qualquer sofrimento que eu tenha lhe causado, Katya. O simples... E talvez...

Indesejável fato é que eu a amo e jamais lamentarei esse amor, apesar de maldizer a minha maneira desastrosa de expressá-lo. - Enquanto eu falava, senti vontade de me afogar em todo aquele palavreado artificial, fruto daquele velho hábito de criar frases feitas. Tinha a certeza de que estava destruindo qualquer chance que eu pudesse ter de conquistar o amor de Katya, mas o orgulho dos jovens, quando ferido, é algo terrível, capaz de descontrolar-se na agonia do ego e ferir aquilo que mais ama.

Com uma reverência formal, igualmente ridícula, fui-me embora, com altivez, a cabeça num caos de raiva e desespero.

Como eu tinha ido para Etcheverria na carruagem de Paul, tive de andar até Salies, minha infelicidade contrastando amargamente com a beleza do crepúsculo. Meu ritmo e minha raiva foram diminuindo a cada passo, até que, quando cheguei à vila, a raiva já havia passado e meus sentimentos, sufocados.

A última coisa para a qual eu me sentia preparado era uma conversa com o Dr. Gros, mas, quando ele me saudou de sua mesa, sob a luz amarelada da arcada, não encontrei maneira alguma de evitar o encontro sem desfilar minha infelicidade, tomando-me alvo de suas tolas brincadeiras.

—Venha e sente-se aqui, Montjean - ordenou ele com uma voz firme, batendo na cadeira do seu lado. - Beba algo comigo como consolo.

—Consolo?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Bem, talvez como alívio. Isso depende de como estava indo o seu romance com La Treville.

De qualquer modo, você conseguiu o direito de reivindicar o recorde de rapidez em episódios românticos... Salvo, talvez, aquele caso no verão passado envolvendo o padre da cidade.

—Eu não faço idéia do que o senhor está falando.

—Confesso que estou feliz por ver esse caso resolvido. Suas idas e vindas tomaram conta da imaginação e da língua da cidade, encobrendo inteiramente a minha própria reputação em matéria de romances rápidos, reputação essa que sempre cultivei e espalhei.

Enquanto ele punha algumas gotas no meu Oxigéné, eu imaginava como as notícias dos meus problemas em Etcheverria puderam chegar a Salies antes de mim, reconhecendo a rapidez dos boatos, rapidez essa pela qual a vila é merecidamente famosa.

—Eu não tenho a menor idéia do que o senhor está falando, Dr. Gros, mas se o senhor não se importa, gostaria de mudar de assunto.

—Importar? Por que eu deveria me importar? - O Dr. Gros ficou em silêncio por um momento; depois resmungou: - De qualquer modo você ainda tem uma semana.

—Uma semana?

—E grandes feitos foram realizados em uma semana... Deus, dizem, fez todos os seres do mundo em sete dias. Que façanha sexual! Na verdade, existia uma pequena população naquele tempo, mas, contando com os anjos, foi uma senhora façanha.

Sabe, eu penso constantemente sobre o sexo dos anjos. E você? Meninos? Meninas?

Hermafroditos? Talvez eles tenham sido constituídos sem nenhum orifício. E se foi isso que aconteceu, suas funções mais rudimentares tornam-se um milagre. Ah! *Anus mirabilis*! Que tal? E

pensar que considerarei os meus anos de estudo de latim um desperdício.

—Que negócio é esse de uma semana?

—Ora, vamos, não seja tão fechado comigo. Toda a cidade sabe que os Treville vão se mudar em uma semana. O jovem, o irmão, esteve na cidade hoje de manhã cuidando dos preparativos. Não há motivo para o seu... - Seus olhos se arregalaram e seu tom de voz baixou de repente. - Oh! Você não sabia, não é? Posso ver isso em seu rosto.

Pigarreei:

—Não, na verdade, eu não sabia...

—Mas, meu rapaz, naturalmente imaginei que... É que você foi à cidade com o jovem Treville esta tarde e naturalmente imaginei que ele tivesse lhe contado sobre a intenção de deixar esse nosso paraíso maculado. Eu realmente lamento ser o portador dessas más notícias. Perdoe-me toda aquela conversa inútil sobre os anjos (apesar daquela passagem sobre anus mirabilis não ter sido tão má).

Tome outro drinque por minha conta. Castigue-me financeiramente.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Não, obrigado. Ah... O jovem Treville disse para onde iam?

—Não, ele não disse. E com isso suscitou, na cidade, uma infinidade de suposições. Túnis?

Martinica? Paris? Pau? Este último destino foi sugerido, como você pode perceber, pelo nosso banqueiro, um homem de imaginação singularmente curta. É possível que a sua jovem tenha ocul-tado esse fato de você?

—Eu preferia mudar de assunto, se o senhor não se importa.

—Como quiser. Você é quem sabe, claro... Não é da minha conta.

Dr. Gros tomou seu drinque e olhou para os jardins com uma indiferença estudada. Então, subitamente, ele se inclinou para frente.

—Sabe, talvez ela não lhe tenha dito nada, para você não sofrer... Ou talvez ela não soubesse.

Assim que ouvi a segunda hipótese sugerida pelo Dr. Gros, fiquei convencido de que era esse o caso. Katya não sabia dos preparativos de Paul para deixarem Salies. Se soubesse, ter-me-ia dito logo.

De todas as suas qualidades, nenhuma era mais acentuada que sua honestidade que, às vezes, podia transformar-se numa franqueza dolorosa. E, na hipótese de ela não saber, por que Paul lhe esconderia isso? Talvez ela não quisesse ir. Estaria sendo levada contra a vontade?

Desculpei-me e fui para o meu quarto, onde me sentei na beira da cama, pensando no que fazer. Quando adormeci - um sono agitado, perturbado - ainda todo vestido, já tomara minha decisão de enfrentar Paul. Iria a Etcheverria e falaria com ele, por mais indesejável que fosse minha visita.

As conveniências eram o de menos quando se tratava da minha felicidade e talvez... Ousei acreditar... Na de Katya.

Na manhã seguinte, estava tomando café na minha mesa sob os arcos, os brioques ainda intactos no prato, pois eu estava indisposto depois de uma noite de pesadelos terríveis. Fiquei surpreso ao ver Katya empurrando sua bicicleta pela praça na minha direção. Sem chapéu, como sempre, mechas de cabelo soltas pelo vento, um sorriso alegre e radiante, ela aceitou a cadeira que lhe ofereci.

—Bela manhã, não? - perguntou ela. - Acordei com o primeiro raio de sol e o orvalho no campo cintilava como... Bem... Como diamantes, acho eu. É uma pena que certos clichês sejam descrições tão exatas que é difícil evitá-

los, a não ser quando se quer sacrificar a clareza em nome da originalidade. Será que você pede uma xícara de café para mim?

Por mais piegas que possa parecer, perturbei-me com o fato de que aqueles acontecimentos que me haviam torturado a noite toda pareciam não tê-la afetado nem um pouco. Não pude evitar uma sensação de desconfiança em relação àquela alegria toda; assim, havia algo de mordaz em minha voz quando perguntei:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Seu irmão sabe que você veio à cidade?

—Não - respondeu ela, como se aquilo não tivesse importância. - Você não vai comer esses brioques?

—Não estou com muita fome.

—Sinto muito. Então posso comê-los? Estou faminta!

—Claro!

Depois que o garçom se foi, deixando uma xícara e bules de café e leite quente, insisti no assunto.

—Tenho certeza de que Paul ficaria furioso se soubesse que você está aqui.

Ela tomou um longo gole de café, sedenta, olhando para a xícara como as crianças costumam fazer.

—Hum... Está gostoso. Eu também acho que ele ia ficar furioso. Mas não vamos falar mais nisso. Está uma manhã tão linda!

—Não, Katya, eu quero falar nisso. Eu passei uma noite horrível e queria falar sobre o que está acontecendo comigo... Conosco.

—Sabe, Jean-Marc, você não foi o único a passar uma noite horrível. - Havia um tom de revolta em sua voz.

Eu não podia crer, a julgar pelo frescor de seu rosto e brilho de seus olhos, que ela tivesse passado a noite em claro.

Pelo que depois pude perceber, ela não estava falando de si própria.

—Quando desci esta manhã, encontrei Paul dormindo no chão da sala. Ele bebeu demais, estava pálido, com uma aparência horrível lá no chão coberto com o tapete da lareira. Eu me senti mal em deixar meu irmão sozinho naquele estado, mas precisava sair daquela casa, vir para esta manhã gloriosa. E também... - ela desviou os olhos - ...eu queria ficar com você, acho.

Era difícil para eu imaginar o frio e controlado Paul Treville bebendo a noite toda para curar a dor, mas essa imagem me deu uma sensação de cumplicidade misturada, devo confessar, com certa satisfação em saber que ele também sofria com seu próprio autoritarismo. Mas, superando essa mistura de pena e satisfação, pairava o efeito reconfortante de sua última frase: "...eu queria ficar com você".

Pousei minha mão sobre a dela. Katya assim permaneceu por um tempo antes de dizer com uma risadinha:

—Eu realmente não sei beber café com a mão esquerda e ia fazer papel de boba se o derramasse.

Soltei sua mão e disse:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Katya, posso ser franco com você?

—Isso quer dizer que você pretende falar algo desagradável.

—Não, de modo algum. Bem, talvez. Eu não entendo como você pode estar tão bem-disposta, tão alegre, enquanto eu e Paul, é claro, estamos sofrendo tanto.

—Isso é uma coisa que se aprende, Jean-Marc. É preciso se desligar dos problemas e procurar não exatamente alegria, mas paz. De que outra forma poderíamos viver?

—Mas, por Deus, o que há na sua vida, na sua família, que lhe causa tanta dor a ponto de você ter de criar barreiras contra isso?

Ela ficou por um momento com os olhos baixos, como se analisasse algo. Depois balançou a cabeça negativamente.

—Não, não é uma coisa que eu possa falar. Nem mesmo com você.

—Mas você pode se abrir comigo, Katya. Você sabe que eu...

—Pare! - Depois, de uma maneira mais suave: - Pare, por favor.

—Bem, você podia ao menos deixar-me dizer que gosto de você.

—Claro - disse ela, sorrindo com tristeza. - Eu sei que você gosta de mim e isso me deixa contente.

—Mas você não quer dividir esse "não-sei-o-quê" comigo?

—Eu vou dividir outras coisas com você. Quando eu estiver alegre ou pensar num bom trocadilho. Isso é que eu vou dividir com você. Vai ter de ser o suficiente.

—Mas não é. Por Deus, Katya, nós dividimos nossa felicidade com todo mundo... Até com os estranhos. O importante é dividir as tristezas e os

sofrimentos, você deve saber disso.

—Eu sei. Infelizmente essa é uma verdade incontestável.

—Então?

Ela me encarou por um momento e sorriu:

—Sabe, Jean-Marc, seus olhos são muito escuros, quase negros; deve ser preciso muita luz para iluminá-los.

Desviei os olhos, frustrado por vê-la fugir do assunto de maneira tão óbvia.

—Por favor, não se zangue, Jean-Marc.

—Eu não estou zangado. - Infelizmente não há como dizer isso sem parecer petulância.

—Ouça, querido. - Esta palavra carinhosa me tocou, apesar de minha frustração e desespero. -

Eu estou certa de que vou conseguir resolver sua situação com Paul. Ele se irrita facilmente, mas perdoa com rapidez.

—É por isso que ele é incapaz de um sentimento mais profundo.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Isso não é verdade. Não é justo. Vou falar com Paul e tenho certeza de que ele vai reconsiderar sua decisão e vai deixar você voltar a Etcheverria; logo nós poderemos dar as nossas caminhadas pelo jardim. E eu vou deixar você aplaudir os meus trocadilhos. E de vez em quando virei de bicicleta a

Salies e acabarei com todos os seus brioques. Tudo vai ficar bem, você vai ver.

Eu balancei a cabeça, desolado, e ela continuou:

—Mas você tem de prometer ajudar Paul no nosso plano. Papai não deve ter a menor suspeita de que nós nos gostamos. Não vai ser tão difícil assim! Como você sabe o interesse de papai no que o cerca é muito pequeno. Que tal um sorriso para mim agora, hein? Nós teremos muito o que dividir.

—Mas nós só temos uma semana! - Ela franziu a testa, desnorteada:

—Só uma semana? Por quê? Você vai a algum lugar?

—Você é quem vai, Katya. Sua família vai embora de Etcheverria. Seu irmão veio ontem à cidade cuidar dos preparativos.

—Oh! - murmurou ela. Com os dedos, começou a enrolar um cacho de cabelo distraidamente. -

Sei. - Sua voz soou indiferente e distante.

—Eu tinha certeza de que Paul não lhe havia contado ainda.

—O quê? - perguntou ela, libertando-se de seus pensamentos. - Ah, não. Ele não me disse.

Permanecemos sentados em silêncio por algum tempo antes que eu perguntasse:

—Você não quer ir embora, quer?

—Não, é claro. Mas isso não tem a menor importância. Se Paul está tomando as providências, nós temos de ir.

—Por quê? Pelo amor de Deus!

—Isso já aconteceu antes, quando tivemos que sair de Paris e vir para cá.

—O que aconteceu em Paris?

Ela ficou séria de repente e balançou a cabeça nervosamente. Insisti:

—Do que a sua família está fugindo? - Ela me olhou e sorriu tristemente:

—Bem, como a maioria das famílias, temos nossas ovelhas negras, embora sejamos bem clarinhos. Ora, vamos, esse trocadilho não foi tão ruim assim. Se não merece uma risada, deve merecer ao menos um sorriso. No mínimo, um gemido.

—Não estou com vontade de sorrir.

—Não leve tudo tão a sério, Jean-Marc. - Ela se levantou. - Agora eu preciso ir. Estou certa de que Paul vai precisar de ajuda com a mudança. Mas você poderá vir tomar chá conosco esta tarde.

Por favor, nós só vamos ter uma semana juntos, seria tolice não a aproveitarmos bem.

—Você tem razão. Terei prazer em tomar chá com vocês.

—Ótimo! Até mais tarde então?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Até mais tarde!

Ela foi empurrando a bicicleta pela praça, parando para sorrir calorosamente e cumprimentar com um aceno de cabeça um grupo de senhoras que na certa falavam de nós e que ficaram atarantadas com a

familiaridade daquela moça - que devia valer grande coisa - e seus cumprimentos tão francos, que absolutamente não as convencia.

Durante o chá, o Sr. Treville estava alegre e comunicativo, o que salvou a conversa, já que meu pensamento estava longe.

Paul estava tão frio e absorto que nem provocou, como de costume, a estreiteza mental do pai.

E Katya contentou-se em ficar sentada, sorrindo para os três homens alternadamente, embora de um modo distante e maternal.

—Então é isso que meus filhos fazem toda tarde, enquanto mergulho no trabalho de Clio?

Sentam-se e tomam chá! Esbanjadores! Mas acho que não é tão pernicioso assim. Espero que essa mordomia não o afaste de seus estudos sobre a praga, Dr. Marque. - Ele achou graça da idéia de que alguém dedicado a estudos medievais estivesse sujeito a tal tentação.

—Dr. Montjean, papai - corrigiu Katya.

—Montjean? Mas eu estava certo de que a ouvi chamá-lo de Dr. Marque ontem à noite, durante o jantar. Eu me lembro perfeitamente. Você disse Dr. Jean Marque.

Paul suspirou.

—Isso foi na noite de anteontem, pai. E o doutor foi chamado pelo seu primeiro nome, Jean-Marc. Jean-Marc Montjean. É um nome difícil de esquecer... De tentar, mas não impossível.

O Sr. Treville ficou preocupado e balançou a cabeça, confuso. A possibilidade de Katya ter usado meu primeiro nome com tal intimidade ainda não lhe havia ocorrido.

—Meus filhos pensam que sou um velho caduco, porque raramente me dou ao trabalho de prestar atenção a suas conversas. Minha memória está

tinindo como um franco de ouro... Não que o franco esteja tão forte ultimamente, hã?

—Posso perguntar - interrompeu Paul - por que estamos nos estendendo tanto à questão do nome do nosso bom doutor? Certamente não estamos tão sem assunto assim.

O Sr. Treville fez um gesto displicente com a mão, em sinal de pouco caso, e continuou:

—Ah... Mas os nomes são confusos. E importantes, também. Nós lidamos com as coisas, não como elas são, mas como nós as percebemos. Daí, num nível mais assustador, as coisas são o que dizemos ser. Veja o exemplo da minha filha, doutor. Batizada e consagrada a Deus sob o nome perfeitamente satisfatório de Hortense, o nome de minha mãe. E um dia, quando me dei conta, havia



PDL – Projeto Democratização da Leitura

uma Katya morando comigo. Assim, da noite para o dia, a minha Hortense desapareceu e foi substituída por uma Katya.

Ele segurou a mão da filha e continuou.

—Mas eu me acostumei com esta substituta da minha Hortense. Ela é uma boa menina. A cópia da mãe, doutor... Bem, ambos o são, na verdade. Eles tiveram a sorte de ter os traços da mãe.

Uma mulher de uma beleza excepcional. - A voz do Sr. Treville foi ficando cada vez mais baixa, mais distante. - Uma mulher excepcional.

Katya falou num tom alegre, com o propósito de arrancar o pai da melancolia em que ele começava a cair.

—Eu gostaria que tivéssemos herdado o seu cérebro, pai.

—O quê? Ora, vocês são inteligentes! Um pouco preguiçosos, vítimas dessa boa vida, talvez, mas muito inteligentes. É claro, lapsos como esse, com o nome do doutor, são comuns, até mesmo entre pessoas letradas. Um estudioso comete um erro, de ortografia ou algo mais sério, aí outro copia, mais outro, e mais outro, e logo o erro passa a ser aceito como verdade.

É por isso que acho que cada um deve fazer a sua própria pesquisa sozinho como, creio eu, o senhor fez nos seus estudos da Peste Negra, doutor. - O Sr. Treville inclinou-se na minha direção e falou como que a um colega. - Eu me lembro de um caso envolvendo um acadêmico renomado, daí eu não mencionar seu nome, para evitar escândalo.

Ele declarou que a população da vila de Alos em 1250 era de três mil pessoas. Três mil, quando na verdade, como todos sabem, Alos não tinha mais do que 300 pessoas naquela época. Mas lá estava publicado e, conseqüentemente, verdade irrefutável. Três mil. Quantas pesquisas futuras não serão prejudicadas por um descuidado zero a mais? Por exemplo, se um estudioso escrevesse que 185 habitantes de Alos foram mortos pela Peste, ele concluiria que o povoado fora atingido de leve, quando, na verdade, mais da metade da população morreu.

—O senhor devia escrever um artigo sobre os danos causados por um zero perdido, papai -

disse Paul.

—É, eu devia. Não exatamente com esse título, mas devia. E seria bem-aceito. - Eu sorri.

—É difícil para mim, senhor, imaginar alguém dedicando um estudo a Alos.

—O senhor conhece a cidade?

—Conheço-a bem. É uma das três que constituem a comunidade onde eu nasci.

—Fascinante - disse Paul, com a voz inflexível.

—É, realmente é - aprovou o Sr. Treville. - Alos é um dos poucos lugares onde ainda existe a parada de Robert, *le Diable*.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Exatamente, senhor. A parada é feita, todos os anos, durante a festa. Mais ou menos nesta época.

—Verdade? - perguntou Paul. - Nesta época do ano? A famosa Festa de Alos? Minha nossa!

—Eu daria tudo para vê-la - disse o Sr. Treville.

—O último vestígio da integração entre o rito pagão e o cristianismo, característica dos bascos.

Eu tenho pensado nisso constantemente... Ei, o que é isso? - Ele apontou para a bandeja de chá onde algo lhe chamara a atenção.

—Ah, é meu - disse Katya. - Um presente do Dr. Montjean. Eu devo ter deixado por acaso na bandeja.

—Mas... Parece uma simples pedrinha.

—Para alguns pode ser, papai, mas ela também pode ser vista como um pedacinho do universo.

Enquanto o Sr. Treville examinava cuidadosamente a pedrinha, eu evitava o olhar de Paul, onde sabia que só encontraria uma expressão divertida e irônica.

—É, acho que isso pode ser visto assim - disse o Sr. Treville, absorto, enquanto devolvia a pedrinha a Katya, que a jogou dentro da bolsinha na mesma hora. - Eu não sabia que também se interessava por geologia, doutor - continuou o Sr. Treville. - Estranha mistura de interesses: geologia e pragas medievais. Previna-se contra a atração pelas ciências puras. Elas são puras como uma freira idosa: sem vida, sem paixão. Não, não, dirija-se para os estudos humanísticos, onde, apesar de ser mais difícil encontrar a verdade e as provas mais definitivas, sente-se o pulsar da vida humana.

—Dr. Marque - disse Paul. - Oh, desculpe, eu queria dizer, Dr. Montjean. Maldito zero! Você não acha que já está na hora de examinar minhas ataduras, ou seja lá o que for para fazer jus ao seu ganha-pão? Afinal, foi para isso que você veio, não foi?

—Ah, claro. Com sua licença.

Quando me levantei, o Sr. Treville também se levantou, dizendo que realmente precisava voltar ao trabalho, que o chá e a conversa estavam ótimos, mas que trabalho era trabalho.

—Você se incomoda de ficar sozinha, querida? - perguntou ele a Katya.

—De modo algum, papai. Eu vou à minha biblioteca ler um pouco.

—Biblioteca? - espantou-se o Sr. Treville. - Que biblioteca ?

—Eu chamo o pavilhão lá atrás do jardim de minha biblioteca.

O Sr. Treville balançou a cabeça e deixou pender os braços.

—Veja só, doutor. Um exemplo perfeito das origens dos enganos nos estudos.

Daqui a 10 mil anos, um estudioso vai ler os diários de Katya e concluir que antigamente chamávamos "pavilhão" de "biblioteca". E também, lendo que

os estudiosos de nosso tempo passavam horas e horas nas bibliotecas, vão deduzir que, no início do século XX, o clima da Europa



PDL – Projeto Democratização da Leitura

era semitropical. - Ele entrou em casa, murmurando: - Assim, erro gera erro, que por sua vez gera erro, que...

Katya o acompanhava com os olhos, sorrindo.

—Ele não é um amor? Você não gostaria de viver assim, na fronteira do irreal com o real?

—Gosto muito dele - disse eu. - Não posso entender por que acham necessário fingir que Katya e eu somos quase estranhos. Até parece que seu pai é um monstro.

Katya olhou-me de relance, preocupada.

—O que há de errado? - Paul levantou-se entediado.

—Espero que você nunca se tome um cirurgião, doutor. Há algo de mortal no modo descuidado com que você maneja um bisturi. Poderíamos ver essas ataduras agora?

—Duvido que elas precisem de exame.

—De qualquer modo... - com um gesto, ele me conduziu de volta à casa e eu o segui, depois de tocar levemente o ombro de Katya num "até logo" ao qual ela não respondeu.

Examinei o machucado de Paul. Quando toquei numa região meio inchada ao redor da clavícula, fiquei surpreso por ver que ele não estremeceu de dor.

—Sua capacidade de recuperação é boa - comentei.

—Sempre foi. Uma vez, quebrei a costela e voltei a lutar em uma semana.

—Lutar?

—É, lutar. Será que me esqueci de lhe contar que fui campeão de boxe amador em Paris?

—Não, o senhor mencionou o fato; e eu fiquei devidamente impressionado.

—Eu me destaquei neste esporte, não exatamente pelos meus atributos físicos, mas pela vontade de ganhar e pela agressividade, enquanto os outros se perdiam em considerações éticas.

—E essas considerações nunca o detiveram?

—Nem um pouquinho - garantiu-me ele com certa ênfase.

—Será que eu devo entender essa informação no sentido metafórico?

—Seria sensato de sua parte.

—Entendo. Mas com toda essa notável capacidade de recuperação, o senhor ainda vai ter de poupar esse braço por cerca de uma semana.

Paul vestiu a camisa sem qualquer ajuda, abotoando-a com alguma dificuldade.

—É claro, mas eu não o chamei aqui só para desfrutar dos benefícios de sua negligência profissional.

—Já tinha imaginado isso.

Ele me encarou por um momento, como se não soubesse por onde começar; depois, dirigiu-se a uma mesinha de onde apanhou uma pistola ricamente

trabalhada em cujo cano destacava-se uma



PDL – Projeto Democratização da Leitura

vareta de metal destinada à limpeza. Meio desajeitadamente, ele segurou a pistola com a mão imobilizada e moveu a vareta lentamente para dentro e para fora, como se seus pensamentos estivessem longe daquela sala.

Depois de um interminável minuto de silêncio, eu perguntei:

—E então?

—Sabe, o tiro ao alvo era uma das minhas paixões em Paris. Só o abandonei porque consegui todas as medalhas e prêmios do clube.

—Fico feliz vendo que o senhor achou uma ocupação útil.

Paul recolocou cuidadosamente a pistola na mesa e virou-se para mim, com uma expressão de desprezo no rosto. Mais uma vez fui apanhado de surpresa por ver como aqueles traços, em si tão parecidos com os de Katya, podiam produzir um efeito tão diferente.

Embora ele estivesse pálido, com profundas olheiras e a boca crispada, por causa da noite de bebedeira, seu rosto e o de Katya eram como uma mesma melodia executada em instrumentos diferentes... Ou melhor, em tons diferentes. O que nela se manifestava como uma inteligência viva, ávida de conhecimentos, transformava-se nele num espírito amargurado.

O que nela era um ar sonhador, nele era uma fria reserva. Embora os tons dele fossem mais fortes e os dela, mais suaves, era ela que parecia transposta para o tom menor; era a melodia dela que parecia impregnada pela melancolia. Ele sorriu languidamente.

—Acho que minhas intenções ficaram claras com essas informações sobre minha excelente reputação de lutador de boxe e atirador.

—As implicações não me passaram despercebidas.

—Ótimo. Mas em princípio eu quero lhe dizer, Montjean, que estou furioso com você. Sua atitude foi egoísta, irresponsável e pérfida.

—Pérfida? Olhe aqui...

Ele ergueu a mão aborrecido, impedindo que eu me explicasse.

—Sim, pérfida. Diabos, homem. Sempre achei que sua presença só ia trazer dor e aborrecimento, mas permiti que você frequentasse nossa casa, visitasse Katya para desfrutar de sua companhia. Ontem, deixei-os sozinhos por uns minutos; quando voltei, encontrei você agarrando minha irmã.

—Não chamaria aquilo de "agarrar sua irmã".

—Para mim, sua opinião tanto faz como tanto fez. O problema é que, contrariando meu lado sensato, deixei você frequentar nossa casa na esperança de que se contentasse em fazer companhia a minha irmã, em nosso ambiente familiar, adequadamente. E logo descubro que ela, sorratamente, está indo a Salies e vocês estão tendo um encontro vulgar num café barato.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Um momento! Eu lhe garanto que...

—Não estou interessado em suas garantias! Estou lhe dizendo que...

—O senhor não precisa me dizer nada. É injusto... E apelativo... Dizer que tomar uma xícara de café é escapular para um encontro vulgar. É algo que eu não vou permitir.

Ele me encarou. Então, baixou os olhos e suspirou.

—Claro! Foi uma expressão infeliz.

—Realmente foi. - Embora eu estivesse surpreso por ouvir Paul Treville se desculpar por alguma coisa, não pretendia parar por ali. - Além disso, eu não sabia que Katya ia a Salies hoje de manhã. Não foi um encontro. Mas eu lhe digo com toda a sinceridade: se eu soubesse que ela iria, teria ficado feliz.

—Muito bem, vamos passar adiante. Acredito em você. Katya é uma mulher independente e voluntariosa; seria bem capaz de ir à cidade procurar você, embora eu a tivesse proibido de fazer isso. Porém, mais grave ainda do que encontrar-se furtivamente com ela foi essa sua intromissão nos nossos negócios, buscando informações sobre as minhas atividades, e, o pior de tudo, contando a ela minha intenção de deixar esse fim de mundo, sem a menor preocupação com o efeito que essa notícia pudesse lhe causar. Ela chegou perturbada.

—Ela tem o direito de saber quais são suas intenções. Meus Deus, é com a vida dela que você está brincando, e não só com a sua, correndo de cidade em cidade sempre que lhe dá na veneta.

—Eu não estou brincando com a vida dela. Absolutamente não estou brincando. Estou sendo sincero. É você quem está brincando, Montjean. Fazendo o papel do apaixonado intrépido, do Dom Quixote desastrado que pouco se importa com quem sai ferido, contanto que seus desejos sejam atendidos, contanto que possa subir nos altos muros e salvar as donzelas... Donzelas que não precisam e que não querem ser salvas.

—Isso é o que o senhor diz. Suas sobrancelhas arquearam-se:

—É mesmo? Alguma vez ela lhe disse que não queria ficar com a família? Que não estava disposta a acatar minha decisão a respeito do que era

melhor para nós?

—Bem... Não com essas palavras. - Na verdade, ela parecera inclinada a fazer aquilo que Paul resolvesse. - Mas eu não estou certo de que ela saiba direito o que quer.

—Mas você sabe? Você sabe o que ela quer? Você sabe o que é melhor para ela ? Meu Deus!

O que lhe dá o direito de interferir desse jeito?

—Eu a amo —respondi simplesmente.

Não vi surgir naquele rosto o sorriso escarminho que eu esperava. A reação de Paul foi mais desconcertante ainda. Ele deu um suspiro profundo, fechou os olhos e balançou a cabeça, cansado.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Você a ama. Você a ama. Que Deus nos proteja dos bem-intencionados!

—Ele deixou-se cair numa cadeira à minha frente e falou quase que para si mesmo. —Por amá-la, acha que tem o direito de estragar a nossa vida. Causando dores e males que você nem pode imaginar. Por amá-la, você está pronto para expô-la à dor e à vergonha. Você a ama! Por Deus, homem. Você acha que eu não a amo? Você acha que o pai dela não a ama, naquele seu jeito alienado?

—Claro que amam.

—E então?

—Não estou certo de que o senhor esteja avaliando o efeito que essas andanças caprichosas têm sobre o espírito de uma jovem. Do que vocês estão fugindo?

—Isso não é da sua conta.

—Os meus sentimentos em relação à Katya me dão o direito de interferir.

Suas sobrancelhas elevaram-se.

—Seus sentimentos? Diga-me, Montjean. Quantos anos você acha que Katya tem?

—Quantos anos? —aquela pergunta fora de propósito pareceu-me totalmente irrelevante.

—Sim. Quantos anos?

—Não vejo a importância disso.

—Há muita coisa que você não vê. Então, eu vou lhe dizer: Katya tem 26 anos —Ele sorriu. —

Eu estou numa posição particularmente vantajosa para saber a idade dela, já que sou apenas 15

minutos mais novo. Tenho certeza de que você pensou que ela fosse bem mais nova.. 19 ou 20 anos, Todo mundo pensa. Herdamos isso da nossa mãe, se é que eu posso dizer sem parecer pretensão, a beleza física e uma aparência conservada.

—É, realmente eu pensei que ela fosse muito mais nova. Mas eu não vejo...

—A questão é a seguinte: você acha que aos 26 anos, ela ainda não atraiu a atenção de outros rapazes? Você acha que é o primeiro a ficar impressionado pelo seu encanto, espírito e vivacidade?

—Será que o senhor tem ciúmes desses homens? Sua expressão tornou-se sombria.

—Se você não consegue deixar de ser estúpido, pelo menos procure esconder. - Desviou os olhos e voltou aos seus pensamentos. —O que eu estava querendo dizer era que esses rapazes também imaginaram-se apaixonados. Preferiam morrer a machucar Katya. Mas lhe causaram muita dor e sofrimento. Naturalmente, você acha que é o único. Não há nada mais vulgar do que essa suposição. Mas acredite em mim quando eu lhe digo que você já causou uma grande dor e é capaz de causar mais ainda.

—Eu lhe garanto que..

—Você está sempre me garantindo alguma coisa, Montjean.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Eu não estou interessado nas suas garantias. Acredito que suas intenções sejam as melhores possíveis. Falta-lhe a imaginação dos verdadeiramente maus.

Mas você não vai me dizer que seus devaneios românticos nunca incluíram uma antecipação de um prazer físico. Certamente, você já imaginou Katya sozinha com você, em algum cenário romântico, quem sabe no seu quarto.

—Isso é um insulto! —exclamei, lembrando-me vexado dos pensamentos que tivera enquanto esperava Katya em Salies naquela tarde chuvosa, quando ela fora buscar a bicicleta.

—Não é absolutamente um insulto! Você é um animal saudável. Certamente, ontem no jardim, você não a estava agarrando para elevar o nível intelectual da conversa.

—É perfeitamente natural que o amor entre um homem e uma mulher tenha suas manifestações físicas.

—Não estou negando isso. Só estou lhe mostrando que nos seus nobres impulsos para salvar Katya das maquinações do seu pérfido irmão há um ingrediente de desejo e autogratificação que não o deixa ver o que é melhor para ela.

Cerrei os dentes e recusei-me a responder.

—E, diacho, o tragicômico disso tudo é que você não sabe... não tem como saber... que não são só os sentimentos de Katya que estão em jogo. Você está correndo um grande perigo.

Ele suspirou, dando-me as costas. Tive a impressão de que ele falara demais.

—Perigo vindo do senhor e de sua pistola? * Ele deu de ombros:

—É uma possibilidade. Mas vamos procurar um meio mais civilizado de evitar esse incômodo causado por sua presença. Está disposto a ouvir minhas propostas?

—Claro. Mas não me considero obrigado a aceitá-las.

—Pena! Bem, naturalmente pensei em proibir sua entrada nesta casa, assim como as idas de Katya à cidade para vê-lo. Mas não consigo me imaginar montando guarda no fim da alameda, com a pistola engatilhada. Além do mais, isso talvez não bastasse. Katya é uma mulher independente, imaginativa e engenhosa. E, o que é pior, não me surpreenderia se ela imaginasse estar apaixonada por você. Não me venha com esse sorriso idiota, Montjean. Afinal, ela se imaginou apaixonada pelos outros também. Aqui está minha sugestão: vamos voltar, desta vez com fidelidade, ao nosso pacto original.

Durante esta semana, você pode vir nos visitar... todas as tardes, se quiser. Quanto a mim, eu vou fazer o possível para convencer papai de que suas visitas são consequência de nossa recente amizade, e você vai me ajudar nessa mentira.

Acima de tudo, você vai evitar ficar a sós com Katya.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Eu, sempre que possível, terei a delicadeza de me manter à distância para que vocês possam trocar idéias, lembranças, confidências... até chistes, se você for capaz de entendê-los.

Mas você tem de me prometer que vocês não vão mais escapulir sorratamente como ontem e, sobretudo, você vai manter suas mãos longe dela.

—Estas expressões "escapulir sorratamente" e "manter suas mãos longe dela" são ofensivas.

Não descrevem realmente o que aconteceu ontem e não passam de insinuações repulsivas.

Ele rejeitou minhas objeções com um gesto impaciente.

—Em todo o caso, você sabe o que eu quero dizer. Se você concordar com estas condições, Katya poderá desfrutar de sua companhia, que, por motivos que escapam ao meu entendimento, ela parece apreciar, e você terá sete dias do seu encanto e meiguice.

Imagino que você tenha sonhado com uma vida inteira ao lado dela e não posso censurá-lo. A mariposa também sonha com a lua. Mas sete dias sempre é melhor que nada. E, acredite-me - ele proferiu com clareza cada palavra - você não tem outra alternativa. - Sentou-se e esfregou os olhos para diminuir o cansaço.

—O senhor já terminou? —perguntei.

—Não - respondeu ele sem abrir os olhos. - Você tem de me ajudar a manter papai no estado costumeiro de ignorância dos fatos que o cercam.

—Acabou agora?

—Provavelmente não. Mas você teve e educação de me ouvir com uns poucos apartes. Acho que devo lhe demonstrar a mesma consideração.

—Primeiro, o senhor foi muito injusto dando a entender que eu me meti na sua vida nesse caso da mudança de Salies. Devia saber que, numa cidadezinha pequena, qualquer coisa que se faça chega logo ao conhecimento público. Eu soube por acaso das suas intenções pelo meu colega, Dr. Gros.

—Muito bem. A maneira como você descobriu tudo é, o de menos. A minha objeção é contra sua atitude precipitada de contar tudo a Katya, sem pensar no choque que teria com a notícia.

—Eu não podia saber que o senhor estava escondendo esse plano dela. Naturalmente imaginei que um acontecimento tão decisivo assim não podia estar sendo tramado sem que ela soubesse.

—Dor adiada é dor diminuída.

—Então o senhor admite que ela não quer ir? Que ela vai sofrer indo embora?

—Jamais neguei isso. Mas esse sofrimento não é nada comparado com o perigo de ficar.

—Então, conte-me. O senhor, porém, se recusa a me explicar que grande perigo é esse.

—Você não tem direito a qualquer explicação. Pensei que o que eu sentisse por ela me desse esse direito.

—Pois você está errado.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Esta é a sua opinião.

—Minha opinião é a única que interessa.

—Novamente, isso é só a sua opinião.

—Estou certo ao crer que chegamos a um impasse?

Detestei aquela entonação nasalada, aquele olhar semi-cerrado que pousou em mim, como se ele fosse uma coisa. Mas após uma breve pausa, continuei:

—É óbvio que o senhor quis me machucar, mencionando outros homens que amaram Katya.

E eu lhe confesso que de certa maneira consegui seu intento. Eu realmente pensava que ela fosse um pouco mais nova que eu, ao invés de ser um pouco mais velha, mas, se me passasse pela cabeça a idéia de outros homens em sua vida, o que nunca aconteceu, eu ainda me consideraria seu primeiro amor, como ela o é para mim. Ele me olhou com curiosidade.

—Você acha mesmo que Katya o ama? Você tem alguma evidência disso?... além daquela baboseira de o coração tem razões que a própria razão desconhece e coisas assim?

Preferi não responder porque, na verdade, eu não tinha evidências de que ela sentisse algo além de uma amizade por mim. E revelando um sentimento que era mais desejado do que propriamente real, disse:

—Um homem que ama uma mulher deve sentir uma espécie de... gratidão, acho... para com os outros que também a amam e a fazem feliz. O senhor e eu, de modos diferentes, amamos Katya. Não devíamos brigar. Acredito nas suas intenções. Eu acho que o senhor está completamente errado, mas não duvido de suas razões.

Seja lá qual for o motivo da sua fuga, acho errado negar a Katya o direito de construir a sua própria vida. Mas não duvido do seu amor por ela.

Aquela expressão costumeira de altivez enfastiada desapareceu e havia um tom de compaixão em sua voz quando ele falou:

—Talvez eu tenha sido cruel quando falei dos homens que a amaram. Só houve um. Em Paris.

E eu não poderia dizer que ela correspondesse a esse amor. Ela era gentil para com ele.

Indiscutivelmente gostava da sua companhia. Mas, amor? Duvido um pouco.

Tentei esconder o alívio e o consolo que senti nessa sugestão de ser eu o primeiro amor de Katya.

—E o que aconteceu com este jovem em Paris? Paul pousou aquele olhar frio em mim por alguns instantes. Então, levantou-se da cadeira:

—Esse assunto é irrelevante para nossa conversa. A questão é a seguinte: você aceita as condições que lhe impus? Ou prefere não ver mais Katya?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Antes que eu responda, deixe-me... Paul, obviamente há alguma coisa nisso tudo, alguma coisa terrível e que faz você achar que deve fugir. Talvez eu pudesse ajudar de algum modo, se você me contasse qual é o problema.

—Isto está fora de cogitação. Não há nada que você possa fazer... a não ser piorar as coisas.

—Dê-me uma chance.

—Não há nada que você possa fazer, estou lhe dizendo ! E eu não posso discutir mais esse assunto com você. Agora... sobre as minhas condições ?

—Qual é a outra opção que eu tenho?

—Poderia decidir não ver mais Katya. Mas eu não esperava que você escolhesse a opção mais nobre.

—Como realmente não vou escolher. Muito bem. Aceito suas condições. - Ergui-me. - Agora vou me encontrar com Katya no fundo do jardim, se isso não se enquadra na sua definição de

"escapular sorratamente".

Ele me dispensou com um aceno.

—Contando que você se lembre da sua promessa de manter as mãos longe dela.

Eu me lembrava da promessa, mas não tinha a mínima intenção de cumpri-la.

Estava convencido de que tinha de fazer tudo que estivesse ao meu alcance para livrar Katya de uma vida frustrada pela mudança contínua de cidade em cidade, sempre que Paul se sentisse ameaçado por perigos irreais.

—Sabe, Montjean... - A voz arrastada de Paul deteve-me quando eu chegava à porta. Voltei-me para vê-lo afundado na cadeira, cobrindo o rosto com a mão livre e com os olhos fechados. -

Realmente nós nunca teríamos sido amigos, mesmo nas melhores condições... educação, classe social, gostos, todas essas coisas. Mas seria um erro achar que eu não gosto de você. Ainda há pouco você disse uma coisa certa sobre ter uma certa afeição era relação a quem gosta de Katya.

Eu não sou imune a esse tipo de sentimento. Não, eu não desgosto de você, Montjean. Na verdade, até acho... - Fez uma breve pausa. - Não importa!

—Deixou de lado o resto da explicação e voltou ao tom inicial. - Suponho que você pretende nos impor sua companhia para o jantar.

—Como eu poderia recusar um convite tão amável? Ele sorriu desanimado:

—Ah, isso é bem de você.

O jantar constituiu-se na mesma refeição consistente de sempre: uma sopa grossa, salada, pão, queijo e vinho da região, mas o ambiente estava festivo, porque o Sr. Treville estava de bom humor.

—Você viu, Paul? —perguntou o Sr. Treville naquele tom provocativo que simulara durante todo o jantar.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Jean-Marc atira-se ao pedaço de queijo com apetite. Não é como você, que não o acha à altura de seu gosto refinado. - No meio do jantar, depois de ter-se dirigido a mim como Dr. Montjean e Dr. Jean Marque (e uma vez, sem mais nem menos, como Dr. Jean Mont), ele capitulou diante de tão grande baralhada e começou a utilizar meu primeiro nome.

Parecia estar passando por um período de grande afeição pelo filho e, como muitos outros pais, demonstrava seu sentimento de um modo

emocionalmente mais seguro- a troça - utilizando-se de mim para ressaltar as qualidades do filho, através de uma comparação que aparentemente desfavorecia Paul, mas que, na verdade, nunca deixava de acentuar suas qualidades.

Ele observou que eu me empenhara em meus estudos, aproveitara ao máximo minhas restritas oportunidades e aptidões (um certo constrangimento e algumas desculpas quando me assegurou que esse "restrito" se referia às minhas oportunidades e não às minhas aptidões) enquanto Paul, pobre coitado, desperdiçara seu tempo, uma inteligência brilhante e uma rara facilidade de compreensão.

Eu aproveitara as horas vagas para me aprofundar no estudo da Peste Negra, que modificou de tal maneira o curso da história a ponto de arrancar a Europa da Idade das Trevas; Paul, por sua vez, dedicara-se a todo o tipo de atividades fúteis, tomando-se o melhor atirador de Paris, o líder de uma sociedade das mais promissoras, campeão de boxe amador, uma personagem indispensável a qualquer evento social.

E por aí ele foi; eu sempre fazendo coisas corretas e maçantes e o pobre Paul desperdiçando sempre suas inúmeras aptidões (cada uma delas citada em separado). Mas não que pensássemos que a vida de Paul era uma série de oportunidades perdidas.

Não, a idéia implícita era de que algum dia ele tomaria nas mãos o leme de seu navio à deriva e dirigiria seu talento a um objetivo grandioso.

Quando aqueles elogios velados lhe pareceram excessivos, Paul provocou o pai, dizendo que podia prever o futuro que seu talento lhe reserva: dirigir um estabelecimento de jogo (se não calhasse ser algo pior) no coração de Calcutá, contando piadas para a clientela de criminosos e atirando nos nativos para ajudá-los a controlar a superpopulação do país.

—Você viu? —perguntou novamente o Sr. Treville, apontando com a cabeça na direção de Paul. - Leva tudo na brincadeira. Mas o dia dele vai chegar. O dia dele vai chegar. Mas Paul levantou uma questão muito interessante ao se referir ao problema de controle da população. Não há dúvida de que a sua Peste Negra, Jean-Marc, tomou o trabalho do camponês

raro e valioso, a mão-de-obra rural pôde, com sua nova importância, libertar-se da escravidão. Um grande bem conseqüência de um grande mal. Claude Bonnet esclareceu bem este ponto em seu profundo estudo...

Minha atenção voltou-se para Katya, cujas feições estavam levemente iluminadas pela luz das velas. Pelo seu olhar distante, percebi que ela estava longe da conversa.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Perdida em algum sonho agradável. A curva do seu lábio superior fascinava-me. Imaginei aqueles lábios suaves contra os meus e... vi o olhar de Paul pousado em mim, refletindo uma desaprovação estudada.

Ele baixou os olhos para o prato e depois fitou a irmã novamente, como se tentasse penetrar em seu devaneio. Não pude evitar um certo ressentimento em relação ao modo como Paul me enganara no dia em que viemos juntos para Etcheverria.

Durante a viagem, ele me entrevera com imitações dos comerciantes locais, enquanto de fato sua ida à cidade fora para providenciar a mudança definitiva da família.

Ele baixou a cabeça, os longos cílios ocultando o olhar; eu fiquei impressionado novamente, desta vez uma impressão desagradável, pela semelhança dos dois irmãos, particularmente à luz das velas.

—... obviamente, Claude Bonnet é um estudioso brilhante e um amigo pessoal, por isso eu nunca chamaria atenção para esse pequeno lapso histórico. Tenho certeza de que você entendeu minhas razões Jean-Marc. Jean-Marc?

—Senhor? Ah, sim. Claro!

—Sabia que você entenderia. - O Sr. Treville levantou-se da mesa. - E agora... tenho uma surpresa para você. Aposto que você não vai adivinhar o que é.

—Então seria tolice tentar - ponderou Paul.

—Não, não. É uma surpresa para Jean-Marc. No meu escritório. Vocês dois vão indo, Nós nos juntamos a vocês mais tarde.

A voz de Paul traiu uma certa apreensão quando ele insistiu:

—Por que não tomamos café todos juntos, papai?

—Não, não. Tenho uma surpresa para nosso jovem amigo.

—Nós não podemos saber o que é? - perguntou Katya, lançando um olhar preocupado na minha direção.

—Não seria do seu interesse, querida. É... - e sorriu para mim saboreando um prazer antecipado —é uma primeira edição do livro de Lanne. O que você me diz disso, meu jovem?

—Bem... eu realmente não sei o que dizer - confessei honestamente.

—Aposto como você jamais imaginou que um dia poria os olhos na primeira edição do magnífico tratado de Abbe sobre a Peste Negra. Certamente você já o deve ter lido, mas ter nas mãos a primeira edição... ah, é magnífico, não?

—É... magnífico, realmente. É, realmente - gaguejei. - A primeira edição! Bem, bem...

Enquanto me arrastava para o escritório, ele me confessava que, como eu já devia saber, o trabalho de Lanne não tinha muita importância para a historiografia moderna - muito cheio de mitos



PDL – Projeto Democratização da Leitura

e lendas populares, obviamente - mas não havia mais que uma meia dúzia de exemplares dessa primeira edição espalhados pelo mundo.

Enquanto eu examinava o volume de capa de couro com um interesse exagerado, o Sr. Treville sorria para mim, compartilhando da minha suposta alegria e excitação. Folheei o livro, parando aqui e ali, lendo um trecho com uma concentração fingida. Até arriscava um ocasional "ah, sim".

—De uma certa maneira —disse ele —a história era mais grandiosa antes do aparecimento dessas tendências à precisão científica. Sei que isto é uma heresia acadêmica, mas lamento que agora a Ciência, e não a Literatura, seja a companheira de Clio.

A pesquisa substituiu a imaginação; o verdadeiro restringiu-se ao real. A concentração do que e quando desviou nossa atenção do como e por quê.

Agora, o trabalho de Lanne não está preso a esse rigor científico e ele... e ele...- o Sr. Treville parou no meio da frase quando seus olhos pousaram em algumas notas rabiscadas que lhe chamaram a atenção e fizeram-no sentar na cadeira estofada da escrivaninha. Logo ele se pôs a comparar suas observações com trechos de dois livros abertos a sua frente, sempre absorto, ignorando minha presença ali.

O escritório, uma sala interna protegida da crescente umidade que tomava Etcheverria desconfortável, era o cômodo mais aconchegante da casa. As paredes eram tomadas por estantes; no chão, avolumavam-se livros, manuscritos, jornais e folhas soltas repletas de rabiscos do Sr. Treville.

Num impertinente desafio à lei da gravidade, livros, recortes e montanhas de papéis equilibravam-se naquela escrivaninha atulhada, numa atraente

desordem que aparentemente não o impedia de localizar de imediato qualquer referência ou anotação desejada, contanto que seu sistema de desordem continuasse intacto.

Surpreendi-me observando-o carinhosamente por sobre o livro... o pai de Katya... enquanto ele mergulhava na leitura, deixando escapar exclamações de dúvida ou murmúrios de assentimento, passando os dedos pelos ralos cabelos grisalhos já em desalinho.

Depois de um certo tempo, ele ergueu a cabeça e olhou ao redor vagamente, imerso em algum pensamento, e ficou visivelmente surpreso ao me ver ali. Então, ao me reconhecer, um sorriso iluminou-lhe o rosto cansado.

—Um livro fascinante, não?

—Sim, senhor. Fascinante.

—Gosto de sentir um livro antigo nas minhas mãos. O cheiro deles. Aroma de cultura - disse ele sorrindo, enquanto fazia um gesto indicando a escrivadinha. - Jamais vou acabar este trabalho, é claro. Não me resta tempo para isso. Não faz mal. O que me atrai não é a realização, mas a busca.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

O trabalho. Você já parou para refletir sobre os múltiplos disfarces do tempo? Para mim, o tempo é como areia fugindo por entre os dedos. Há pouco tempo. Eu não consigo retê-lo. Para o meu filho, o tempo é um fardo que ele carrega, algo de que ele procura se livrar.

—E para Katya?

—Ah, Katya... aquela que um dia foi Hortense. Como sua mãe. - Os olhos embaçados enrugaram-se num sorriso afetuosos. - Algumas vezes eu me pergunto se Katya vive no mesmo tempo que nós. Para ela, tudo são devaneios, sorrisos e flores... fascinações fugidias. Muitas vezes tenho a impressão de que ela é um ser extraterreno de passagem por nosso mundo. Um ser de um planeta mais suave. Como a mãe.

—Acho que entendo, senhor. Mas ela não é uma criatura frívola ou superficial. Suas observações são muito mordazes e ela é muito inteligente.

—É, acho que sim. - Ele se riu. - Sabe, uma vez eu a surpreendi estudando anatomia. Anatomia humana.

—É, eu sei.

O meigo sorriso paternal deu lugar a uma expressão de inquietação.

—Você sabe? Como é que você sabe? Fingi que aquilo não tinha importância.

—Ela mencionou por acaso. Ou talvez tenha sido Paul. Eu não me lembro.

—Ah, sim, compreendo. - Por alguns segundos ele pareceu mergulhar em seus próprios pensamentos; depois acrescentou: - É bom ter tudo em ordem de novo.

—Como?

Ele apontou aquelas pilhas de papéis que se amontoavam na mesa.

—Quando chegamos aqui, fiquei seis meses perdido na confusão destes papéis. Estava tudo encaixotado ou no lugar errado. Era um caos. Acho que meu trabalho não resistiria à outra mudança.

Já me acostumei aqui.

Os livros estão no devido lugar, perto dos que eu quero que fiquem, arrumados numa ordem que só eu sei... dois livros comprados numa mesma tarde chuvosa... duas idéias que se encadeiam em minha mente... dois

pontos de vista opostos colocados lado a lado... um livro que eu gosto posto a uma distância segura de um que eu não gosto.. não é um sistema que a biblioteca nacional aprovaria mas é o que me convém.

Imaginei como ele enfrentaria a tragédia de uma nova mudança, quando Paul se dignasse a lhe informar seus planos.

—Eu sei exatamente o que o senhor quer dizer - respondi. - Para mim, certos fatos médicos estão ligados, ilógica, mas definitivamente, a determinados versos, simplesmente porque eu os aprendi ao mesmo tempo.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

E, muitas vezes, quando eu preciso de uma informação qualquer, tenho de me lembrar de um determinado poema.

—Sim, sim, exatamente isso! - Ele estava contente por encontrar alguém que também achasse sentido na desordem. Balançou a cabeça pensativamente; olhou-me, então, com uma expressão avaliativa, mas de cumplicidade. - Você, ah... você mencionou hoje à tarde que nasceu na comunidade de Alos e que conhecia a festa da Virgem Submersa.

—Eu costumava participar da festa todo ano antes de ir estudar em Paris. Todas as pessoas da minha cidade participavam.

—Fascinante! Fascinante! Ah. É uma festa de três dias que começa amanhã, creio eu.

—Amanhã? - tive de puxar pela memória. - Ah, é Começa amanhã.

—E Alos não fica muito longe daqui, não é? Sorri para ele.

—Uns 20 quilômetros pela Haute Soule. Ele assentiu.

—Eu daria qualquer coisa para ver com meus próprios olhos a Procissão da Virgem e a atuação de Robert, le Diable... para conversar com os velhos que se lembram de como era a festa antigamente. É claro... eu não falo basco... eles talvez não confiassem num estranho. Mas você, por outro lado um nativo da região.

—Senhor, nada me daria maior prazer do que acompanhá-lo à festa de Alos.

Ele arregalou os olhos com inocência:

—Meu caro rapaz, eu jamais sonharia em pedir para você deixar seus afazeres na clínica. Não, você não deve pensar que eu estava sugerindo...

—Senhor, eu estava procurando uma desculpa para voltar a minha cidade depois de tantos anos fora. E também estava pensando num modo de retribuir sua gentileza e hospitalidade. Foi muita amabilidade sua me dar à chance de realizar estas duas coisas ao mesmo tempo.

—Oh! Então é assim? Bem...- O rosto se iluminou num largo sorriso. - Se você insiste em abandonar os seus deveres tão generosamente...

—Insisto, senhor.

—Excelente! Excelente! - Ele se ergueu. - Vamos tomar o café com as crianças. Eles vão gostar de saber que vamos fazer um passeio. Uma aventura!

Não pude deixar de pensar em Paul no meio daquelas danças, empurrões, pileques e brigas que eram a alma da festa basca. Confesso que senti um certo prazer cruel ao imaginar Paul tentando manter o autodomínio em tal situação.

Antes de sair do escritório, equilibrei a primeira edição numa das pilhas de papéis que se esparramavam pela mesa.

—Não, não. Guarde-o, é seu. Presente de um estudioso para outro.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Não posso aceitá-lo, senhor. É muito valioso.

—Tolice! Aceite-o como uma pequena lembrança. - Pôs a mão no meu ombro. - Nada que eu dissesse mostraria o quanto estou feliz por você e Paul terem ficado tão amigos.

Ele é um rapaz muito só. De qualquer modo, a Peste Negra é só um aspecto dos meus estudos enquanto que é a essência dos seus. O livro é seu de fato e de direito. Você vai me ofender se não aceitar o presente.

Até hoje ainda tenho o velho livro de capa de couro na minha mesa; nunca o li; único monumento concreto ao verão de Katya.

Quando entramos na sala, Paul e Katya estavam sentados em frente à lareira, tão absortos na conversa que o café esfriara nas xícaras. Pela recepção tensa, percebi que eles estavam falando de mim, talvez preocupados que eu esquecesse a promessa e deixasse o Sr. Treville perceber que era Katya o objeto do meu interesse em Etcheverria. Procurei acalmá-los mostrando o livro e repetindo, com detalhes desnecessários, a conversa entre mim e o Sr. Treville.

Fiquei surpreso com a reação de Paul à notícia de que iríamos todos fazer um passeio no dia seguinte. A primeira menção do fato, ele me mediu com um longo olhar, como que tentando adivinhar quais as malévolas intenções por trás daquilo.

Mas o entusiasmo infantil do Sr. Treville logo contagiou Katya, que sugeriu um piquenique durante o passeio; Paul reagiu à proposta agindo como o sujeito mal-humorado que detesta passeios e almoços ao ar livre, o que muito nos divertiu.

A noitada continuou com Paul e Katya divertindo-nos com descrições de travessuras dos tempos de crianças - brincadeiras ofensivas que o Sr. Treville preferia ignorar.

Ele fingia estar escandalizado com a falta de respeito dos filhos pelos adultos e parentes, enquanto sorria para mim e balançava a cabeça com aquela admiração impotente do pai dedicado.

Tais brincadeiras eram feitas com convidados menos observadores, que não conseguiam diferenciá-los quando eles eram crianças e usavam roupas idênticas, então na moda.

Ao final da noite, ficou decidido que partiríamos para Alos dois dias depois, de manhã bem cedo, para termos tempo de fazer o piquenique de Katya e ainda pegarmos as festas da tarde e da noite.

Vinte quilômetros significavam uma longa caminhada de volta e nós só chegaríamos a Etcheverria de madrugada; mas Katya estava excitada como uma criança com a idéia de ficar acordada até tarde e de viajar numa carruagem aberta sob as magníficas estrelas da meia-noite que enfeitavam aquele maravilhoso verão.

O Sr. Treville foi ficando sonolento e começou a cochilar na cadeira; quando eu me levantei para sair, Paul convidou-me para tomar chá com eles no dia seguinte, depois que eu terminasse o



PDL – Projeto Democratização da Leitura

trabalho na clínica, e foi suficientemente delicado para me conceder alguns minutos a sós com Katya na porta da rua, quando trocamos as habituais palavras de despedida com uma suavidade que sugeria mais do que aparentava. Katya pousou a mão no meu ombro:

—Obrigado, Jean-Marc.

—Por quê?

—Por combinar esse passeio com papai. Vai ajudar a suavizar o golpe de uma nova mudança.

—Não considero isto um passeio com seu pai. Vejo como um passeio com você. E é por esta razão que sou eu quem deve agradecer.

Ela baixou os olhos e apertou meu braço.

Quando voltei para Salies, sob as estrelas brilhantes que avivavam um céu de veludo azul, refleti sobre os contrastes da noite em Etcheverria: as conversas alegres do jantar em oposição aos sinistros avisos de Paul; a alegria fácil que Katya encontrava em pequeninas coisas, como trocadilhos e pedrinhas, em oposição aos seus súbitos mergulhos em devaneios melancólicos; a gentileza tímida do Sr. Treville em contraposição ao medo dos filhos de que ele descobrisse minha afeição por Katya.

Era como uma tela pintada parte em aquarela, parte em tinta a óleo. E eu, numa convicção inquietante, tinha a sensação de que a aquarela é que era falsa, uma leve camada que ocultava uma trama mais densa.

Ao chegar ao meu quarto, encontrei um bilhete do Dr. Gros debaixo da porta, dizendo que ele havia tentado se comunicar comigo e pedindo para que eu o procurasse em seu apartamento.

Quando lá cheguei, percebi que ele estava aborrecido por não me ter encontrado antes, mas sua zanga não foi nada comparada com a minha, ao descobrir que ele pretendia se ausentar da cidade por dois dias, tendo eu que ficar em Salies para qualquer emergência até a sua volta.

—Mas eu fiz planos que vão ser difíceis de mudar - reclamei. - Essa sua viagem é absolutamente indispensável?

—É mais do que absolutamente indispensável; é uma questão de busca ao prazer - respondeu ele, oferecendo-me um conhaque que recusei. - Uma das

minhas queridas pacientes pediu-me para que eu a acompanhasse a St. Jean de Luz.

É uma viúva que se trata em diferentes estações hidrominerais para diminuir os problemas de sua solidão. Em condições normais, nada me agradaria mais do que deixá-lo livre para buscar seu próprio prazer, livrando-o das obrigações; mas, infelizmente, alguns anos atrás, jurei solenemente não desperdiçar mais as oportunidades amorosas que aparecessem. V

Veja-me como uma vítima da honra, impedido de quebrar um juramento. Considere-se uma vítima das circunstâncias. Tem certeza de que não quer um conhaque?

—Será que não posso trabalhar na clínica de dia e sair à noite?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Infelizmente, não, Montjean. Se fossem só nossas pacientes com seus calores e palpitações, eu não me importaria de dispensá-lo.

Mas com a minha ausência, você vai ser o único médico na cidade e nós de fato temos nossos problemas reais: nascimentos, fraturas, crises hepáticas, gravidez miraculosa de alguma empregada solteira. Tudo isso está incluído no seu juramento. Certamente você se lembra dele... tão recente.

Será que eu esqueci de lhe oferecer um conhaque?

—Eu não quero - respondi com amargura.

—Ânimo, homem! O que são dois dias para você, que tem todo o tempo do mundo? Se analisarmos friamente este problema, eu é quem sou mais digno

de pena nesta história toda.

Vou estar vivendo um caso vulgar, enquanto você, se o diagnóstico não estiver errado, está sofrendo a dor do amor. Você terá as lembranças; quanto a mim, só me restará à vontade de tomar um banho.

—Sim, mas...

—Vamos colocar as coisas deste modo: eu vou viajar amanhã de manhã e não tem sentido algum discutirmos mais este assunto.

Sem alternativas e sem demonstrar a menor boa vontade, concordei em permanecer na clínica e ficar na cidade até a sua volta; mas fiz com que ele me promettesse passar em Etcheverria ao sair da cidade e explicar por que eu não poderia tomar chá com eles à tarde, nem ir a Alos no dia seguinte.

—Uma tarefa que só me dá prazer. Mas meu senso de honestidade obriga-me a avisá-lo de que, quando sua jovem puser os olhos em meus traços viris, não contaminados pela beleza convencional, não posso me responsabilizar pelo seu coração. Tem certeza de que não quer um conhaque ?

No dia seguinte, mergulhei na rotina da clínica e fui até a estação hidromineral visitar as pacientes.

Estas não gostaram nada de ver o velho médico com quem podiam compartilhar suas risadinhas de duplo sentido substituído por um jovem que parecia insensível as suas doenças imaginárias.

Ao final da tarde, a rotina da clínica foi violentamente quebrada com a chegada de um camponês basco que havia prendido o braço numa máquina da fazenda.

Consegui estancar o sangue e salvar o braço do rapaz, o que me fez receber a gratidão emocionada da chorosa mãe e um relutante aperto de mão do pai.

Este, um sujeito taciturno, assistiu à operação num silêncio comovente até ter certeza de que o garoto estava salvo; então manifestou seu carinho e

alívio numa explosão de raiva contra aquele menino que pusera em risco uma vida tão preciosa.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Como a mãe não falasse francês, dirigi-me a eles em basco e pude perceber que ficaram constrangidos ao descobrir que o doutor era um deles. Como grande parte das minorias oprimidas e orgulhosas, os bascos desenvolveram uma couraça defensiva de superioridade racial, que os faz acreditar serem eles melhores agricultores, dançarinos, amantes, lutadores, previsores de tempo que os espanhóis e franceses com quem conviviam.

Mas, quando se trata de assuntos importantes como processos legais ou casos de doença, eles lá no fundo ainda acham que é mais sensato entregar seus negócios e sua vida nas mãos de um estrangeiro. A consequência mais cruel do preconceito é que a vítima acaba aceitando, numa crença profunda e inconfessa, os estereótipos impostos pelo opressor.

Por isso, aquele pai ficou aliviado quando soube que a vida do menino seria poupada e que o garoto não ficaria impedido de trabalhar por causa do acidente. Sua generosidade chegou ao ponto de me oferecer um copo de izarra, embora em sua rude desconfiança ele se perguntasse quanto lhe custariam aqueles minutos de atenção.

Depois que eles se foram, percebi que a preocupação do Dr. Gros era justa, porque o garoto chegara à clínica um pouco depois das quatro, hora em que eu estaria tomando chá em Etcheverria.

Ocorreu-me também que, desde aquele momento em que, por sob o palheta, eu vislumbrara Katya atravessando o gramado verde em minha direção, aquela era a primeira vez em que eu não pensava nela.

Era minha primeira experiência desta anestesia emocional, que se encontra não propriamente numa profissão, mas num trabalho... o narcótico diário que aliviou a lenta passagem dos anos que se seguiram àquele verão.

Depois que a clínica fechou, as horas se arrastaram vagarosamente enquanto que antes de conhecer Katya eu preenchia o tempo escrevendo versos, lendo romances, sonhando com as emoções e os desafios do futuro.

Para aliviar a monotonia, saí da pensão e atravessei a praça, dirigindo-me para um dos cafés.

Mas as conversas nas mesas dos cafés e no bar giravam em torno da guerra iminente contra a Alemanha: avisos de Paris; ameaças de Berlim; o retinir dos sabres de uma Áustria sitiada e confusa; o desembainhar das espadas da gigantesca Rússia. Alguns dos cidadãos mais idosos lembravam-se da honra manchada na guerra de 1870 e falavam em humilhar a Alemanha, recuperar a Alsácia, estender a França até o Reno. Achei aquele frenesi bélico e nacionalismo desvairado repugnante... e assustador. Então voltei à solidão do meu quarto.

Tenho a minha frente observações que escrevi em meu diário naquela noite e os comentários que fiz sobre essas observações alguns anos depois, quando a guerra já havia terminado e eu me estabelecera como médico de Alos.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

São estas que aqui transcrevo sem qualquer modificação, uma página que revela o pedantismo dos títulos em letras gregas e minhas pressuposições pseudofilosóficas. Também transcrevo aqui o amargo desencanto do pós-guerra, evidente nos comentários entre parênteses.

—Alpha: Esta guerra horrível é impossível! (Mas ela aconteceu.)

—Beta: Se houver mesmo guerra, será uma guerra rápida, porque a carne e as emoções humanas não podem resistir às máquinas modernas de destruição e morte. (Não foi rápida. A carne resistiu à destruição e à morte. As emoções, não.)

—Gamma: Se eu for convocado, vou fugir para a Suíça em sinal de protesto contra esta loucura. (Não fugi. Nada mais me importava.)

—Delta: Mesmo em meio à brutalidade da guerra, o homem sensível vai ser capaz de lutar sem se tornar um animal, sendo superior à carnificina e mantendo sua dignidade espiritual. (Tolices.) Depois de uma manhã rotineira, fui comer o prato do dia no meu café habitual, insensível à beleza radiosa do dia, com os pensamentos voltados para Katya e Etcheverria.

—Aceita companhia?

—O quê? - Fui arrancado dos meus sonhos. - Perdão ... Katya! Que surpresa! E Paul! -

Presumo que você vai nos indicar este restaurante - disse Paul, olhando ao redor com desagrado.

Ergui-me e fiz um gesto, convidando-os para se sentarem à mesa, uma sugestão que Katya aceitou com um sorriso amável. Mas Paul permaneceu de pé.

—Antes tenho de resolver uns problemas. Quando voltar... adoraria um... bem, qualquer coisa que o cozinheiro não consiga estragar. Quem sabe, um copo d'água? Estamos andando nessa estrada poeirenta há horas... ou há semanas. Já nem me lembro mais. Essa tortura afeta minha memória.

—É - disse Katya. - Convenci Paul a andar comigo. Está um dia maravilhoso: o ar puro e o exercício só lhe fazem bem.

—Por que tudo que faz bem é desagradável e doloroso? Por que tudo que é repulsivo para a carne é bom para o caráter? - perguntou Paul.

—Tolices! O passeio lhe faz bem. Já eu estou faminta. Isso parece saboroso, Jean-Marc. Você pediria um prato desses para mim?

—Com prazer. - Fiz sinal para o garçom.

—Devo avisá-lo - disse Paul - de que ela tem a voracidade de um pigmeu... Não sei como os móveis lá de casa resistiram.

—Oh, francamente, Paul.

—Não me venha com esse "francamente Paul". Eu a vi olhando para o sofá com um olhar de cobiça, quando você estava com fome. Não tente negar. Sabe o que ela fez no caminho para cá, Jean-Marc? Sem se importar com meu constrangimento, passou por uma cerca e roubou uma maçã de



PDL – Projeto Democratização da Leitura

uma árvore... uma simples maçã de uma árvore de verdade. E comeu a maçã. Atirou-se sobre a pobre fruta e mordeu, mastigou, triturou... tudo que sobrou foi aquele miolo repugnante.

—Talvez ela tenha um apetite pela vida que não deva ser sufocado. - A leve ruga que lhe franziu a testa deu-me a certeza de que ele compreendera o sentido da observação.

—Estava deliciosa - disse Katya. - Um pouco verde e ácida, mas deliciosa.

—Então, o que foi que ela fez? - perguntou Paul, numa indignação cômica. - Com inveja da pérfida Eva, ela se ofereceu para apanhar uma para mim. Para mim.

Você pode imaginar Paul Etienne Jean Marie de Treville andando pela estrada, comendo maçãs? E pelos dois, três quilômetros seguintes lá foi ela tagarelando sobre as glórias da Natureza, debruçando-se por sobre as ervas espalhafatosas que obstruem as margens da estrada.

—Flores silvestres - esclareceu Katya.

—E fingindo que aquelas malfadadas ervas tinham nomes (o vulgar e o científico), convencendo-me de que havia uma virtude qualquer no fato de aprendê-los. Como se eu fosse novamente submeter meu corpo à tortura de uma jornada a pé. Mas eu reconheço que há alguns nomes que são bem aplicados: bafo de bode; peçonha de sapo: papoula fedida.

—Ele está inventando tudo isso.

—Mas outros são melosos como o entusiasmo exagerado de rainha irmã: alegria dos enamorados; suspiro de amor; martírio do coração.

—Você não disse que tinha de resolver uns problemas?

—E tenho mesmo. Eu tenho de discutir com os comerciantes o preço da embalagem e do embarque da nossa mudança. Vocês vão perder minha ótima companhia por uns quinze minutos.

Mas cuidado, Montjean. Dê-lhe logo comida ou você vai ter de proteger todas as suas preciosas quinquilharias, seus vasos de porcelana, seu bengaleiro e similares. Quem come uma maçã ao natural, com cheiro de terra, é capaz de comer qualquer coisa, - Com um aceno ele desapareceu sob as arcadas.

Katya sorriu depois que ele partiu.

—Seu irmão parece alegre - disse eu, depois do garçom trazer seu prato e afastar-se.

—Hum, hum. Foi uma ótima caminhada. Ele sabe como eu me divirto quando ele se finge horrorizado e entediado com tudo que se relaciona com a Natureza.

—Katya, eu sinto tanto que nossos planos tenham ido por água abaixo. Sei que acabei com as esperanças de seu pai para a festa de Alos. Vocês receberam o meu recado, não é?

—Recebemos. E esse Dr. Gros... que homem encantador.

—Você o achou encantador?

—Hum, hum. Você não acha?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Se me pedissem para fazer uma lista dos predicados do Dr. Gros, tenho certeza de que jamais incluiria "encantador" nessa lista.

—Por quê?

—Porque seus namoros me roubaram dois dias da sua companhia. Dois preciosos dias, quando só nos restam tão poucos.

—Não vamos falar sobre os dias que não podemos ficar juntos. Não tem sentido e é muito triste. Vamos falar sobre os dias que nos restam. Nosso passeio a Alos não foi suspenso. Decidimos simplesmente adiá-lo até amanhã. E eu ouvi dizer que o último dia da festa é o mais animado.

—Bem... é o menos inibido. Nas aldeias bascas, é muito comum haver vários nascimentos nove meses depois do último dia da festa, recheados com casamentos apressados.

—Por falar em recheio, planejei o nosso piquenique. Vamos parar no campo... talvez num pomar.

—Tenho certeza de que Paul mal pode esperar o dia de amanhã.

—Ah, ele vai resmungar e reclamar para nos divertir; eu, porém, não me importo com a opinião dele. Temos de aproveitar este tempo magnífico. Logo que me ocorreu esta idéia, pensei em vir a Salies para lhe contar. Quando pedi permissão a Paul para vir, ele hesitou mas acabou se oferecendo para me acompanhar. Sei que você não gosta dele mas ele sempre foi muito bom para mim. E, sabe de uma coisa? Acho que ele gosta de você... naquele jeito relutante. Isso o surpreende?

—Muito. Ele tem uma habilidade única para esconder sua afeição.

—Ah, Paul é assim mesmo. —Ela sorriu para mim e meu coração bateu mais forte dentro do peito.

—Pensei em você o dia todo ontem.

—O dia todo? Você não se concentrou nem um segundo sequer em seu trabalho?

—Bem, digamos... praticamente o dia todo.

—Quase o dia todo?

—Quase... quase o dia todo, então.

—Fico feliz. Também pensei em você. Não o dia todo, mas muitas vezes... e com prazer.

Fiquei horas sentada na minha biblioteca no fundo do jardim, lendo um livro... bem, não exatamente lendo um livro. Mais propriamente lendo através dele. Olhando as palavras, deixando minha imaginação livre. O jardim estava maravilhoso, exuberante... O calor do sol no meu rosto... o zunido sonolento dos insetos. Reinava uma paz tão grande!

—E o seu jovem fantasma? Também estava em paz? Ela posou o garfo e me encarou.

—Como você podia saber disso?

—Saber do quê?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Que a garota estava... não é bem feliz, é... em paz. Senti várias vezes sua presença. Como uma melodia que não se pode ouvir. Mas desta vez não senti aquela tristeza que sempre a acompanhava; havia uma certa... alegria muda. Mas como você podia saber disso?

—Mas eu não sabia.

—De que crime nosso doutor alega inocência? - perguntou Paul, surgindo por detrás das arcadas e vindo sentar-se à nossa mesa. - Não acredite nele, Katya. Tenho certeza de que é cúmplice.

É bem dele fazer esse tipo de coisa... seja lá o que for. Escute, você acha que o garçom concordaria em me dar um copo desse líquido que chamam de vinho?

Chamei o garçom e, com um gesto, pedi o vinho.

—Quer um cafezinho, Katya?

—Quero; não, pensando melhor, tenho de ir a algumas lojas. Ainda tenho de comprar coisas para o piquenique de amanhã. - Ela se pôs de pé. - Não, não se levante. Obrigada pelo almoço, Jean-Marc. Até o guardanapo estava uma delícia.

Paul e eu sorrimos enquanto ela se afastava; virei-me, então para ele.

—Katya me contou que finalmente cedeu a suas súplicas e organizou um piquenique para amanhã.

—Mal posso esperar. O chão duro, os sanduíches secos, a poeirada cobrindo a comida, isso sem falar das pequeninas criaturas que vão nos fazer companhia sem terem sido convidadas.

Na minha opinião, comer ao ar livre é como fornicar num boulevard cheio de gente.

Esses impulsos biológicos básicos devem ser satisfeitos na solidão. ou, pelo menos, na companhia de uns poucos amigos compreensivos.

O garçom trouxe o vinho.

—Ah - disse ele, bebendo todo o conteúdo do copo e encolhendo os ombros com uma careta. -

às vezes é difícil lembrar que, com algumas transformações, esta tinta pode vir a ser o sangue de Cristo.

—Katya me disse que nós vamos afinal à festa de Alos.

—Ao que parece, Katya lhe conta tudo. É, nós vamos. Papai está feliz como uma criança em véspera de Natal.

Fiquei calado por uns instantes.

—Paul... - comecei.

—Há alguma coisa no seu tom de voz que me diz que você está pretendendo me dar um conselho... a única coisa que realmente as pessoas preferem dar a receber.

—Não é propriamente um conselho. Eu estava pensando no seu pai.

—E?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—No outro dia, no escritório, ele me disse que não ia agüentar uma outra mudança... todos os livros e papéis num enorme caos... tudo fora do lugar.

—É muita bondade sua preocupar-se tanto com os meus problemas. Mas vai me desculpar se eu achar que você tem suas razões pessoais para querer que minha família fique aqui.

—Suponho que você ainda não pôs seu pai a par dos seus planos.

—Como sempre, você está enganado; coisa, aliás, com que já deve estar acostumado depois de tantos anos intrometendo-se nos assuntos alheios. Na verdade, eu dei a ele a notícia da mudança ontem.

—E como ele reagiu?

—Naturalmente. Mas compreendeu a necessidade desta atitude e confiou na minha decisão.

Ele tem conhecimento das circunstâncias e não faz, com é o seu caso, julgamentos baseados numa ignorância profunda. Não tome isso como uma agressão ou uma crítica. Escute aqui, Montjean.

Vamos fazer um trato. Vamos nos esforçar ao máximo para dar um dia feliz a Katya e a papai.

Eu vou cumprir a minha parte. E participar dos empurrões e suadouro de uma festa rural, sempre com um sorriso de alegria. E engolir comida fria sentado no chão de terra. Nenhum homem teria maior amor pela sua irmã. Ah... aí vem a moça em questão, trazendo na cesta todos os tipos de comestíveis intragáveis para o almoço ao ar livre... guloseimas suculentas

para pingar na roupa. - Ele se levantou. —Esperamos você amanhã de manhã?

Ele se encontrou com Katya no meio da praça e partiram para Etcheverria depois dela acenar para mim e dizer:

—Até amanhã.

Ainda fiquei sentado por um bom tempo, olhando a praça que brilhava à luz do sol.

Não conseguia entender a ambigüidade dos meus sentimentos, porque para isso seria preciso confessar um certo ressentimento contra a serenidade com que Katya enfrentava nossa próxima separação, serenidade que eu de fato não tinha. Certamente havia, em sua atitude, uma certa coragem de lidar com classe com o inevitável. Mas onde termina a força e começa a insensibilidade? Qual é o limite entre a coragem e a indiferença? E quanto a mim? Eu não havia consentido em ficar conversando civilizadamente com Paul, brincando sobre piqueniques, quando o destino de Katya estava em jogo? Não seremos todos vítimas das regras sociais, das "boas maneiras", que nos obrigam a enfrentar as piores desgraças com uma certa classe? Preferíamos a destruição ao constrangimento.

E eu pensei na guerra que se aproximava, o assunto preferido pelos frequentadores do café na noite anterior.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Será que os jovens convocados seriam capazes de ficar rindo, brincando, trocando expressões banais como na ficção popular, enquanto esperavam para ser mutilados pela estupidez e arrogância de políticos envelhecidos? Seria a juventude da França tão crédula?

Oito meses depois, nas fronteiras do Marne, eu teria as respostas. Sim. Os jovens realmente brincariam e trocariam expressões banais na última noite de suas vidas. Ter classe... ser um homem...

fazer o jogo.

Quando o Dr. Gros chegou, naquela noite, procurei-o para pedir folga para o dia seguinte.

—Hum, hum, claro - concordou ele, estranhamente pensativo e sombrio.

—Sua aventura não correspondeu às expectativas? - perguntei.

—Não, claro que não, meu rapaz. Mesmo no meu caso, quando as coisas se tornaram...

clínicas, ainda há a presença irritante da Esperança. Por mais cético que se seja em relação a uma aventura, sempre resta uma centelha de expectativa que precisa ser amainada pela realidade, sempre, sempre...

—Mas o senhor não parece tão reanimado assim com sua escapada.

—Foi um caso interessante, a seu modo, intenso. Razoavelmente criativo. Mas eu não espero que esse tipo de aventura me anime. Mais um purgante emocional. Uma certeza de que, ao perder tudo que os poetas louvam nos versos, não perdi nada de importante. Então! Você vai acompanhar os Treuille num pequeno déjeuner sur l'herbe, não? E depois, participar das folias de uma festa campestre. Você acha isso sensato?

—Sensato? - Eu me ri. - Que palavra mais despropositada. Qual o motivo da sua preocupação?

Ele esfregou o rosto com a mão e soltou um suspiro profundo.

—Sente-se que eu vou fazer o papel do velho sábio por alguns instantes.

—Senhor, se é alguma coisa que possa...

—Sente-se! —Havia tanta firmeza no tom de sua voz que me fez obedecer. Ao vê-lo remexer a gaveta da escrivaninha à procura dos cigarros russos que de vez em quando fumava, tive a sensação que ele procurava ganhar tempo enquanto pensava na melhor maneira de me expor o assunto que o preocupava. —Ah, aqui estão.

Minha nossa, estes cigarros estão ressecados como o... coração de uma freira. - Ele atirou o maço de volta à gaveta. - Muito bem, eu vou lhe relatar os fatos da maneira mais simples possível, já que não consigo imaginar um modo mais sutil de abordar este assunto.

Ontem, fui a uma festinha com minha paciente; uma reunião movimentada, superficial, com muitos risos, mas com pouca alegria.

Durante uma conversa com um homem procedente de Paris que ali se encontrava de férias, mencionei meu trabalho em Salies. O rosto do homem se iluminou no gozo da intriga e perguntou se



PDL – Projeto Democratização da Leitura

não era Salies a cidade para onde os Treville haviam se mudado... "havam fugido" foi à expressão que ele usou.

Eu não tinha nenhum interesse em alimentar a conversa, mas me ocorreu que no papel de seu tutor e colega... Não é preciso se dar o trabalho de expressar esse sarcasmo estampado em seu rosto.

Em todo caso, ouvi o que ele tinha para dizer. Negocinho sujo. Falando nua e cruamente, parece que o pai da sua jovem matou um rapaz em Paris... um rapaz promissor, de uma excelente família, que...

—O quê? - Ergui-me. - Não acredito. O que o senhor está dizendo...

—Calma. Foi um lamentável acidente, é claro. Depois de um longo inquérito, que fez a festa da imprensa sensacionalista, Treville foi inocentado de qualquer culpa. Parece que a jovem vítima freqüentava esporadicamente a casa deles. Dizia-se que o rapaz fazia corte à Srta. Treville.

Provavelmente o rapaz tinha... ou imaginou ter... um encontro tarde da noite com ela.

Ele estava andando sorrateiramente no jardim, provavelmente procurando entrar despercebido na casa. - O Dr. Gros ergueu a mão. - Não faça objeções, eu não estou julgando o caráter da Srta.

Treville.

Simplesmente estou repetindo a história que me contaram. Bem... o resto é simples.

O Sr. Treville, pensando que o jovem fosse um vagabundo ou ladrão, atirou no rapaz. Os detetives não viram razão para duvidar desta história, mas, obviamente, as más-línguas imaginaram sua própria versão do incidente.

O pai ultrajado... o delito flagrante... esse tipo de coisa. Os amigos mais generosos sugeriram que uma fuga fora interceptada. O homem que me contou a história descartou esta possibilidade com um sorriso amarelo. Bem, é isso. Logo que a confusão legal amainou, os Treville partiram, afastando-se o máximo possível de Paris. E não havia lugar mais distante que Salies, geográfica ou culturalmente falando. Espero que você compreenda que estou lhe contando essa história porque acho que você deve ficar a par destes fatos.

Em minha tristeza, eu me aproximara da janela do escritório, de onde olhava o jardim imerso em sombras. Estava tão acabrunhado com o que acabara de ouvir, dentro de mim travava-se uma luta tão grande para compreender e aceitar aqueles fatos, que se passou algum tempo antes que eu pudesse dizer:

—Sim, sim. Eu entendo.

—Não está ofendido com a minha interferência? Balancei a cabeça.

—Não... não. Por que o senhor não acredita na versão do Sr. Treville?

—Quem disse que eu não acredito?

—No começo da conversa, o senhor me perguntou se eu achava sensato ir com os Treville a Alos?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

O Dr. Gros ficou em silêncio por algum tempo.

—É. Eu perguntei - disse ele lentamente. Eu me virei.

—Meu Deus! Como isso deve ter sido terrível para eles! Os jornais... os rumores. Não é de se admirar que eles tenham decidido viver sozinhos, à margem da sociedade. Imagine como esses rumores devem ter marcado a vida deles. Pobre Katya! Isso explica muito do seu comportamento distante, retraído.

—Talvez... talvez. Mas não explica tudo. Por exemplo, não explica por que eles decidiram fugir de Salies. Ao que eu saiba, não se deu por falta de nenhum jovem nas redondezas. E até mesmo você, embora com o juízo afetado pelo amor, parece gozar de boa saúde.

—Isso não é coisa para se brincar.

—Não, claro que não. Foi de muito mau gosto. Desculpe.

—Talvez eles estejam fugindo do que aconteceu em Paris. Se o senhor descobriu esta história em St. Jean, é possível que esses rumores tenham

chegado até aqui.

—É, talvez. E eu tenho pena de quem cai na língua do povo. A maledicência é uma oportunidade para a mulher pecar sem ter de se arrepender, um pecado que elas nunca vão chegar a viver na realidade, protegidas desta tentação por falta de coragem, de imaginação e de oportunidade... defeitos que elas vêem como provas de virtude. - Ele ficou em silêncio por um momento; depois acrescentou hesitante: - Montjean... este... como é que eu posso lhe perguntar isso sem ofendê-lo? É o seu primeiro amor?

Não respondi.

—Pelo seu silêncio, presumo que seja. Você está tendo uma experiência amarga, eu lamento por você. O primeiro amor deve ser só flores e perfumes... salvo na hora das recriminações finais.

Você não teve sorte, filho. A falsidade só aparece nos últimos romances.

Eu não podia conceber a idéia de "últimos romances". Tinha certeza de que minha capacidade de amar era tão limitada quanto profunda; sentia que Katya era o meu amor e não um dos meus casos de amor. Como o tempo viria confirmar.

—Bem - disse o Dr. Gros, mudando repentinamente de tom, constrangido no papel do amigo compadecido.

—Acho que devo lhe dar os parabéns por ter salvo o braço do menino de Hastoy.

Várias pessoas já me falaram do seu nobre feito. Entretanto, antes que você fique convencido, escute o que eu lhe digo: se todos se admiraram é porque duvidavam da sua capacidade.

—Entendo - forcei um pálido sorriso. - O senhor não se importa que eu amanhã tire o dia de folga para sair com os Treville.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Meu caro amigo - disse Dr. Gros, com a voz trêmula de sinceridade, enquanto me dava uma pancadinha no ombro - meu caro rapaz. Eu quero que você se veja sempre como unicamente dispensável.

Como muitos outros, fui iludido pelos dias magníficos daquele verão, passando a aceitar aquela perfeição como a ordem natural das coisas, esquecendo que - como o Sr. Treuille dissera - o frio e a escuridão imperam no universo, estando a luz e o calor condenados aos limites de pequenas cintilações. Do mesmo modo, a solidão e a resignação são constantes na vida do homem, sendo a juventude e o amor momentos fugidios, preciosos justamente pela sua mutabilidade.

Nada havia de errado em acreditar que esses valores efêmeros fossem eternos, se - quando eles passassem, o que é inevitável - não vivêssemos o resto de nossos dias em amargura, com a sensação de termos sido iludidos pelo destino. Acabamos torturados pelos demônios da inveja e esperança, que nos impedem de sentir as alegrias moderadas, mas duradouras, da calma e resignação.

Estas são, obviamente, reflexões da idade e só vêm depois que passamos a aceitar a idéia da morte. Mas eu era jovem naquele verão, e imortal, e não havia qualquer traço de calma ou resignação em minhas atitudes, enquanto percorria os dois quilômetros e meio que separavam Salies de Etcheverria.

O sol derramava seus raios pelos campos como um líquido dourado; o calor da manhã era suavizado pela brisa que trazia o cheiro do capim e das flores. No céu, nuvens brancas e fofas avançavam serenamente na direção das montanhas; nas sebes, os pássaros expressavam sua alegria.

Eu me sentia consciente de minha juventude e força, com vontade de abraçar a vida - ou, se necessário, lutar contra ela - para moldar o destino de acordo com os meus desejos.

Havia passado uma noite horrível, antes de mergulhar num sono muito leve, sentindo um"

ciúme irracional e mesquinho daquele homem assassinado em Paris. Eu não conseguia imaginar o Sr.

Treville, o estudioso trapalhão e divertido, apontando uma pistola e matando alguém. Era inconcebível... terrível.

Mas, depois que me levantei, barbeei-me com cuidado e iniciei a agradável caminhada para Etcheverria, descobri que há dias não me sentia tão aliviado e esperançoso. A sombra sinistra que cercava os Treville não era mais um mistério; era uma coisa concreta que podia ser enfrentada e combatida.

Eu estava resolvido a falar com Paul na primeira oportunidade, procurar convencê-lo de que fugir das maledicências, a longo prazo, não resolveria nada. As insinuações logo os alcançariam novamente; em última instância, eles teriam de enfrentar seus algozes; essas tentativas de ganhar tempo com fugas inúteis não valiam o sacrifício da paz, da estabilidade e do conforto.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Quando cheguei em Etcheverria, meus argumentos persuasivos já estavam ensaiados e ordenados mas logo me vi envolvido no burburinho de preparativos para o piquenique e a festa.

Enquanto me cumprimentava, Katya pediu para eu levar uma cesta até a estrebaria, onde Paul estava atrelando os cavalos... depois eu podia voltar e

ajudá-la a escolher o vinho... e verificar se havia algum item da lista que fora esquecido... talvez, pensando melhor, eu devesse ajudar Paul que não tinha muito jeito para lidar com cavalos... haveria danças na festa, não?... sim, obviamente haveria danças... as coisas podiam parecer um pouco desorganizadas mas, na verdade, já estava tudo pronto.

A exceção dos preparativos de última hora... Papai estava muito animado com a perspectiva de ver a festa e conversar com os antigos moradores da cidade... será que esses sapatos serviam para a dança?... como você pode saber?... pense nisso, onde está papai?

Durante essa torrente de palavras, ela aceitara a pedrinha que eu encontrara na estrada pondo-a na bolsa; então, distraída, deu-me um beijo no rosto, em sinal de agradecimento.

Foi à espontaneidade do beijo o que mais me agradou.

Encontrei Paul na estrebaria, resmungando e praguejando, enquanto tentava desajeitadamente atrelar o animal à carruagem, protegendo o braço machucado e sem deixar o bicho encostar no terno de linho branco. Não pude conter o riso e ofereci-me para fazer o serviço.

—À vontade, companheiro. Não sinto orgulho nenhum em fazer bem o trabalho de cavaliço.

Afinal, eu não poderia exigir que um cavaliço distraísse três senhoras de idade numa festa campestre, trocando alguns comentários espirituosos com uma meia dúzia de nobres estúpidos e, ao mesmo tempo, mantivesse em bando de adolescentes rindo e corando com uma piscadela de olhos ou um encolher de ombros. É para isso que eu fui educado. Cada qual no seu papel. Vou ajudar Katya com o vinho. Mais no meu ramo. - Ele relanceou ao cavalo um último olhar de repulsa. - Sabe por que eu não gosto de cavalos?

—Não. Por quê?

—É seu impulso anti-social de defecar constantemente. Os apreciadores de cavalos falam horas e horas sobre esses nobres animais até nos deixarem

exaustos. Algum dia eu vou ter um carro. - Ele ia saindo, mas parou na porta da estrebaria. - Mas com a minha sorte, o danado do carro é bem capaz de deixar um rastro de limalha atrás de si.

—Vá ajudar Katya com o vinho.

Quando cheguei com a carruagem na frente da casa, estava tudo pronto. Mas ninguém sabia onde o Sr. Treuille tinha se metido. Depois de procurá-lo pela casa e pelo jardim, Katya encontrou-o no escritório, sentado à mesa escrevendo, ainda com o panamá de abas largas que ele decidira usar no passeio.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele nos explicou que tinha ido ao escritório para apanhar alguma coisa - já não se lembrava do que - e seus olhos pousaram casualmente numa frase de um dos livros sobre a escrivantina; naturalmente, ele a leu; então, ocorreu-lhe um dado correspondente que necessitava para uma certa pesquisa; daí em diante a única coisa que ele sabia era que uma hora se passara e que todo o sul da França corria alvoroçado gritando seu nome, o que era extremamente desconcertante.

O velho insistiu em tomar as rédeas, já que achava que não ia conseguir dividir conosco esta tarefa na viagem de volta. Katya sentou-se ao lado dele e eu e Paul ficamos atrás. Enquanto percorríamos a estrada poeirenta para Alos, procurei surpreender na expressão do Sr. Treuille algum sinal de desalento com a iminente mudança de sua biblioteca, mas tudo o que posso dizer é que ele estava de bom humor. Talvez ele tivesse deixado esse pensamento de lado, por alguns momentos.

Talvez nem se lembrasse mais do problema.

E como que para confirmar essa alienação única, por duas vezes ele deixou o cavalo quase parar; então, lembrando-se de que era ele quem estava dirigindo, olhou, confuso, ao redor, antes de soltar as rédeas para fazer o animal andar.

À medida que avançávamos em direção às montanhas, Katya, com os olhos semicerrados, erguia o rosto para o sol respirando fundo. Paul, por outro lado, parecia muito tenso, sempre em guarda, olhando com desagrado e repugnância aquela natureza selvagem com que estava sendo obrigado a conviver.

—Posso lhe fazer umas perguntas sobre nosso destino?- perguntou ele.

—Alos? - perguntei. - É só uma pequena cidade rural. Bem humilde. Tipicamente basca.

—Até hoje não havia percebido que a humildade é uma característica dos bascos - disse ele, passando um olhar lânguido em mim. —Não que lhes falem motivos para ser humildes. E qual a distância até essa pequena cidade rural basca tão humilde?

—Nove ou 10 quilômetros pelo vôo de uma ave.

—E que distância, se a ave preferir ir numa carroça que sacoleja numa estrada de terra esburacada?

—O dobro da distância, acho.

—Entendo; vinte quilômetros com esta incessante beleza natural cercandonos por todos os lados. Que maravilha!

Katya riu e virou-se para nós.

—Não se desespere, Paul. Nós vamos parar para fazer um delicioso piquenique.

—Ah, meu Deus! É, o piquenique! Como pude esquecer o piquenique? Não há um fim para estas delícias bucólicas? É preciso pôr um freio nesta

alegria desvairada para que eu não fique irremediavelmente saciado. E você já escolheu um lugar adequado para o nosso alegre piquenique?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Claro que não! É uma aventura, Paul! Não se pode planejar uma aventura, como não se pode ensaiar um gesto espontâneo. Vamos continuar andando até achar o local ideal; então, paramos.

—Entendo. E como é que vamos reconhecer este lugar ideal?

—Vai ser o lugar em que pararmos.

Paul virou-se para mim e piscou várias vezes, imitando com muita exatidão o gesto que o pai fazia quando confuso e atordoado.

Eu dei de ombros.

—Para mim, faz sentido.

—Hum, hum. Sinto um quê de conspiração. Muito bem, querida irmãzinha, aceito sua idéia de aventura. Mas espero que esse lugar ideal apareça logo. Quanto mais cedo começar a festa, mais cedo ela vai terminar. Sempre fui partidário de fazer rápido e rasteiro o que tem de ser feito. Um homem precisa ter algumas regras para viver.

Eu me ri.

—Vamos, Paul. E deixe toda esta beleza contaminar sua alma. Entre em sintonia com o universo.

Paul estremeceu na sua maneira característica.

—Foi Deus quem quis que o homem e a Natureza ficassem separados. Foi por isso que no oitavo dia Ele disse: "E façam-se as janelas, portas, persianas, cortinas." E foi assim. E Ele falou com clareza.

Ao recriar esta conversa, procuro pôr no papel o tom indescritível que caracterizou aquela tarde, um tom de alegria falsa e camaradagem vã. Procurávamos falar coisas leves, engraçadas, mas as brincadeiras soavam falsas, inábeis, forçadas. Cada um de nós tentava manter uma aparência alegre, pelo bem dos outros, mas intimamente nosso pensamento estava voltado para coisas tristes, problemáticas. Embora nossas intenções fossem generosas, havia algo de desajeitado na execução.

A estrada acompanhava o Rio Gave que ora se aproximava do caminho, brilhando ao sol, ora se afastava, rolando mansamente atrás de um prado, ora desaparecia numa curva, oculto pelas árvores. Foi só quando dobramos uma curva do caminho, a qual revelava dois braços do rio, abaixo e acima de onde estávamos, que Katya anunciou que havíamos chegado ao lugar ideal para o piquenique.

O Sr. Treville assumiu o papel de chefe da família e supervisionou a retirada e arrumação das coisas, sempre dando instruções logo depois que a tarefa já havia sido cumprida, fazendo sugestões que eram calmamente ignoradas. Ao verificar que havíamos feito tudo conforme suas indicações, ele esfregou as mãos satisfeito e disse que estava faminto, acrescentando que os que ficassem cheios de cerimônia iam ficar com fome.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele comeu pouco, mergulhando muitas vezes em seus próprios pensamentos, enquanto procurava se acomodar no pano que nos servia de toalha e olhava, sem ver, a paisagem a sua frente.

Ao organizar tudo com sua energia supérflua ele também contribuíra para compor o tom de alegria e animação.

Para nossa diversão, Paul representou o papel do inconformado, reclamando amargamente de tudo e assegurando-nos que a principal razão da existência da pintura paisagística era dar ao homem a oportunidade de ver as maravilhas da Natureza sem obrigá-lo a entrar em contato direto com a realidade obscena. Ainda por cima, Katya esquecera-se do sal!

A toalha ficou cheia dos restos do piquenique. Havíamos passado um quarto de hora em silêncio: Katya apoiada nos cotovelos, de olhos fechados, com o rosto exposto ao sol e ao vento; o Sr. Treville em algum outro lugar, perdido em meio a seus pensamentos; Paul, deitado, com o chapéu sobre o rosto, protegendo-se de uma mosca insistente que almoçara conosco e o escolhera como anfitrião, e eu, pensando no que diria a Paul. Katya se levantou e sugeriu que fôssemos até a ribanceira colher flores silvestres. Paul murmurou sonolento que preferia a morte e eu disse que estava com preguiça; assim, foi o Sr. Treville que, resmungando, levantou-se e seguiu Katya, explicando-lhe que muitas das flores silvestres consideradas venenosas hoje em dia - hidraste, meimendo, dedaleira, flores de maio... - eram usadas como remédio na Idade Média.

Na verdade, havia razões para se acreditar que...

E eles se foram: Katya movendo-se graciosamente por entre o capim alto, com o vento batendo vestido branco; e atrás o Sr. Treville, continuando seu monólogo desinteressante. Segui-os com o olhar até que sumiram por trás das árvores que margeavam o Gave.

—Ela ama tanto a natureza - disse eu calmamente. - Admiro, talvez até inveje, a maneira como ela se apega á vida e encontra prazer em pequeninas coisas.

—Hum, hum - Paul concordou cautelosamente sob o chapéu.

—É uma pena, já que a felicidade para ela consiste em coisas simples como a liberdade e amor, que seja privada disso... cercada pela escuridão e medo. Ele propositalmente continuou calado.

—Posso falar uma coisa com você, Paul?

—Se é mesmo necessário —murmurou ele.

Da maneira mais sucinta possível, eu lhe narrei o que sabia daquele trágico incidente em Paris que havia provocado a fuga deles para Salies.

Manifestei, então, minha opinião, dizendo que fugir das más-línguas não ia adiantar nada, já que as intrigas sempre os seguiriam, e eles perderiam anos de suas vidas em esforços fúteis para contornar o inevitável.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele me ouviu até o fim e ficou em silêncio por algum tempo. Como não retirara o chapéu do rosto, não pude ler sua expressão. Ele soltou um longo suspiro.

—Montjean... como você tem me aborrecido, sempre esmiuçando nosso passado e me incomodando com seus avisos desnecessários e inúteis.

—Não estive esmiuçando sua vida. E não considero meu aviso desnecessário. . . não em relação a Katya.

Ele ergueu o chapéu e abriu os olhos para me fitar com uma expressão de cansaço e condescendência.

—Você está fazendo um julgamento na delicada posição de quem sabe um pouco. . . mas não o suficiente. E eu vou lhe explicar melhor, porque esse conhecimento dos fatos não vai ser uma experiência nada agradável e acho que você merece alguns dissabores. Primeiro, diga-me o que você acha que aconteceu em Paris.

—O que aconteceu? Bem... acho que os fatos se passaram conforme a versão do seu pai... um tiro acidental num jovem que ele tomou como ladrão.

Paul fitou-me com um olhar inexpressivo.

—E se o tiro não tivesse sido acidental?

—Não tivesse sido acidental?

—Se papai soubesse que o jovem não era um ladrão?

—Eu... eu não compreendo.

—É mesmo? Pensei que você compreendesse tudo. - Fechou os olhos e continuou a falar lentamente, de boca mole. - Eu vou lhe contar uma pequena história. Uma noite, há dois anos, cheguei em casa depois de uma farra. Nos fundos da casa havia um jardim, e para não incomodar ninguém, isto é, para não alardear a hora tardia da chegada, entrei pelo portão desse jardim.

Enquanto eu avançava em direção à casa, meio tocado pela bebida, tropecei no corpo de um jovem que vinha fazendo a corte a Katya há alguns meses. Ele tinha levado um tiro, Montjean. Um tiro certo no coração. Você consegue visualizar a cena?

Não pude responder.

—Como você pode imaginar, com o susto fiquei sóbrio.. Percebi, de imediato, que papai o assassinara. Não sei por que, mas eu tinha uma certeza absoluta. Várias vezes ele manifestara sua antipatia pelo jovem... pessoa superficial... não estava à altura de Katya... esse tipo de coisa.

—Mas... eu não acredito que seu pai pudesse... ele é um homem amável. Um pouco confuso, mas não...

Paul abriu os olhos; ergueu ligeiramente o corpo apoiando-se nos cotovelos para melhor me encarar.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Meu pai, Montjean, é louco.

O tom neutro com que ele proferiu esta frase causou-me um arrepio de horror.

—Está no nosso sangue. Meu bisavô morreu num hospício. Um dos meus tios-avós vive encarcerado em sua própria casa, aos cuidados de duas filhas solteironas.

Um dos meus primos se suicidou, jogando-se na frente de um trem. Parece que a doença se transmite pelo lado masculino. E é por isso que eu não devo me casar, nem ter filhos.

Meu próprio pai é um pouco recluso, preferindo viver nos séculos passados a lidar com a realidade da vida. Quando ele conheceu mamãe, apaixonou-se tão perdidamente, que os amigos dela foram contrários ao casamento, considerando o afeto de papai mórbido em sua intensidade.

Ela aceitou a proposta dele e por quase um ano eles viveram uma grande paixão. Ela ficou grávida logo depois do casamento; morreu de parto. O choque para ele foi tremendo. Não é preciso dizer que nunca mais amou ninguém... nem olhou para outra mulher. Voltou-se para si mesmo e dedicou sua vida aos estudos e a nós... Katya e eu. Acho que uma vez já lhe disse que Katya e eu temos uma semelhança fantástica com mamãe. Vi fotografias dela e a parecença é espantosa.

Inquietante, na verdade.

Não pretendo dizer que entendo os mecanismos psicológicos da mente, que é mais o seu ramo do que o meu, mas acho que o que aconteceu com papai

foi o seguinte: ele estava passeando pelo jardim, imerso no seu emaranhado de estudos, quando viu Katya nos braços de um homem. Uma atitude inocente, obviamente. Dois jovens tentando descobrir a profundidade de seus sentimentos, os limites de seu amor... esse tipo de coisa. Mas o que papai viu foi... sua mulher nos braços de outro homem. Ele voltou para o escritório... atordoado, confuso. Katya disse boa-noite ao rapaz e foi para o seu quarto. O rapaz demorou-se no jardim, perturbado com sonhos românticos, podemos imaginar.

Novamente papai voltou ao jardim. Desta vez ele tinha uma arma... uma das minhas pistolas. E...

Paul fez um gesto de indiferença. Deitou-se na toalha e fechou os olhos. Depois de um certo tempo, ele continuou:

—Obviamente, não sei o que aconteceu de fato, mas acho que minha suposição está perto da verdade. Seja lá como for, quando cheguei em casa naquela noite encontrei o pobre rapaz.

Naquela época, eu ainda não havia cultivado esse sangue-frio que se tornou uma característica tão atraente de minha personalidade. Eu estava assustado, confuso, chocado... Na verdade, experimentei toda a gama de emoções próprias da situação. Sem conseguir pensar direito, acordei Katya e contei a ela o que havia acontecido.

Você pode imaginar como ela ficou. Conversamos horas seguidas... até alta madrugada. O que iríamos fazer? Estava fora de cogitação permitir que papai fosse para a prisão, ou pior ainda, para um hospício. Por muito tempo Katya ficou trêmula, à beira de um choque. Apertou minha mão até que



PDL – Projeto Democratização da Leitura

suas unhas se cravassem em minha pele e tremeu convulsivamente. Mas não chorou. Na verdade, ela nunca mais chorou. Sem saber o que fazer, concordamos em não tomar nenhuma atitude. Pelo menos não antes da manhã seguinte, de maneira nenhuma.

Mandei Katya para a cama... não para dormir, é claro... e levei o corpo para o meio dos arbustos, para escondê-lo até decidir o que fazer.

Sentado ali, imóvel, eu não conseguia entender o que estava ouvindo. Lembro que o sol esquentava minha nuca, mas senti um arrepio de horror sob o calor da pele. O vento desviou a ponta da toalha e cobriu minhas pernas estendidas. A imagem da minha perna, coberta pela toalha branca, foi para mim, por alguma razão que não entendo, o retrato daquele momento. Finalmente consegui falar:

—Mas que opções vocês tinham? Certamente seu pai insistiu em assumir suas ações e evitar que vocês se envolvessem.

—O destino se diverte dando essas voltas, Montjean. Papai confessou, na verdade... não que ele tenha assumido o que fez. Na manhã seguinte não se lembrava de nada. Tudo foi apagado de sua memória, obliterado.

O homem com quem tomei o café da manhã, o homem que tagarelava sobre assuntos insignificantes, sobre a vida medieval, era totalmente inocente. Jamais ferira outro homem em toda a sua vida. Era, na verdade, incapaz de magoar alguém. Não se lembrava absolutamente de nada.

Aliás, desde aquela noite, a memória de papai tem-se tornado mais fraca e mais falha, chegando ao limite da comédia burlesca, como você já percebeu. Antes do... acidente... sua mente e sua memória eram com uma lâmina afiada.

—Mas eu não entendo. Se o incidente foi esquecido, como ele pôde confessá-lo?

—Meu amigo, eu sou simplesmente um expert em artimanhas. Com base em meias verdades, usei toda a minha imaginação para fazê-lo admitir, diante das autoridades, que havia atirado no rapaz, sem deixá-lo saber que

matara um ser humano a sangue-frio... sem permitir que percebesse que estava louco.

Em primeiro lugar, eu lhe disse que o rapaz estava morto, baleado, no jardim. Aí, eu inventei a história de que ele havia se excedido com Katya e ela, em pânico, o matara...

—O quê?

—Guarde o seu espanto, meu amigo. Isto parecerá mais grotesco à medida que eu continuar a falar. Convenci papai de que, em estado de choque, Katya não se lembrava de haver matado um homem.

Ele concordou comigo que seria cruel, e talvez perigoso, deixá-la conhecer a terrível verdade.

Papai e eu contamos a ela que ele havia matado por acidente, confundindo o rapaz com um intruso.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Então, como você pode ver, papai confessou o crime ignorando que o havia cometido. A polícia aceitou nossa história após uma rápida investigação.

—Rápida?

—Nós somos, afinal de contas, uma família conceituada, de bom nome. A justiça pode ser cega, mas tem uma certa noção de conveniência. Os pobres são torturados, os ricos têm seus direitos respeitados, rigorosamente.

Paul relatou esses acontecimentos de olhos fechados, recostado, falando devagar e de maneira monótona, quase enfasiada. Eu me perguntava se sua

frieza era produto do caráter ou uma espécie de defesa por ele desenvolvida.

—E Katya? - perguntei depois de um período de silêncio. - Como tudo isso a afetou?

—Como você pode imaginar. Ela gostava do jovem. Talvez até o amasse. Sua morte foi algo chocante. A maneira como ocorreu - pelas mãos do seu próprio pai - foi perturbadora. Se ela soubesse que o tiro não fora acidental... que seu pai (ou a loucura que se esconde dentro dele) tinha matado alguém friamente... eu não quero nem pensar nos efeitos que tal fato lhe teria causado.

Felizmente ela nunca soube. Como você vê, minha família tem vivido numa frágil teia de enganos entrelaçados. Katya crê que papai matou por engano e que seu estado mental foi afetado pelo acontecimento e ele acredita que Katya matou o amigo em pânico, depois que ele tentou violentá-la.

Ambos estão dispostos a tudo - mover montanhas ou ir ao fim do mundo, cada qual com o objetivo de proteger o outro. Espero que você tenha percebido o perigo que os dois correrão se suas investigações trouxerem a verdade à tona. Sua maneira descuidada de se intrometer em nossos problemas poderia facilmente romper esta teia que protege meu pai e minha irmã da realidade.

—E você está sentado no meio da teia, como um deus-aranha controlando seus destinos.

Paul suspirou profundamente como se estivesse cansado de mim. Fez um breve silêncio antes de prosseguir em seu tom baixo e indolente:

—Não teria sido um caso de guilhotina para papai. Seria caso para sanatório. Você já viu um sanatório para criminosos, Montjean? Você tem idéia de como são?

—Na verdade, já. Eu trabalhei um ano como residente em Passy, antes de vir para Salies.

Não contei a Paul que minhas experiências em Passy me fizeram desistir do estudo da psicanálise.

Considerarei o tratamento dispensado aos doentes mentais, mesmo numa clínica bem aparelhada como a de Passy, degradante, horrível, brutal. As enfermeiras e serventes pareciam vir das camadas mais baixas da sociedade. Houve um caso que gravei em minha mente e define bem os horrores da internação; foi o da Srta. M. Ela era jovem e bonita, sob a aparência desagradável da doença.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

A causa do seu desequilíbrio estava relacionada com incesto. Não interessa aqui descer a detalhes. A Srta. M. costumava passear pelos jardins de Passy, com expressão suave e distante, olhos vazios.

A manifestação mais nítida de sua condição patológica era o hábito de sujar-se de terra e de não deixar ninguém tocá-la ou limpá-la. Apesar da repulsa natural, senti por ela uma compaixão especial e, depois de meses tentando pacientemente adquirir sua confiança, descobri o motivo de seu comportamento, o que me deixou revoltado e chocado.

Nas primeiras semanas em que a gentil e reclusa Srta. M. chegou a Passy, foi submetida a freqüentes e bizarros ataques sexuais por parte dos guardas e serventes, que consideravam tais oportunidades como uma das vantagens de seus empregos.

A Srta. M. confidenciou-me com uma expressão de orgulho dissimulado que, para proteger-se desses ataques, havia desenvolvido o hábito de se sujar de terra, fazendo-se muito repulsiva para ser desejável.

Indignado e furioso, comuniquei minha descoberta ao administrador do hospital, que me aconselhou a não acreditar nas histórias distorcidas de pessoas que, por definição, estavam alheias da realidade. Mas assegurou-me que iria investigar a denúncia.

Nos meses seguintes dediquei grande parte do meu tempo à Srta. M. que, descobri, era uma pessoa inteligente e charmosa, apesar das violências de que sua mente fora vítima. Devagar, não sem recaídas desencorajantes, eu a convenci de que o perigo para sua pessoa havia passado e ela poderia viver sem aquela horrível armadura em seu rosto.

Lembro o prazer e o sentimento de vitória que tive numa manhã, na primavera passada, quando ela entrou na sala de consulta limpa e fresca, com os cabelos penteados e presos numa fita.

Eu poderia ter feito um grande alvoroço pela vitória que ela tivera sobre seus medos, mas ela apenas sorriu timidamente quando, ao final de nossa conversa, comentei que ela estava particularmente bonita naquela manhã.

A Srta. M. faltou à consulta seguinte, mas eu não me surpreendi, pois já havia faltado a outras, anteriormente, e não raras vezes o paciente se afastava um ou dois dias após romper uma barreira.

Mas, quando ela não apareceu também na manhã seguinte, fui procurá-la.

Encontrei-a em sua cela assistida pela enfermeira-chefe, cuja expressão atormentada de "eu bem que avisei" revelava sua desaprovação por aquela maneira de tratar o louco com regalias. A Srta. M. estava encolhida no chão, num canto da cela, rosnando para mim como um animal furioso.

O vestido rasgado em tiras, o rosto arranhado e sangrando pelas próprias unhas, cheirando a estrume, que havia espalhado pelos braços e cabelos. Logo percebi o que ocorrera - provavelmente na volta do nosso encontro, quando ela ia para o seu quarto.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Por ter confiado em mim, ela ousou fazer-se limpa e... desejável.

Ajoelhei-me a seu lado e tentei tocar seu ombro para consolá-la, mas ela voltou a se encolher e a rosnar para mim. Ódio reluzindo nos olhos, ela levantou a roupa rasgada, revelando as partes nuas e disse num chiado:

—Sua vez! Sua vez! Sua vez!

Entrei enfurecido no escritório do administrador, exigindo uma investigação imediata e a punição máxima. Fui tomado pela indiferença daquele homem cujo único desejo era evitar publicidade e problemas desnecessários.

Ficou óbvio para mim que ele não pretendia fazer nada, que apenas abriria um inquérito porque

- como me informou com um gesto de pouco caso - era preciso lembrar que os loucos tendem a provocar esse tipo de comportamento; eles gostam disso, na verdade.

Quando gritei que pretendia levar o caso á imprensa, seus olhos tornaram-se mais duros e ele se levantou para me encarar. Num tom frio e comedido ele me lembrou de que todos em Passy sabiam dos meus cuidados especiais com a Srta. M. e que nossas atividades durante as "sessões"

eram de conhecimento geral.

Meu primeiro soco quebrou seus óculos e o segundo, seu nariz.

Fui imediatamente demitido e o que foi escrito no relatório a meu respeito fez-me perder qualquer esperança de ser aceito em qualquer trabalho

respeitável, no futuro. Foi graças a esse péssimo relatório que fiquei surpreso e grato quando o Dr. Gros me convidou para trabalhar com ele, durante o verão, em Salies.

Fiquei em silêncio por algum tempo, enquanto essas lembranças me ocorriam, antes de repetir para Paul:

—Sim, eu tenho algum conhecimento de sanatórios para loucos criminosos.

—Então você sabe que são lugares indescritíveis. Visitei um deles quando tentava decidir o que fazer, se papai tivesse uma recaída. Aqueles pobres internos grotescos, destituídos de qualquer resquício de dignidade. Aqueles guardas com rostos brutais, gordos e malcheirosos. Eu nunca poderia condenar a tal destino um homem letrado e estudioso como papai. Depois da morte de minha mãe, ele concentrou todo o seu afeto em Katya e em mim. Foi o nosso nascimento, afinal, que custou a vida da mulher que ele amava com toda a intensidade do mundo. Nossa dívida com ele jamais poderá ser paga.

—Mas, se essa identificação distorcida de Katya com sua falecida mulher fez com que ele matasse uma vez, isso não poderá acontecer de novo?

—É possível. E é por isso que eu o vigio constantemente, procurando os menores sinais de loucura.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Você acha que esses sinais reapareceram agora? Depois de uma pausa, ele assentiu.

—E é por isso que você tomou a decisão súbita de fugir de Etcheverria? — perguntei.

Ele confirmou.

Então compreendi por que Paul mandara que eu ocultasse de seu pai meu afeto por Katya, por que ele me recomendara que não a tocasse, não a tomasse em meus braços.

Ele me viu como a próxima vítima da loucura de seu pai. Todos os seus atos e razões, que eu havia considerado ciúmes doentios, estavam claros agora. Mas não era Paul que me preocupava.

—Pobre Katya - disse eu, suavemente. —Como a vida foi injusta com ela! Tenta encontrar a alegria nas belezas da Natureza, divertir-se com brincadeiras bobas... aqueles terríveis trocadilhos.

Ah, meu bom Deus, ela não pode, nem ao menos, se deixar abraçar por um homem que a ama.

—Sim, pobre Katya - disse Paul. - Pobre Paul. se isso acontecer. Até mesmo pobre Jean-Marc, suponho Mas, acima de tudo, pobre papai.

—Não. Não "acima de tudo". Lamento por ele, mas sua vida está quase no fim. Você e Katya ainda são jovens e estão se sacrificando, desperdiçando suas vidas.

—Não temos escolha. Já discutimos isso e estamos de acordo. Como Katya poderia ser feliz sabendo que obteve a felicidade trancando seu pai com loucos balbuciantes e guardas sádicos?

Quanto a mim - ele deu de ombros - não gaste sua compaixão comigo, Montjean. Eu me posicionei cuidadosamente na vida, de modo a evitar os excessos tanto da dor quanto da felicidade.

Cultivei uma frivolidade sensata e segura. Tenho gostos, mas não apetite. Rio, mas quase nunca sorrio. Tenho expectativas, mas não esperanças. Tenho espírito, mas não humor. Cultivo a inteligência, mas evito o aprofundamento. Sou reconhecidamente impetuoso, mas sem coragem. Sou franco, mas nunca sincero.

Prefiro o charmoso ao belo, o conveniente ao útil; a forma ao conteúdo. Em tudo eu admiro o artifício. - Fez uma pausa e continuou sorrindo: - E alguém pode até me acusar de ser masoquista. —

Então fez um muxoxo e terminou: —De qualquer maneira a vida que você me acusa de estar desperdiçando nesse jogo não vale tanto assim. E quando eu jogo, é com uma pequena quantia.

—Mas, e quanto à vida de Katya e a minha? Elas valem a pena ser salvas. O que devemos fazer?

—O que devemos fazer é - seus olhos se fixaram por sobre meus ombros - fingir que estamos tendo um bate-papo desprezioso. Lá vêm eles de volta do morro.

Devemos fazer o possível para lhes proporcionar um dia agradável e memorável.

E que um raio caia sobre a minha cabeça se ela não está recolhendo uma braçada de ervas daninhas malcheirosas para atirar no meu rosto.

Respondi, rapidamente:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Paul, ouça. Antes que eles cheguem. Deixe-me alguns minutos sozinho com Katya quando voltarmos a Etcheverria. Concordo que devo fazer o dia de hoje o mais agradável possível para eles e não pretendo falar sobre o assunto durante a festa. Mas eu insisto em ter uma oportunidade de dizer a ela que entendo tudo, agora. Quero uma última chance de convencê-la a vir comigo, a salvar sua vida.

—É inútil. Ela não irá com você. Seu sentimento de família é muito forte. Ela ama demais o nosso pai.

—Eu preciso de uma última chance. Dê-me meia hora! 15 minutos!

Katya e o Sr. Treuille estavam perto o suficiente para que ela acenasse e apontasse para a massa de flores campestres que trazia.

—Paul? Por favor —insisti.

—É perigoso para você ficar sozinho com Katya. Papai poderia vê-los.

—Eu aceito o risco. É minha responsabilidade.

Ele mordeu o lábio e respondeu:

—Muito bem, Montjean. Você pode ter seus 15 minutos sozinho com ela no fundo do jardim.

Mas, pelo bem de todos, devo exigir uma coisa. Você tem de me prometer não voltar mais a Etcheverria depois desta noite. Preciso de sua palavra. Quando Katya se recusar a fugir com você, o que certamente acontecerá, você nunca mais tentará revê-la. É muito perigoso. Então?

O Sr. Treuille aproximou-se secando o suor da testa com um grande lenço:

—É uma subida dura, jovens! Mas a vista do Gave é linda. Vocês deviam ter vindo conosco.

—Não, obrigado - retrucou Paul - muita beleza estraga o intelecto, assim como o açúcar estraga os dentes - Perguntou, então, baixinho: - Então, Montjean. tenho sua palavra?

—Sim - sussurrei - eu prometo. - Elevando, então, o tom de voz, perguntei:

—O que você trouxe, Katya ? Meu Deus, você deixou alguma flor por lá?

—Claro! Eu só colhi as que me pareciam sós.

—Bem, agora - disse o Sr. Treville esfregando as mãos - vamos nos arrumar e seguir para a festa de Alos. Imagine! Eu verei com meus próprios olhos o ritual da Virgem Submersa. E mais!

Terei o doutor aqui como meu guia, um homem do cantão. Que sorte!

—Ah, sim!- disse Paul num tom abafado. —Que espantosa sorte!

Depois que Paul tomou as rédeas, com Katya ao lado, o Sr. Treville sentou-se atrás comigo.

Ele me confidenciou que seu passeio pelo rio o fez pensar na importância das vias fluviais na localização e prosperidade dos povoados medievais.

—A "Idade das Trevas" não estava nas trevas no sentido de ser desprovida da luz do saber.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Eram trevas não por falta de luz, mas porque quem as estudou era parcialmente cego. Sabemos muito, mas das coisas erradas. Conhecemos os reis, as guerras, os tratados, a instabilidade do comércio... As fachadas arrojadas das construções daquela época são bem conhecidas, mas nada sabemos do que ocorria por trás daquelas fachadas.

Não nos preocupamos com os acontecimentos do dia-a-dia, o cotidiano medieval, os medos e aspirações do homem comum. Sabemos um pouco do que eles faziam, mas não sabemos o que sentiam.

Os sentimentos do homem medieval são mais significativos para os estudiosos do seu tempo do que os do homem moderno para os estudiosos

de hoje, porque naquela época as superstições valiam mais que os fatos e as crenças, mais que o conhecimento.

Era uma época de milagres, de demônios e de maravilhas. É por isso que estou tão ansioso em testemunhar a pastoral de Robert le Diable e o ritual da Virgem Submersa.

—Eu também me interesso por isso, papai - disse Paul. —Francamente eu apóio a prática de afogar virgens depois da idade de, digamos, 22 anos. Isto faria com que as jovens repensassem suas atitudes com relação á castidade, que são, senão claramente egoístas no mínimo inóspitas.

—Isso é modo de falar na presença de sua irmã? —perguntou o Sr. Treville, visivelmente chocado. —Sei que você está brincando, mas virgindade não é assunto para ser discutido na presença de senhoritas.

—Oh! Pensei que este tópico fosse adequado por ser oposto, por exemplo, à promiscuidade.

—Paul! —disse o Sr. Treville num tom de advertência.

Katya virou-se com um sorriso mal contido.

—Como quiser, papai - continuou Paul. —Não vou falar novamente em virgindade, nem em qualquer das sete virtudes mortais. Na verdade, sempre as considereei tolices consumadas. Posso falar em consumação? Ou consumação é tabu?

Katya fez um sinal para Paul, pedindo que parasse de implicar com o pai.

—Fale-nos sobre a Virgem Submersa, papai - disse ela firmemente, desviando a conversa para águas mais tranquilas.

—Ah, é uma história fascinante, querida. Uma história comemorada todos os anos durante a festa de Alos a que nós assistiremos hoje. Suponho que Jean-Marc a conheça melhor do que eu, pois ele deve ter assistido à festa durante toda sua infância.

—Na verdade, senhor, eu não sabia que havia uma história real por trás do acontecimento.

Tudo de que me lembro é que as meninas mais bonitas dos três povoados eram escolhidas para fazer o papel da Virgem. Isso era considerado uma grande honra. A escolha final cabia ao padre, como ainda hoje, acho eu.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Quem estaria mais habilitado para escolher? - perguntou Paul.

—Ah, de fato - disse o Sr. Treville - existe um fundamento histórico sob a tradição. Era 1170, um famoso Julgamento de Deus foi aplicado a Sancie, viúva de Gaston, o Quinto de Bearn (eu me pergunto por que ela é mencionada como sendo virgem).

Ela foi jogada, com as mãos e os pés amarrados, no Gave... este rio aqui a nossa direita... como um teste para apurarem se era culpada de ter matado o filho, nascido muito tempo depois da morte do marido.

Seu próprio irmão, o Rei de Navarra, foi quem determinou esse método de julgamento. Assim, se ela flutuasse, seria sinal de que Deus a considerava inocente; se ela se afogasse, seria culpada. Ah, eles tinham um Deus real, aqueles medievais! Um Deus que habitava os rios e as chuvas, não um Deus distante como nós temos, que nada mais é que um intermediário entre o castigo eterno e o paraíso. Deus vivia em todos os povoados naqueles dias... e o demônio também. Lembro um incidente em Abense-de-Haut era 1223 quando...

A seu lado, na carruagem, enquanto ele se protegia do vento com o chapéu panamá e divagava na sua visão confusa, mas humanística da história, eu

podia entender por que Paul não considerava o pai culpado pela morte daquele jovem cujo único crime fora amar Katya.

Alguém em sã consciência poderia dizer que aquele homem, cuja memória não retinha um traço sequer do crime, era um assassino? Não teria sido obra de alguém, de emboscada, fazendo-se passar pelo Sr. Treville? E teria havido justiça se o houvessem trancado em algum hospício fedorento por algo do qual ele não tinha o menor conhecimento ou lembrança? Eu entendia o dilema de Paul.

E esse era o meu dilema também. Mas acima de todas as considerações sobre a justiça, estava o bem-estar de Katya. Sua felicidade... sua vida, talvez... não deveria ser sacrificada às circunstâncias.

E seria eu culpado por procurar minha felicidade também? Não, provavelmente não.

—Mas, papai, você não vai nos contar o que aconteceu à pobre mulher? - perguntou Katya interrompendo o pai, enquanto passávamos por uma ponte.

—Que mulher? - perguntou o Sr. Treville.

—Aquela que foi amarrada e jogada ao rio.

—Ah! Aquela. Bem.. ela flutuou.

—Bom para ela - disse Paul. —Esperta. Mas naquela época, creio, era a única coisa sensata a se fazer em tais circunstâncias.

—Sim, sim. Ela flutuou. E quando foi retirada do rio, teve de volta todos os seus bens e toda a sua autoridade.

—E o irmão dela? - perguntei. —O que aconteceu com ele depois de ter submetido à irmã a sua concepção de certo e errado?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Paul voltou-se e fixou seus olhos metálicos em mim.

—A história conta que ele continuou seu longo e sossegado reinado - informou o Sr. Treville.

—E hoje esse acontecimento é festejado. Meu Deus, o que é isso? —Virou-se e olhou para a fonte do ruído que vinha da nossa traseira.

Um automóvel com faróis de bronze havia nos alcançado e fazia sinais para que saíssemos da estrada e o deixássemos passar. Os ocupantes, três moças e dois rapazes, estes vestidos tipicamente como motoristas da época, gritavam, riam e acenavam à medida que se aproximavam, com a frente do carro quase tocando a roda traseira da carruagem.

Eles estavam se deliciando com a brincadeira, enquanto o nosso cavalo se retraía e entrava em pânico com o barulho e a estranha aparição da máquina. Paul fez tudo o que pôde para controlar o cavalo, tão logo saímos da estrada e caímos num fosso raso, quase capotando com nossa carruagem.

Ouvimos um som de zombaria vindo do carro e o jovem atlético que o dirigia gritou alguma coisa sobre "século XX", envolvendo-nos numa nuvem de poeira e no cheiro acre de óleo queimado.

Furioso, Paul parou o cavalo e nós todos descemos com todo o cuidado pelo lado mais alto da carruagem, evitando que esta virasse. A primeira preocupação de Katya foi com o cavalo, que olhava para trás apavorado. Sem medo de possível mordida ou coice, ela segurou o nariz dele e afagou-o até que o tremor dos músculos do pescoço diminuísse o suficiente para que voltássemos para a estrada.

Ainda que já fossem comuns nas cidades, no verão de 1914, os automóveis ainda eram uma raridade no campo, e eu nunca havia visto nenhum nas ruas sujas e estreitas das províncias bascas.

O jovem motorista gritara com um sotaque que eu definiria como parisiense (algo que meus companheiros não podiam definir, já que eram também de Paris e achavam que o modo de falar cortado e quase sumido dos nortistas era o correto e sem sotaque).

Os moços grosseiros estavam, certamente, numa aventura motoriza da pelo interior impenetrável, divertindo-se com os camponeses.

A medida que continuávamos a viagem, eu pensava no modo como cada um de nós havia reagido ao episódio. Fiquei claramente apavorado; o Sr. Treville inspirou-se para uma análise sobre a inevitável corrosão das tradições dos antigos povoados pelos veículos motorizados; Katya foi solícita com o cavalo e Paul olhou fixamente para o automóvel com uma expressão morbidamente calma e olhos frios e graves.

Quando chegamos a Alos por uma ponte estreita, já estava anoitecendo, o sol começava a morrer por trás das montanhas que cercavam a cidade como uma bainha. O som fino da flauta txitsu e o rufar dos tambores vindo do povoado me diziam que a pastoral de Robert le Diable estava acontecendo. Pelo que me lembrava, a dança era interminável e triste, logo eu não estava tão ansioso para vê-la quanto Katya e o pai.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Paul sugeriu que eles dessem uma volta enquanto ele e eu cuidávamos do cavalo. Os dois se juntaram às famílias e aos casais que se aglomeravam em volta da praça, enquanto nós atravessávamos a ponte de pedra até o campo

transformado, temporariamente, em estacionamento para cavalos, guardados e alimentados mediante o pagamento de pequena taxa.

O guardador me reconheceu de outros tempos e me deu um inevitável tapa nas costas, perguntando por várias pessoas das quais eu não tinha a menor lembrança. Como a conversa era em basco, Paul viu-se excluído e foi-se afastando enquanto eu tentava me livrar sem parecer inamistoso.

O preço da liberdade foi marcar um encontro para fazer um txtkiteo - uma volta pelos bares e buvettes - com ele mais tarde. Um encontro que eu gostaria que ele esquecesse.

Encontrei Paul próximo a um grupo de fazendeiros e pastores, olhando para a frente e sorrindo consigo mesmo. Acompanhei seu olhar e vi o automóvel que quase nos fizera capotar. Estava estacionado embaixo de uma árvore, no final do Prado. Seus faróis de bronze refletiam a luz do sol poente.

—Eles foram entregues em minhas mãos - disse Paul, calmo. —É o suficiente para acreditar na justiça divina.

—Paul, por favor. Por Katya, vamos nos divertir. Esqueça isso.

Ele sorriu para mim.

—Meu amigo, eu não tenho a menor intenção de esquecer isso. Então, doutor? Vamos localizar os outros? Estou ansioso por esta noite. Confesso que temi que isso fosse ser extremamente chato, mas as coisas começam a melhorar.

—Lembre-se do seu ombro. Não seria bom machucá-lo novamente.

—Você é um amigo tão atencioso! Talvez você deva seguir a carreira médica. Vamos lá, vamos nos divertir.

Encontramos Katya e o Sr. Treville entre o povo reunido na praça do povoado.

O vestido branco e os sapatos que ela usava destacavam-se do resto.

Eles estavam na frente de um círculo de observadores que se formava ao redor dos atores da pastoral de Robert Le Diable.

Katya sorria com grande interesse, como se os atores fossem seus amigos, enquanto que seu pai olhava atentamente e de vez em quando fazia algumas anotações num papel. O Diabo e o Cavalo estavam amarrados e o Herói realizava a Dança dos Copos, saltando e aterrissando, rodopiando, com suas sapatilhas em torno de um copo cheio de vinho, colocado sobre umas pedras a sua frente.

Duas vezes o vinho entornou e uma vez o copo quebrou, mas era logo substituído com gritos encorajadores até que o dançarino desse três saltos numa linha sem derramar o vinho. Sua exibição



PDL – Projeto Democratização da Leitura

foi premiada com gritos de aplauso e o famoso cri basque de observadores mais expansivos - muitos deles com o nariz curvado pelo vinho, para usar a gíria local.

—O vinho representa o sangue, suponho - murmurou o Sr. Treville para mim —talvez sangue sacramental.

E acho que o Demônio seja uma das antigas divindades, de antes de Cristo. Você tem alguma idéia do simbolismo do Cavalo, doutor?

—Acho que não, senhor. E duvido que alguém aqui tenha. É um daqueles rituais bascos que são realizados simplesmente porque sempre foram e ninguém jamais questionou seu significado.

—Talvez o Cavalo represente a fertilidade - sugeriu o Sr. Treville. —Você vê como ele caça a Virgem que bate nele e tenta se esconder atrás do

Demônio?

Eu assenti sem prestar muita atenção, mais interessado em observar o prazer e a fascinação no rosto de Katya do que em construir uma estrutura simbólica para um ritual a que eu já assistira tantas vezes.

—O que eles estão dizendo? - perguntou o Sr. Treville.

—Quem, senhor?

—O Cavalo e o Demônio com seus gritos e zombarias.

Eu dei de ombros e talvez meu rosto tenha corado um pouco. Jamais me passou pela cabeça anotar isso, quando menino, mas as brincadeiras entre os dois atores eram obscenas, tinham relação com a competência sexual e o tamanho dos membros. Olhei sem jeito para Katya e pigarreei.

—Ah... talvez o senhor esteja certo. Talvez o Cavalo represente a fertilidade.

—Hum. E o que é aquele grande objeto com um nó na ponta que a Virgem tenta tomar do Herói?

Eu olhei para Paul, procurando ajuda, mas ele sorriu brandamente e disse:

—Sim, Jean-Marc, diga-nos. O que significa aquele objeto?

Katya baixou os olhos e esboçou um leve sorriso.

—Eu... ah... para dizer a verdade, eu nunca pensei nisso, senhor. Diga, o que representa, na sua opinião, a pessoa que dança sobre o copo?

O Sr. Treville deu de ombros:

—Tanto herói quanto palhaço... poderia facilmente representar a humanidade. E seria bem apropriado, se você pensar nisso com cuidado.

—Então - disse Paul —se eu lesse o profundo simbolismo de tudo isso corretamente, seria a história comovente da Humanidade dançando sobre

um copo de sangue, enquanto o Diabo conversa com a Fertilidade e a Virgem tenta roubar do Herói o... perdão, doutor, o que disse que era?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Com um agudo final de flauta e um rufar de tambor, a representação terminou e a multidão aplaudiu entusiasmadamente, cercado os atores para levá-los a um txikiteo. Usei o termo basco para explicar para onde os atores eram levados pela multidão e Katya me pediu para traduzir.

—Um txikiteo é uma volta pelos bares, tomando um copo de vinho em cada um.

—Quantos lugares como este você supõe que existam neste povoado?

—Vinte e cinco ou trinta, contando os buvettes temporários instalados na frente de cada loja.

—Meu Deus, Jean-Marc. E eles conseguem fazer isso em trinta bares?

Eu ri.

—Não é a realização que conta, é a devoção com a qual o esforço é feito. Os nativos têm poucos atributos, além de sua capacidade para dançar e trabalhar duro. Mas eles se tornam heróicos quando o problema é beber numa festa.

—Sempre ouvi falar deles como pessoas sóbrias, até mesmo severas, se a palavra não for ofensiva- disse o Sr. Treville.

—Na verdade eles são. Esses homens, na maioria, são fazendeiros e pastores que trabalham duro o ano inteiro, exceto no dia de festa e no

casamento de seus filhos.

Nestas ocasiões, eles se transformam: dançam e bebem. São pessoas que encaram seus vícios com a mesma seriedade que dispensam às virtudes.

A noite caiu depressa, como acontece nas montanhas; a multidão se aglomerava até se tornar impossível mover-se sem se espremer. Katya e eu perdemos os outros dois de vista e eu me vi obrigado a passar o braço em torno de sua cintura para evitar que fôssemos afastados um do outro.

Lanternas de papéis coloridos penduradas pela praça foram acesas por jovens que subiam nos ombros de outros para alcançá-las. Havia muito riso, quedas e perda de equilíbrio, enquanto eles competiam e se empurravam para ver quem conseguia ficar mais tempo em cima dos ombros dos outros. Uma ou duas brigas começaram, sendo logo apartadas, e não houve nenhuma bagarre basque, como aconteceria antes do fim da noite: haveria ao menos uma grande batalha, com os jovens usando seus cintos e fivelas como armas. Os resultados seriam cortes, vergões, narizes fraturados, dentes quebrados. Afinal, o que seria a festa sem a sua bagarre? Uma coisa desanimada e superficial!

—E haverá uma bagarre esta noite? - perguntou Katya.

—Provavelmente. Esta perspectiva a assusta?

—De modo algum - disse ela com os olhos brilhando. —É excitante.

Acordeão, flauta e tambor executaram uma cantiga tradicional, provocando a vibração do povo que se dirigia para o centro da praça. As pessoas se empurravam para o início da dança. Katya e eu nos vimos dentro do círculo e ela me puxou para a frente.

—Você quer dançar? - perguntei.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Quero, é claro.

—Você conhece esta dança?

Era uma forma simples de kax karot, que começa com pares, depois forma uma fila com todos os jovens. Os homens dão saltos segurando uma mulher de cada lado pela cintura. Pulam o mais alto que podem fazendo-as gritar com medo de perder o equilíbrio.

—Eu nunca vi isso antes - disse Katya - mas tenho certeza de que vou conseguir. - Ensaiou alguns passos e deu um salto discreto, no compasso certo. —É, eu consigo. Venha.

—Não, espere. Daqui a pouco nós dançamos.

Eu não quis explicar a ela que as primeiras moças a entrar na dança eram consideradas sem-vergonhas e, para evitar este rótulo, as jovens ficavam timidamente à espera até serem arrastadas pelos parceiros ou empurradas pelas amigas sorridentes, com o rosto vermelho, num misto de vergonha e satisfação.

Não seria nada apropriado uma mulher estrangeira, com vestido branco um tanto formal, ser uma das primeiras dançarinas.

Enquanto eu observava a multidão, meus olhos bateram nos cinco jovens parisienses que quase haviam provocado a capotagem da nossa carruagem com o automóvel. Estavam do lado oposto da roda. As meninas observavam com interesse os primeiros dançarinos, enquanto os rapazes demonstravam seu desdém por aquela diversão rústica, numa atitude lânguida e desligada.

Até a metade da primeira dança havia menos de 10 pares dentro da roda, a maioria de recém-casados ou noivos, o que livrava as moças da pecha de exibicionismo. Então, um fazendeiro de meia-idade, um tanto bêbado, puxou sua rechonchuda mulher para a roda e, ao som dos gritos e vaias dos amigos, começou a dançar a sua volta enquanto ela escondia o rosto com as mãos, encabulada. Logo a gorducha desistiu de exibir seu tímido embaraço e começou a dançar com vontade. O sinal foi recebido por todas as moças: elas poderiam dançar à vontade, sem qualquer mancha na reputação.

Na mesma hora a praça encheu-se de dançarinos, gritando e rindo, o que desfazia o círculo de assistentes, tornando-o mais largo com sua saída. Puxei Katya pelo braço e dançamos, anônimos, no meio da multidão.

A banda terminou a primeira música e imediatamente começou outra para reter os dançarinos antes que eles parassem.

Os pares se alinhavam em grupos de quatro ou seis e iam se aproximando até formarem duas grandes e irregulares filas opostas. Dois pulinhos para a frente, dois para trás e o salto - o mais alto possível - com os gritos agudos das mulheres e uma grande onda formada pelas saias descendo.

Fiquei surpreso ao ver como aquela dança há tanto tempo esquecida voltava a mim tão facilmente.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Talvez seja verdade que o impulso da dança - especialmente os vigorosos saltos bascos - seja um traço genético do homem basco.

O homem que também segurou Katya era um pastor forte, que conseguia pular até a altura da barriga, e a mulher que eu segurei era uma moça rude de traços fortes e surpreendente agilidade. Em pouco tempo a parte central

da nossa fila estava pulando visivelmente mais alto que as pontas e muito mais alto do que a fila oposta. Nós zombamos dela pela falta de força e de vontade. Rindo e acenando, os homens aceitaram nosso desafio e começaram a elevar suas preocupadas companheiras em saltos cada vez mais altos; os gritos alegres das mulheres tinham agora um tom de medo real de cair nas pedras da praça.

Participando da brincadeira, a banda começou a tocar cada vez mais rápido e o maestro ria e gritava incitando os grupos a dar o melhor de si. Os mais velhos e os menos resistentes desistiam, ofegando e balançando a cabeça, e logo cada uma das filas tinha apenas uma dúzia de pares, com Katya e eu, no centro da nossa.

Estávamos quase sem fôlego e nossas pernas tremiam, mas nenhuma equipe estava disposta a parar antes da outra. Com o ritmo cada vez mais acelerado, eu não me sentia mais com forças para continuar e estava disposto a desistir quando das duas equipes partiram gritos para a banda: Naikua!

Naikua! Naikua (já chega!). Como despedida, a banda tocou a última parte da música num ritmo alucinantemente rápido e a dança terminou com os dançarinos tropeçando, fora do ritmo, com passos desordenados.

Havia risos e gritos, os homens se cumprimentavam com tapinhas nas costas e o atlético camponês que dançou com Katya, deu-lhe um forte abraço elogiando sua força e resistência, à maneira relutante de um basco... - nada mal para uma forasteira!

Tentando respirar, com os pulmões doendo, andei com Katya através da roda de espectadores até um lugar mais calmo da praça, longe das luzes das lanternas de papel. Sentia minhas pernas tão fracas que tive de me apoiar numa fachada de pedra para recuperar as forças.

—Maravilhoso! - disse ela com o rosto abrasado de excitação e de alegria.

—Sim... - tentei tomar fôlego e engolir com a garganta seca —...
Maravilhoso. Mas devo avisá-la de que posso morrer de um momento para o outro, de ataque cardíaco.

—Oh, bobagem! - ela secou minha testa suada com seu lenço. —É verdade que os homens fazem todo o trabalho, mas é assim que deve ser.

Eu concordei, sem condições de falar. Quando meu pulso voltou ao normal, perguntei se ela gostaria de beber alguma coisa.

—Não, obrigada - respondeu secamente; mas logo percebendo minhas condições remendou: —

Sim. Seria bom, obrigada.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Naquele momento houve um rufar de tambores e um toque agudo da flauta. A multidão silenciou e todos, na praça e nos buvettes, ficaram imóveis, voltados para um beco estreito em frente à praça.

—O que é isso? - perguntou Katya num sussurro.

—A Virgem Submersa. Veja!

Um facho de fogos de artifício foi aceso na entrada do beco e sua luz ofuscante deu um colorido vermelho, brilhante, às paredes dos edifícios.

Então, o tambor rufou num compasso fúnebre, acompanhando uma fila de pessoas vestidas de luto que saía do beco e marchava vagarosamente através da praça, abrindo caminho entre a multidão que se afastava prudentemente. Na frente do cortejo vinham duas crianças vestidas de branco, o rosto coberto de pó branco, os olhos e as bocas pintados de preto, seguidas por um homem ricamente vestido (provavelmente o irmão da mulher acusada) arrastando pesadas correntes que batiam nas pedras. Logo atrás vinham dois rapazes maltrapilhos, carregando uma pesada pedra, com

um furo por onde passava uma corda grossa, como aquela usada para fazer afundar a Virgem quando ela foi jogada no rio.

Finalmente surgiu a Virgem, uma menina de 15 anos mais ou menos, escolhida por sua beleza entre as moças do distrito, conduzida nos ombros de seis rapazes - três de cada lado - andando cadenciadamente.

Ela ia firme nos ombros deles, a cabeça caída para trás, os cabelos indo até a cintura do líder dos rapazes. O vestido branco, todo molhado, colava-se ao corpo, revelando suas belas formas, por sob o tecido viam-se os bicos dos seios.

O cabelo fora encharcado de óleo e penteado de forma firme e dele respingava óleo sobre as pedras.

A fila dos enlutados passou bem perto de nós e, ao ver a Virgem Submersa, Katya apertou-me o braço, enterrando nele seus dedos. Senti que ela tremia.

Ao se aproximarem do beco oposto ao que haviam saído, outros fogos de artifício foram acesos e eles desapareceram dentro de um inferno semelhante àquele de onde haviam surgido.

Por um longo momento fez-se silêncio absoluto.

Os homens da multidão irromperam em gritos longos e agudos - o cribasque - que poderiam gelar o sangue de quem não estivesse acostumado.

Nesse instante a banda começou a tocar outro Kax karot e a dança, o riso e a bebida nos envolveram.

—O que significa isso? - perguntou Katya baixinho.

—Oh, nada. Absolutamente nada. Apenas um ritual antigo. Vamos beber alguma coisa?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Não, não vá! - Ela segurou meu braço com mais força e, num tom mais suave, disse: —

Vamos dançar. Eu quero dançar!

Eu estava certo de que ia desmontar no momento em que saímos do último salto frenético do kax karot e estávamos nos cumprimentando.

Notei que Katya reagiu ao efeito atordoante do ritual da Virgem Submersa com um entusiasmo mais vibrante do que antes. Havia em sua dança e em seu riso uma desesperada energia que me perturbava um pouco.

Novamente nos refugiamos em nosso pequeno abrigo nos edifícios, enquanto eu procurava recuperar meu fôlego:

—Tantos anos... de estudo, na cidade grande...- eu ofegava. —Eu não sirvo mais para isso. Eu tenho de... beber algo ou vou morrer aqui mesmo... despercebido, sem ninguém chorar por mim.

Ela riu.

—Pobre coisinha fraca. Ah... muito bem. Vamos. Não era comum a presença de mulheres nos bares, por isso sugeri que ela ficasse com o pai e o irmão enquanto eu enfrentava a multidão para tomar algo.

—Você sabe onde eles estão? - perguntou ela.

—Não, mas nós os acharemos.

Comecei a procurá-los olhando por sobre as cabeças que estavam próximas.

—Não; eu ficarei bem aqui.

—Sozinha?

—Que mal poderia me acontecer? E se você está preocupado com a minha reputação, eu tenho a impressão de que uma mulher que não é basca não tem uma reputação que mereça ser salva.

Ri e confessei que ela acertara em cheio no seu julgamento sobre a visão que os bascos têm dos forasteiros - aquelas pobres criaturas que não possuíam o toque divino.

Depois de uma breve hesitação, eu lhe dei um aperto de mão em despedida e, à força, atravessei a multidão até alcançar a porta de um dos cafés cujas mesas estavam todas ocupadas por velhos animados pela bebida e pela festa.

Enquanto tentava atingir o balcão, vi o Sr. Treville numa das mesas, rodeado por camponeses idosos. Na mesa, uma garrafa quase vazia de izarra - aquele licor delicioso e raro que tinha gosto de flores da montanha.

Era óbvio que o Sr. Treville estava pagando a bebida e que os velhos bascos retribuía a gentileza respondendo às suas perguntas sobre costumes e tradições, cada qual comandando as respostas com seu francês atrapalhado, até ser interrompido por outro com esclarecimentos compridos e irrelevantes.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Afinal, uma das características do temperamento basco é entulhar a cabeça do outro com informações minuciosamente detalhadas, ocultando a verdade por trás do circunstancial. Pensei em avisar o Sr. Treville dos efeitos

ilusórios da izarra, mas ele não me viu no meio da multidão, e nem tinha sentido eu tentar chamá-lo, já que minha voz se perderia no meio de todo aquele tumulto.

No momento em que a visão de sua mesa me foi bloqueada, eu o vi acenando para o assoberbado garçom levar-lhe outra garrafa de izarra, uma atitude aprovada pelos velhos com graves assentimentos. Esta era a atitude certa para um estrangeiro. Eu sabia que aqueles bascos logo atingiriam o grau de bebedeira que os fazia cantar suas músicas típicas com vozes agudas e forçadas.

Diverti-me ao pensar no Sr. Treville juntando-se a eles.

Consegui salvar um copo de vinho para mim e uma garrafa de limonada para Katya, mas fui cuspidor fora do balcão antes que pudesse pegar meu troco.

Com um braço estendido tive que arrumar espaço para poder beber o vinho antes que o copo fosse esvaziado por algum empurrão. Era daquele vinho bom, acre, cuja lembrança eu ainda mantinha viva, e que aliviou a secura de minha garganta.

Sem que me apercebesse, no turbilhão daquela gente, vi-me fora do bar sem meu troco, mas com o copo deles na mão - uma troca justa - e eu não tinha certeza se Katya ia preferir beber sua limonada na garrafa.

A dança estava a todo vapor sob as lanternas de papel colorido e crianças travessas transitavam no meio do povo, no caminho dos dançarinos, atormentando e perturbando os mais velhos, que riam e davam petelecos nas cabeças esquivas. Para evitar o emaranhado humano, circudei a praça pelas bordas, perto dos edifícios, onde um ou outro bêbado tentava se reanimar e casais de namorados encontravam o paraíso nos recantos mais escuros.

Num dos buvettes fui bloqueado por uma armação de tábuas equilibradas sobre dois barris, onde um homem jogava vinho aleatoriamente por sobre uma fila de copos até que estes estivessem quase cheios.

Joguei uma moeda, que foi agilmente apanhada pelo homem, e, em dois ou três goles, esvaziei um daqueles copos, recolocando-o vazio sobre as tábuas para ser novamente enchido sem sofrer a humilhação de ser levado em público.

—Katya? - ouvi o nome através da balbúrdia de conversas e música e descobri Paul perto de uma das entradas dos edifícios. —Onde está Katya? - perguntou ele novamente, proferindo as palavras com clareza no meio daquela multidão.

Eu apontei na direção em que a deixara e levantei a garrafa de limonada para mostrar o motivo pelo qual eu a deixara sozinha.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Paul fez um gesto para que eu o acompanhasse e embrenhei-me no meio do povaréu até chegar a ele, do lado da porta.

Só então percebi que ele estava acompanhado por uma moça vestida na última moda, completamente destoante das roupas coloridas e artesanais das moças bascas. Eu a reconheci como uma das passageiras do carro que encontramos na estrada. Paul pôs-lhe o braço na cintura e abraçou-a um tanto rudemente, enquanto fazia as apresentações :

—Dr. Montjean, gostaria de apresentar-lhe a Srta... certamente você tem um nome, meu bem.

—Claro que tenho um nome - riu ela.

—Não o diga. Conserve o atraente mistério. Doutor, eu gostaria de lhe apresentar a Srta.

Alguém, uma atraente pluma sem nada dentro da cabecinha.

A jovem não deu importância e aninhou-se contra o peito de Paul, confirmando com esse gesto a avaliação de sua capacidade intelectual e demonstrando ao mesmo tempo estar um pouco bêbada.

Tinha uma daquelas fisionomias vagas e lindas que não escondiam nada por não ter nada a esconder. Olhinhos redondos, nariz arrebitado, lábios provocantes, faces rosadas - um daqueles tipos decorativos que não se desgastam muito e que, felizmente, nunca precisaram fazê-lo.

É evidente que ela fora atraída pela boa aparência de Paul e sua conversa incosequente.

—É um prazer - disse eu, incerto.

—Encantada! - disse ela, com uma voz fina e sussurrada, com o sotaque do norte.

—A Srta. Ninguém está nos visitando e vem do maravilhoso mundo de Paris - explicou Paul. -

Ela e seus amigos tomaram emprestado o carro do pai de um deles para a jornada nessas terras, vindo do posto avançado de Biarritz.

Sua passagem por aqui foi poeirenta e monótona, salvo por uma pequena diversão que eles tiveram assustando os cavalos de uns moradores locais, no caminho para cá. Não é isso, Srta. Tanto Faz?

Ela riu, obviamente sem nos reconhecer.

—E aquele rapaz lá - Paul fez um gesto vago na direção de um jovem de porte atlético que nos olhava recostado na porta mais próxima - era o motorista do veículo em questão. Podemos supor que ele planejava ser o acompanhante ... ou algo mais... da Srta. Nada e nesse momento ele está se mordendo de ciúmes. Não é isso, coisinha desinteressante? - Ele a abraçou forte e ela olhou para mim como se perguntasse se algum dia na minha vida eu agira como aquele vadio ousado.

Escondi meu rosto para disfarçar um sorriso e perguntei:

—Vai haver confusão?

—Se eu tiver sorte, vai.

—Lembre-se do ombro. Ele riu.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Meu amigo, um lutador que usa as pernas só precisa do ombro para expressar seu desdém, quando tudo acaba.

—Posso ficar por perto?

—E estragar minha diversão? Estou começando a me divertir pela primeira vez em muitos anos. Não estou, Srta. Cabeça de Vento? - Ele beijou o rosto dela e quase pude ouvir o jovem parisiense trincando os dentes.

—Você acha que eu consigo dançar isso? - perguntou Paul.

Outro kax karot estava começando e as filas já estavam se formando na praça.

—Por que não? É tão simples - respondi

—Ótimo. Venha Cabeça-Oca, vamos dançar. - E Paul arrastou seu adorável pedaço de nada para o meio da multidão.

Enquanto eu continuava a andar na direção do lugar onde deixara Katya, o jovem parisiense me alcançou e me deu um tapa estalado no ombro.

—Senhor? - perguntei virando-me e segurando minha garrafa de limonada pelo gargalo, pois o homem era maior do que eu e bem maior do que Paul.

—Quem era aquele homem?

—Que homem? - perguntei olhando para a multidão. —Há muitos.

—Aquele que estava falando com você. Que diabos!

—Ah... ah... Ele... Não tenho a menor idéia. Ele estava perguntando se eu havia visto algum daqueles almofadinhas de Paris na festa e eu disse que duvidava que algum deles ousasse mostrar-se por aqui - dei um largo sorriso e o encarei divertido, embora sentisse que devia estar envergonhado por ter retornado tão depressa ao jeito provocativo dos bascos.

O jovem olhou-me um instante e sacudiu a cabeça, como se estivesse aquém de sua dignidade preocupar-se comigo, e foi-se embora.

Quando cheguei ao lugar onde havia deixado Katya, ela não estava lá.

Mas quase que imediatamente vi o balanço de seu vestido branco destacado no meio dos dançarinos e corri para vê-la executar os rápidos e complicados passos da porrusanda - uma versão vigorosa do fandango - com os braços levantados e as mãos graciosamente curvadas sobre a cabeça, enquanto os pés davam rápidos passos, pulando e batendo com força no chão.

Ela dançava a porrusanda como se tivesse nascido para tal, o rosto radiante, os olhos brilhando, o corpo adorando a oportunidade de fazer exercício.

Sorri com prazer ao ver, sem o menor traço de ciúme, o jovem basco que dançava com ela. Ele usava calças brancas e uma camisa, também branca, de jogador de jai alai, e a faixa vermelha na cintura indicava que sua equipe havia vencido a competição da tarde no vilarejo.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Suas roupas brancas e sua excepcional graça e força faziam com que parecessem uma dupla de dançarinos profissionais no meio dos outros: algumas pessoas murmuravam elogios quando eles batiam palmas no compasso da música.

A melodia terminou com um solo vibrante de flauta txitsu e o jogador de jai alai acompanhou Katya de volta ao lugar onde eu estava e a devolveu para mim com uma reverência um tanto extravagante e debochada.

—Você fica encantadora quando dança - disse eu. Obrigada. Eu adoro dançar. É para mim?

—O quê? Ah, sim... Tome. - Eu abri a limonada e enchi um copo para ela.

A banda começou a tocar uma música mais lenta para que os mais velhos pudessem dançar e as mulheres de mais idade fossem convidadas por parentes e amigos.

Depois das recusas de praxe, elas se deixavam levar e dançavam discretamente; pares de mulheres de meia-idade e algumas mais idosas; viúvas e solteironas que cuidavam das hortas nas fazendas de suas irmãs mais afortunadas, casadas; alguns senhores austeros com suas netas de 10 a 11 anos, procurando com os olhos seus conhecidos na multidão, para terem certeza de estar sendo vistos.

Uma pessoa familiarizada com o ritual das festas bascas saberia que aquela dança significava o final para as mulheres mais velhas e para as crianças, pois já eram quase 10 horas.

Afinal, haveria outra festa no ano seguinte, se Deus assim o permitisse, e não era preciso gastar toda a alegria e diversão de uma vez só. Os senhores responsáveis, chefes de família, beberiam sua última dose de txikiteo nos buvettes com os amigos.

Depois, pegariam suas carruagens para fazer a longa e lenta viagem de volta a suas fazendas distantes, chegando a tempo de olhar seus animais antes de dormir. Isso deixaria apenas os jovens e os muito velhos para se divertirem até a meia-noite. Os jovens, porque são cheios de energia e porque a juventude é uma condição passageira, enquanto a velhice é duradoura. E os velhos, porque já haviam cumprido seus anos de trabalho árduo e faziam jus a alguns anos de relaxamento, sabendo que todas as horas ferem, e a última mata.

Ofereci o braço a Katya e caminhamos através da multidão que se dissipava e fomos em direção da ponte e da parte mais baixa da vila.

Ela ficou feliz em saber que eu vira o Sr. Treville conversando com alguns velhos bascos, provavelmente adicionando lendas a seus estudos.

—E os homens o aceitaram mesmo sendo ele um estrangeiro?

—Oh, claro - respondi. —Ele é um bom ouvinte, coisa rara de se achar numa terra conhecida por seus incansáveis contadores de histórias.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ele também está comprando izarra para eles, o que certamente vai conquistá-los. Eles amam sua izarra quase tanto quanto odeiam despender um tostão...

—E Paul? Você o viu?

—Ah... sim.

—Ele está se divertindo?

—Ah... claro. Lá está ele.

—Onde? Não estou vendo. Ah, sim, lá está ele. Que menina bonita... aquela que está dançando com ele. Espere um momento. Ela não estava no automóvel que...

—Sim, estava.

—E aqueles dois rapazes fortes que estão olhando Paul fixamente, não foram eles que nos tiraram da estrada?

—Foram.

Sua expressão tomou-se preocupada.

—Eu espero que não haja nenhum problema. Paul é, às vezes, um pouco... provocativo.

—É mesmo? Eu não tinha percebido. Mas pensei que você estivesse ansiosa para ver uma bagarre basque.

—Mas não com meu irmão no meio. Espere. Ouça.

—Paramos na porta de um café-bar, dentro do qual um grupo de homens cantava, com o trinado estridente da música basca, suas melodias fantásticas. —Que música triste - disse ela depois de ouvir por algum tempo.

—Todas as músicas bascas são em tom menor.

—Você conhece a música?

—Conheço. É uma balada tradicional: Maritxu Nora Zoaz. Devo lhe avisar que ela é considerada muito grosseira.

—É? Qual é a letra?

Tive de pensar por um momento, por não ter muita prática em traduzir o basco. Quando falo basco, penso em basco e é difícil para mim encontrar as equivalências no francês - não para as palavras, que são simples, mas para suas múltiplas conotações.

—Bem, literalmente, a canção diz: "Maria, onde você vai?" E ela responde: "Vou à fonte, Bartholomeo. Onde jorra o vinho branco. Onde nós podemos beber o que quisermos."

—E é isso?

—É isso.

—Não me parece muito grosseira.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Talvez não. Mas qualquer basco saberia que a fonte não é uma fonte; que o vinho não é realmente vinho e que o ato de beber é... bem, não é o ato de beber.

—Você é um sujeito falso, seu basco - disse ela, fingindo zanga.

—Devemos nos comportar de maneira digna. - Havíamos chegado a uma extremidade do vilarejo e nos aproximávamos da ponte que levava ao prado onde as carruagens esperavam pelos foliões, alguns dos quais já retomavam da festa. —Vamos atravessar a ponte e andar pelo campo? -

perguntei.

—Contanto que a ponte seja ponte, o prado seja prado e andar seja andar.

A lua surgia redonda e amarelada sobre as montanhas, iluminando palidamente o campo como se fosse madrugada - um tom prateado no lugar do dourado da manhã.

Talvez inspirado pelos casais da praça, pus meu braço ao redor de sua cintura, fazendo, sem perceber, aquilo que eu não ousaria fazer premeditadamente. Diminuí o passo para que pudéssemos caminhar no mesmo ritmo e eu sentia o calor de nosso contato ocasional. Andamos vagarosamente ao redor dos cavalos que permaneciam meio sonolentos, no seu lugar - cavalos fortes, usados no trabalho do dia-a-dia, uma vez que seus donos, camponeses, não podiam ter um cavalo apenas para transporte. Katya cantarolou um trecho de Maritxu Nora Zoaz, ai parou no meio de uma frase e ficou pensativa.

Pela primeira vez naquele dia, salvo por aquele momento da passagem da Virgem, eu me permiti pensar no horrível incidente acontecido em Paris que levava os Treville para Salies e que agora os levaria para ainda mais longe.

Eu não podia aceitar a idéia de que o Sr. Treville fosse um louco capaz de matar. Aquele velho gentil que bebia com os camponeses bascos e ouvia suas histórias? Como poderia?

Senti o calor da cintura de Katya em minha mão e me lembrei de que depois de falar com ela num último esforço para persuadi-la a ficar comigo, deixando seu pai e seu irmão, eu prometera nunca mais tornar a vê-la.

—O que há de errado? Por que tão distante?

—Ah - dei de ombros —nada. Você está se divertindo, não está?

—Ah, sim. Eu nunca me diverti tanto desde... bem, acho que nunca me diverti tanto. Você tem sorte em ser basco. Deve se orgulhar disso.

Eu sorri:

—Não, não sinto orgulho. Jamais pensei nisso como uma vantagem. Na verdade era o oposto, eu tinha vergonha do meu sotaque e das brincadeiras que os outros faziam com ele. E também existe o lado negro do caráter dos bascos. Eles podem ser mesquinhos, ciumentos, supersticiosos, severos e, quando se sentem lesados, nunca perdoam. Nunca.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Mas eles têm tanto amor à vida.

—É. Isso eles têm. E amor à terra. E ao dinheiro.

—Ora, pare com isso. Você tem sorte de ser... algo. Nós todos somos farinha do mesmo saco.

Franceses educados e modernos... tudo igual... todos informados pelos mesmos livros... limitados pelos mesmos medos e preconceitos... idênticos e ainda acreditamos ser diferentes. Nós somos iguais. Mas você... mesmo que não se orgulhe disso... você vem de algo. Você é alguma coisa. Você faz parte de tradições e características que têm mil anos.

—Mil anos? Muito mais do que isso. Ela me olhou desconfiada.

—Você tem certeza de que não se orgulha disso? Eu ri.

—Você me pegou, por Deus! Sim, eu acho que há alguma coisa no que você falou, mas eu...

oh! oh! o que temos aqui?

—O que é isso?

Nós estávamos passando pelo automóvel, que estava estacionado sob uma árvore.

No assento estofado de couro havia quatro objetos de bronze brilhante: os faróis que tinham sido arrancados, quebrados e cuidadosamente alinhados.

Katya ficou em silêncio por um momento: então perguntou:

—Paul?

—Temo que sim. Talvez devamos voltar para a festa.

Quando chegamos à ponte, a lua já estava alta e menor, mais branca, mais fria, mas ainda iluminava o nosso caminho até a praça com suas lanternas de papel.

Estávamos chegando quando a banda repentinamente parou de tocar e um burburinho excitado vinha da multidão. Tomei Katya pelo braço e levei-a para juntos dos espectadores.

Os dançarinos haviam se afastado logo que a agitação começou e Paul estava de pé, no meio da praça, numa atitude petulantemente relaxada e um leve sorriso nos lábios.

Na sua frente estava um dos rapazes do automóvel, caído nas pedras balançando a cabeça e tentando se levantar. O outro rodeava Paul numa atitude felina, com uma garrafa de vinho na mão.

Paul virou-se devagar para olhar para ele, sorrindo debochadamente.

Houve uma movimentação entre os rapazes bascos perto de mim e eu ouvi o chiado dos cintos que foram tirados e rodopiavam no ar, enrolados na mão à maneira basca, correias de 20 centímetros ou mais e fivelas, balançando como o trigo ao vento.

Eu percebia mais excitação do que violência nessa atitude, pois sabia que eles estavam antecipando a bagarre obrigatória, sem a qual a festa seria considerada falsa.

—Ele é meu amigo - gritei em basco. —A luta é uma questão de honra!

Houve um murmúrio de reclamações; eu, então, disse:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—O que são esses forasteiros para nós? Deixemos que se entendam sozinhos. Deixemos que nos divirtam digladiando-se. - Eu atingira o ponto fraco dos bascos, que odeiam estrangeiros. Com sussurros de concordância, as mãos enroladas nos cintos foram baixadas.

Paul tinha ficado em frente ao homem com a garrafa e de costas para o outro que se levantava.

O rapaz da garrafa investiu contra Paul, que chutou suas costelas com a rapidez de um campeão.

Enquanto este gemia e punha a mão no local dolorido, Paul virou-se para o outro que tentava se erguer.

Nessas condições o rapaz poderia levar um chute no rosto, mas Paul não quis se beneficiar dessa vantagem. Ao invés de chutá-lo, pôs o pé no ombro do rapaz e o empurrou, fazendo-o rolar pelas pedras. Logo após virou-se e chutou a garrafa das mãos do primeiro agressor, sempre com os braços relaxados ao longo do corpo, numa atitude tão natural e tranqüila que parecia que suas mãos estavam nos bolsos.

Houve um gemido agudo vindo do nosso lado direito e eu me virei para ver a jovem parisiense que estivera com Paul esconder seu rosto no ombro de uma das amigas, fazendo com que todos percebessem que ela era a causa da briga.

Os dedos de Katya apertavam meu braço, mas eu lhe disse:

—Não se preocupe. Paul não precisa de ajuda. Ele é ótimo!

Movendo-se com passos rápidos como os de um esgrimista.

Paul chutava a cabeça do jovem da garrafa, primeiro com um pé, depois com o outro, atingindo os dois lados da cabeça, e o parisiense cambaleava mais confuso e aturdido do que propriamente ferido, sem conseguir sair do alcance de Paul

Era óbvio que Paul queria mais humilhar os adversários do que machucá-los, realmente.

Frustrado, aflito, seu tamanho e sua força anulados, o rapaz recuou e depois avançou contra Paul, rosnando. Paul se desviou elegantemente e deu-lhe uma sonora palmada nas nádegas, provocando risadas entre os espectadores.

É evidente que o primeiro chute dado no rapaz que já estava caído no chão, quando Katya e eu chegamos, fora bem forte, pois ele estava fora de combate. Levantou-se meio zozzo e saiu, passando pelo meio da assistência, sendo recebido com vaias e zombarias.

O outro agora avançava contra Paul, com cuidado, protegendo o rosto com as mãos como um pugilista.

—Você se lembra de mim? - perguntou Paul, recuando para manter a distância. —Eu sou aquele que você fez sair da estrada com o seu estúpido automóvel.

O parisiense avançou e golpeou com o punho, mas Paul desviou-se e, numa troca rápida, com o outro pé, atingiu o rapaz no rosto com violência suficiente para fazer seus dentes trincarem.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Agora eu estou dando a você uma lição de boas maneiras. E considero a aula terminada, se você concordar.

Mas o rapaz continuou as investidas, com raiva, frustrado, incapaz de atingir Paul.

—Eu não posso ficar brincando com você, para sempre, filho - disse Paul, dando-lhe um chute no estômago, fazendo-o gemer de dor. —Você é um animal e não iria adiantar nada me acertar, uma vez, por acaso. Vamos parar por aqui?

Eu notei que o jovem queria abandonar a luta inútil, não fosse pelas meninas, na frente das quais ele não podia se deixar humilhar. Só havia uma coisa humana para Paul fazer.

E o fez nos segundos que se seguiram. Com um grito desesperado o rapaz correu na direção de Paul, agitando os braços desordenadamente.

Ele agarrou uma das mangas de Paul e rasgou seu terno no ombro. Paul recuou e acertou outro chute no estômago, que fez o homem se dobrar em dois, e depois desferiu-lhe um chute no rosto com toda a força. O rapaz caiu nas pedras e ficou imóvel.

Enquanto Paul ia embora com uma indiferença estudada, mais preocupado com sua manga do paletó rasgada do que com qualquer outra coisa, ouviam-se murmúrios de aprovação vindos dos espectadores e incríveis criosques vindos de adolescentes postados nas varandas do segundo andar das lojas para melhor assistir ao espetáculo.

As três parisienses foram ao centro da praça desempenhar seu papel de enfermeiras junto ao namorado caído, que agora se sentava, tonto, nas pedras e cujo maior desejo no momento era desaparecer dali. Eu e Katya fomos encontrar Paul num dos buvettes.

—Posso oferecer-lhe um copo? - perguntei.

Paul virou-se para nós, seus olhos brilhando de excitação.

—Claro, Montjean. Esse trabalho de ensinar boas maneiras a jovens estúpidos dá muita sede.

—E você adorou! - reprovou Katya com severidade. —Os homens nunca amadurecem. - Mas na sua preocupação com o estado de Paul havia um pouco de orgulho.

—Olhe o meu terno! Não sei se minha contribuição para a educação daquele burguês valeu isto. Ah, obrigado, Montjean - ele aceitou o copo e o esvaziou de um só gole. —Isso é horrível.

Suponho que haja alguma vantagem no fato de usar o mesmo ingrediente para vinho e para molho de carneiro. De qualquer maneira, eu aceitaria outro copo, se você estiver disposto a pegar.

—Eu também posso tomar um? - perguntou Katya. —Ah, claro!

Não me ocorrera oferecer-lhe um copo do vinho local, mas achei que não seria má idéia depois de todo aquele suspense em torno da briga de Paul.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Como era para o herói da noite, o moço do bar recusou-se a receber pagamento pelos três copos, num gesto raro e significativo dos bascos, para quem a virtude da frugalidade precede o asseio em sua relação com a perfeição divina.

Sentamo-nos nas pedras da igreja depois que ajeitei meu casaco para que Katya se acomodasse melhor. Enquanto bebíamos vinho, observávamos um grupo de meninos aos chutes na praça, numa imitação do que acontecera há pouco.

O menino que imitava Paul fazia muitas piruetas e andava empertigado, ao mesmo tempo em que tinha a fisionomia desdenhosa de quem considera todo o mundo um lixo. Cada vez que o menino aplicava um chute, um mais próximo caía desajeitadamente para trás, em contorções cômicas.

—Eu estava assim? - perguntou Paul com ar divertido.

—O menino não faz justiça a você - brincou Katya - mas ele conseguiu captar a essência da sua atitude. - Aí ela ficou séria, de repente. —Você me assustou, Paul. E se aquele da garrafa tivesse acertado em você?

—É mesmo, estava com medo - respondeu Paul, para minha surpresa. — Eles eram dois e tinham uma aparência saudável; então, primeiro eu os atingi para valer, tentando imobilizar pelo menos um, de início. - Ele me olhou de relance. —Um homem apavorado e que está contra a parede pode ser perigoso, não mede o que faz.

Eu assenti e perguntei:

—Por que você brincou com o segundo durante tanto tempo?

—Meu amigo, eu não queria castigá-lo, e sim, humilhá-lo. Eu conheço aquele tipo segunda geração de comerciantes ascendentes, imitando o sotaque e o comportamento dos superiores (pessoas como eu), mas sem talento para tal. Paris está cheia deles. E humilhá-los era um esporte popular para homens da minha classe. O castigo eu já havia aplicado; consertei certos acessórios do carro do qual eles tanto se orgulham.

—Sim, nós vimos os seus concertos.

—Hum, hum. Bem, confesso não ter nenhum conhecimento técnico, mas deixei lá os pedaços para que possam conseguir alguém que conserte qualquer falha que eu porventura tenha cometido.

—Você é um demônio - disse Katya e novamente sua reprovação era fingida.

Ela pôs a mão no meu braço. —Você sabia que Jean-Marc falou aos bascos e evitou que sua exibição se transformasse no que nós chamamos uma bagarre basque?

—O que nós chamamos uma bagarre? - brincou Paul e se virou para mim.

—Era o que você estava gritando nessa imitação de idioma?

—Era.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Ah, sei. Quando vi aquelas fivelas se agitando, eu pensei que fosse comigo. Acho que foi uma sorte para mim que aqueles jovens fossem estrangeiros também.

—De fato, foi sorte!

Depois de ter aproveitado a pausa proporcionada por Paul para se refrescar nos bares, a banda voltou a tocar um kax karot rápido e, logo, 20 pares ou mais dançavam e pulavam na praça. A maioria das lanternas já se havia apagado, mas a lua iluminava tudo com sua luz pálida.

Paul levantou-se e ofereceu o braço a Katya.

—Quer se juntar a seu irmão nesta gritaria primitiva?

Ela se levantou e disse, numa reverência:

—Nós chamamos a isso de kax karot.

—Chamamos? O senhor nos dá licença, doutor?

Eles se juntaram à onda dos dançarinos onde as pernas fortes e treinadas de Paul davam-lhe vantagem em relação aos oponentes.

Enquanto eu os olhava, fui novamente surpreendido pela sua semelhança, não apenas física, mas em energia, articulação e movimentos uniformes.

Lembrei de procurar o Sr. Treville, que provavelmente já devia ter sido induzido por seus companheiros a beber mais do que o costumeiro. Encontrei-o no mesmo bar, já mais vazio.

Havia uma garrafa de izarra quase cheia na mesa, da qual ninguém se arredava. Você já viu algum basco sair de uma mesa onde a izarra é de graça? Tive esperanças de que aquela garrafa não tivesse sido precedida de muitas outras.

O rumo da conversa havia se invertido e, agora, era o Sr. Treville que falava e nenhum dos outros parecia acompanhar as histórias que ele contava. Isso não afetou a energia com que ele dissertava, até que me viu e me convidou a sentar em sua companhia, apresentando-me a todos.

Fiquei surpreso ao ver que ele lembrava do nome de todos e até os pronunciava quase perfeitamente.

Salvo por um certo brilho nos olhos, não parecia ter bebido muito nem correr o risco de ser logrado no número de izarras que havia comprado. Eu, então, me senti à vontade para voltar para Katya e Paul, mas não pude sair sem os tradicionais apertos de mãos.

Um dos senhores reconheceu meu nome e disse que conhecera muito bem um dos meus tios, assim eu deveria tomar um trago de izarra com ele (é claro que a garrafa já era propriedade de todos, um presente de Deus).

Vislumbrando a possibilidade de mais uma rodada de brindes, um outro disse que, certa vez, conhecera um primo de minha mãe enquanto tocava o rebanho nas campinas e, assim, insistia em beber comigo também.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Bebi o segundo copo e então perguntei, brincando, se alguém comprara um filhote de cadela que pertencia ao filho do primo da minha mãe e, por isso, gostaria de me oferecer um brinde. O mais velho entendeu minha pilhéria e seus olhos brilharam de cumplicidade:

—Sem qualquer ofensa a sua família, você deve encarar o fato de que os cães do filho de sua mãe não eram da melhor raça, logo, brindar a eles seria um desperdício de izarra.

Sorri e assenti, me divertindo com as sutilezas da mente basca. O que eu havia dito foi; "Não explore esse meu amigo generoso." E o que o velho respondeu foi: "Por que faríamos tal coisa?"

Como uma língua como essa pode ser traduzida?

Quando voltei à praça, Katya estava dançando um passo mais lento com o mesmo jovem que dançara com ela antes. Enquanto dançavam, o rapaz sorriu e me cumprimentou de um modo que dizia que ele sabia que a mulher era minha, e isso era ponto pacífico. Sorri e com um gesto convidei-o a beber comigo mais tarde. Ele agradeceu e continuaram a dançar. Talvez fosse efeito da izarra, mas há anos não me sentia tão próximo das minhas raízes bascas como naquele momento.

Senti vergonha por ter me esforçado tanto para perder o sotaque e ter negado minha origem para evitar as gozações na universidade. Na verdade,

eu jamais poderia imaginar que, depois da guerra, eu voltaria para ser um médico naquele povoado.

Empurrado pela assistência, eu vi Paul dançando com uma atraente jovem basca que me era vagamente familiar e logo percebi que ela era a moça que havia representado a Virgem Submersa há pouco.

Tive receio de que Paul, por causa da beldade local, se envolvesse em outra confusão de fivelas assoviantes e eu não estava disposto a assistir a tal coisa. Mas ele teve o bom senso de levá-la de volta ao grupo de amigos depois da dança e tratá-la com uma formalidade cômica, o que lhe valeu um convite para juntar-se a eles num brinde.

Na hora seguinte eu dancei várias vezes com Katya; uma vez com a avó de alguém; uma vez com a tia solteirona de outro. Katya dançou com um adolescente que fora empurrado para ela, corado e balbuciante de vergonha; com um senhor já inebriado pelo vinho, sorrindo e acenando para os amigos exibindo sua conquista; com um jogador de jai alai, com quem depois tomamos um drinque.

Paul não dançou mais porque foi levado num triunfante txikiteo pelos bares, por um grupo de rapazes que insistiam no fato de que ele devia ter sangue basco para poder lutar tão bem.

Depois do último kax karot, os músicos desceram do coreto e a festa acabou, salvo pelas omeletes matinais que os homens partilhavam na fazenda mais próxima.

Katya e eu encontramos Paul; juntos fomos buscar o Sr. Treuille no bar onde ele ficara o tempo todo.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Logo que entramos os velhos começaram a cantar Agur Jaunak - a música final de toda festa basca, suas vozes de falsete trêmulas pela emoção e pela idade. Eu me juntei a eles naquela melodia triste, surpreso e embaraçado ao sentir as lágrimas me virem aos olhos.

O Sr. Treville não resistiu à izarra tão bem assim, como descobrimos ao atravessar a praça na direção da ponte. Duas vezes ele cambaleou e reclamou das pedras nas quais era difícil manter o equilíbrio.

—O que os seus camaradas falaram sobre a exibição de Paul? - perguntou Katya, colocando afetuosamente o braço no ombro do pai, mas com o real objetivo de ampará-lo.

—Que exibição? - perguntou o Sr. Treville, confuso.

—Nada - disse Paul e fingiu tropeçar. —Malditas pedras.

Depois que atravessamos a ponte ouvimos um cri basque vindo da praça seguido de gritos e sons de briga.

—Ah, já começava a temer que a festa terminasse sem uma dessas - disse eu.

—Umas dessas, o quê? - perguntou o Sr. Treville.

—Sem a bagarre. É uma tradição secular.

—Tradição? - O Sr. Treville parou. —Vamos voltar e nos juntar a eles.

—Não, não vamos, papai - disse Paul. —Nós já tivemos costumes e tradições rurais demais por uma noite.

—É... talvez... talvez...- a voz do Sr. Treville estava pesada, com um cansaço repentino.

Mas ele se reanimou assim que começamos a viagem pela estrada poeirenta que brilhava ao luar.

Tomei as rédeas e ele sentou-se atrás com Paul, divertindo-nos com as curiosas e fascinantes histórias do folclore que ele ouvira até que, repentinamente, parou de falar no meio de uma delas.

Voltei-me e descobri que ele havia adormecido recostado ao ombro do filho. Paul sorriu e balançou a cabeça enquanto arrumava o casaco do pai para protegê-lo do frio da noite.

Durante as duas horas de viagem de volta a Etcheverria, ninguém falou; os únicos ruídos vinham dos cascos do cavalo pisando na terra e da carruagem que balançava pela estrada irregular como um bote numa corrente de luar acompanhado pela vegetação escura que margeava o rio. Katya não se recostou no meu ombro, apesar de eu ter-lhe oferecido. Ela parecia feliz em estar sozinha, isolada nos seus sonhos.

Por duas vezes cantarolou trechos de músicas que dançara e em ambas a música ia desaparecendo à medida que alguma lembrança tomava conta de seus pensamentos.

Depois que entrei na alameda que levava a Etcheverria, o Sr. Treville acordou num sobressalto e perguntou onde estávamos.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Estamos em casa, papai - disse Paul.

—Em casa? De verdade? Vamos para casa? - Havia uma estranha agitação na sua voz, antes que percebesse que "em casa" significava a casa no país basco. —Ah, sei... - disse ele num tom meio desanimado.

Eu os deixei na porta e fui ao estábulo tirar a sela do cavalo e prendê-lo.
Quando voltei, 15

minutos depois, o Sr. Treuille já tinha ido para o quarto e Paul e Katya estavam sentados no salão iluminado por um lampião e sem fogo na lareira.

—Papai lhe desejou uma boa noite e pediu que agradecesse por ter-nos levado à festa - disse Paul.

—Sim - completou Katya —há muitos anos que ele não se divertia tanto. Foi bom de sua parte, Jean-Marc.

—As palavras tinham um som vago de rotina social e ela parecia distante e preocupada.

Paul se levantou:

—Eu acho que vou me deitar - bocejou ele. —Espero que o vinho apague os efeitos benéficos de todo esse exercício vulgar. Não a faça ficar acordada até muito tarde. - Pôs a mão no ombro de Katya e completou: —Eu disse a ela que você sabe tudo sobre papai e o... problema. E lhe pedi que ouvisse tudo o que você tem a dizer antes de se decidir se quer ir ou ficar.

Os olhos de Katya estavam baixos e ela parecia preocupada e oprimida.

Paul estendeu a mão para mim:

—Suponho que não nos voltaremos a ver, Montjean. Gostaria de dizer que foi um prazer conhecê-lo, mas você me conhece: escravo da verdade.

Com um aceno ele subiu as escadas.

Foi à última vez que vi Paul com vida.

Virei-me para Katya, que continuava a desviar os olhos. Toda a vida e a alegria que ela exibira na festa pareciam ter-se escoado. Depois de um minuto de silêncio, comecei:

—Katya...

—Foi bondade sua nos proporcionar um dia como este, Jean-Marc - falou ela num atropelo, como se quisesse mudar meu objetivo com um turbilhão

de palavras.

—Papai se divertiu muito e só agora de madrugada estava com o coração apertado com a idéia de ter de transportar seus livros novamente, desorganizando o caos em que ele vive feliz. O

piquenique, a festa... foi um dia memorável. Espero que você não queira estragar tudo agora.

—Olhe para mim, Katya.

—Eu não posso... eu... - pude ver as lágrimas nos seus olhos que me evitavam.

Suspirei:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Vamos até o pavilhão?

—Se você quiser - ela se levantou, ainda evitando meus olhos e foi andando na frente.

Sentou-se na cadeira de vime e eu me apoiei ao arco da entrada. O luar penetrava na densa folhagem manchando o chão com placas de preto e prata e a brisa da noite assobiava nas árvores que nos cercavam.

Depois de um momento voltei a falar:

—Eu quero conversar sobre seu pai. Ela não respondeu.

—Estou certo de que você não quer sair daqui. Não quer me deixar.

Ela respondeu numa voz vazia:

—Querer não tem nada a ver com isso. Não tenho escolha.

—Não é verdade. Você tem uma escolha e tem de fazê-la. Talvez Paul não tenha mais escolha.

Sua ânsia de viver é pouca, de qualquer modo. Mas você, Katya... quando eu a vi dançar... o seu olhar ao voltar do rio com a braçada de flores silvestres... Katya, a alegria de viver está em cada fibra de seu ser.

—Eu não posso deixar meu pai. Paul e eu... somos responsáveis por ele. Jamais pagaremos nossa dívida para com ele.

—Isso não faz sentido. Todos os filhos acreditam ser eternamente devedores dos pais; mas não é verdade. Se há alguma dívida, é dos pais, que devem pagá-las aos filhos por trazê-lo para este mundo de dor, guerra e ódios, por causa de um momento de prazer.

—Nosso caso é diferente. Papai amava a nossa mãe de um modo terrivelmente..

—Louco?

Ela ignorou a pergunta e continuou:

—Ele era inteiramente dedicado a ela. Ela era sua vida, sua felicidade. Era uma mulher linda e delicada. Delicada demais, na verdade. Seu corpo era pequeno e frágil. E nós éramos gêmeos. Nosso nascimento foi penoso: ou a mãe ou os bebês, e ele teve de perder o que mais amava, o seu mundo, para que Paul e eu vivêssemos. Como podemos abandoná-lo agora?

Eu não queria expor Katya a uma verdade dolorosa, mas tudo estava em jogo naquele momento. —Katya eu sei sobre o rapaz, em Paris.

—Sim, Paul me disse que foi forçado a lhe falar sobre isso.

—"Forçado" não é bem o termo, mas que seja. O fato é que eu sei o que aconteceu em Paris melhor do que você mesma. Não é nada agradável de

ouvir, mas você deve saber da verdade, se quer tomar uma decisão sensata. Paul fez com que você acreditasse que seu pai matou o jovem por...

—Você quer me dizer que o acidente não foi um acidente, não é isso? - perguntou ela calmamente.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Você sabe?

Cabeça baixa, os olhos escondidos pelas mãos, ela continuou :

—Eu sabia desde o começo. Estava do lado de fora do escritório de papai quando Paul falou com ele, na manhã seguinte. Não é muito bonito ouvir atrás da porta, mas eu queria saber o que fazer, como proteger papai... não do castigo apenas mas da consciência do que fizera.

Quando ouvi Paul dizer que eu atirara no rapaz, fiquei confusa e assustada. Ele estava mentindo, é claro. Sei muito bem quando Paul está mentindo, porque ele põe uma tal sinceridade na voz que já é uma prova.

Na verdade, ele só parece sincero quando mente. Aí é que eu percebi o que ele estava fazendo; ele encontrara um modo de fazer papai confessar o que fizera sem ter de enfrentar a terrível realidade de sua loucura.

Mais tarde, naquela manhã, Paul veio conversar comigo. Pensei que iria me contar o truque, mas, ao invés disso, ele me disse que papai atirara em Marcel por acidente, confundindo-o com um intruso.

Novamente Paul usou aquele tom sincero que denunciava a mentira. Mais uma vez entendi o que ele queria; ele tentava evitar que eu descobrisse que papai estava louco.

Pressionei os dedos contra a testa tentando entender aquela trama de mentiras e meias verdades.

—E esse tempo todo Paul acredita que você aceitou a versão do tiro acidental?

—Sim - pela primeira vez ela me olhou nos olhos, com um sorriso triste nos lábios. —Como você vê, fingindo acreditar na história de Paul eu também estou mentindo de uma certa forma.

Nós três mentimos, cada um tentando proteger o outro da verdade.

—E você conhece essa verdade?

—Conheço.

—Você tem certeza de que conhece toda a verdade? Você sabe por que seu pai atirou no rapaz... nesse Marcel?

—Acho que sim. Pensei muito nisso e acho que entendo. Ele sofreu um grande choque com a morte de mamãe. Foram anos de reclusão, escondendo sua dor sob um rígido esquema de estudo, tentando sufocar a dor com o trabalho.

O tempo todo, o sofrimento o corroía por dentro.

E uma noite, talvez ele estivesse pensando nela no seu escritório quando saiu para tomar um pouco de ar e viu sua... mulher nos braços de outro homem... Eu pareço demais com mamãe, você sabe. Sim, Jean-Marc eu acho que sei como aconteceu.

—Então você sabe que os sentimentos dele em relação a você são mórbidos. Sabe, não sabe?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Não são sentimentos por mim. São pela mulher dele.

—São mórbidos de qualquer modo. E não há nada que impeça que tenha outra recaída e mate outro jovem cujo único crime seja amar ou abraçar você.

—Exatamente! E é por isso que precisamos sair daqui, Jean-Marc. Você não vê?

—Mas você não deve ir! Eu não quero perdê-la. Eu a amo. Por Deus - parei de repente, percebendo que falava com muita veemência; depois repeti mais suavemente: —Eu a amo, Katya.

Seus olhos me fitaram com preocupação; ela, então, olhou para o jardim iluminado pelo luar como se tentasse resolver algum quebra-cabeça interno. Quando falou, depois de uma pausa, foi com a voz distante:

—Eu tenho 26 anos, Jean-Marc. 26 anos. Minha mãe morreu com apenas 20.

É uma sensação estranha ser mais velha do que a mãe. Eu sou seis anos mais velha do que...

sua voz foi diminuindo até que voltou ao seu mundo de sonho.

—Katya! Há algo que eu preciso perguntar. Acho que já sei a resposta porque quem ama é sensível ao objeto do seu amor e pode ler todos os seus sinais e pistas. Mas você nunca me disse com palavras. Katya, você me ama?

Ficou um momento em silêncio e depois respondeu:

—Você sabe que eu gosto de você.

—Não estou falando de gostar, de amizade. Você me ama?

Ela sorriu com tristeza:

—Meu basco impetuoso e apaixonado.

—Você me ama? - insisti, meu pulso acelerava à medida que uma dúvida inesperada crescia em mim como uma sombra.

Ela tocou meu rosto com os dedos. Seus olhos suaves mergulhavam nos meus, com uma expressão que eu temia ser de pena. Ela baixou os olhos e recolheu a mão:

—Não, Jean-Marc - disse suavemente —eu não o amo.

O chão pareceu desaparecer sob meus pés.

Por um segundo fiquei paralisado e comecei a sentir uma terrível vontade de chorar. Tive de engolir para esconder o nó na minha garganta.

Ela falou quase num sussurro:

—Eu não vou dizer o quanto eu gosto de você, Jean-Marc, porque sei que isso só aumentaria a sua dor. Lamento não o amar. Não posso explicar por que, mas não amo. Sonhei amar você. Quero isso. Sinto que devo. Mas...

Eu me virei para que ela não visse o meu rosto. Minha voz estava quase sumida quando perguntei:



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—E o rapaz em Paris... o seu Marcel... você o amou?

Novamente ela ficou em silêncio por algum tempo e depois respondeu:

—Eu era jovem e suficientemente romântica para gostar de me sentir apaixonada, mas não...

não, eu percebi que jamais poderia amar. Não são todos os que conseguem, você sabe, Você vê, mesmo se não fosse por papai... eu não poderia ficar com você. Não poderia. Você está chorando?

Por favor, não chore,

—Não estou chorando - desviei mais meu rosto e lutei para não fazer barulho enquanto as lágrimas subiam-me pela garganta e rolavam pelo meu rosto. —Por favor, não olhe para mim. Só preciso de um tempo, logo vou estar bem. Perdoe-me.

Ela foi sensível o bastante para não vir até mim, não me consolar, enquanto eu controlava a dor e o vazio que sentia.

Depois de alguns minutos pude respirar normalmente e parei de chorar:

—Desculpe! - pedi, secando os olhos com os dedos. —Esses últimos dias têm sido difíceis para mim. Desculpe.

—Você não tem do que se desculpar.

—Tenho - passei as mãos nos olhos e me virei para ela sorrindo desanimado, —Aqui estamos nós. Uma explosão infantil já controlada. Meu Deus, você não pode estar se sentindo bem, senhorita.

Você parece pálida.

No curso de Medicina somos treinados a reconhecer esse estado como um sintoma sério, mas não fatal de... sei lá de quê! —A alegria forçada deve ter parecido tão falsa e fingida como realmente era.

Ao se dirigir a mim, Katya tinha um tom meigo daqueles que usamos com as crianças que caem e ralam os joelhos:

—Você merece a felicidade, Jean-Marc, e eu sei que a encontrará um dia. Você é tão sensível...

tão delicado... E é muito corajoso.

—Corajoso? Bem... sim, é um truque que nós os bascos temos, senhorita. Nós escondemos nossa coragem atrás das lágrimas. Isso faz com que nossos inimigos nos julguem fracos.

—Querido, querido Jean-Marc.

Sentei de costas para ela nos degraus do pavilhão, olhando para os troncos escuros tocados pelo luar ao nosso redor. Ela havia acabado de dizer que não me amava e eu acreditei - meu cérebro acreditou. Mas na minha alma e no meu coração eu não podia aceitar e nem compreender.

Nunca pensei no amor como algo que uma pessoa sente pela outra. Eu considerava o amor como um estado, uma relação que se estabelecia entre duas pessoas, uma proteção sob a qual ambos poderiam encontrar conforto e tranquilidade.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Então, como eu poderia sentir um amor tão intenso enquanto ela...

E nem podia me consolar achando que um dia ela viesse a me amar. Jovem e romântico como era, eu não via o amor como algo que pudesse ser cultivado; um contrato cujas cláusulas poderiam ser discutidas uma a tuna. Ou o amor nos absorve completamente ou não é amor. É alguma coisa mais

razoável e calma, talvez, algo muito bom, mas no qual eu não estava interessado.

Depois de um certo tempo, suspirei e falei calma e inexpressivamente:

—Está certo. Eu aceito que você não me ame, Katya, mas eu a amo. Não pretendo sufocá-la com esse amor, mas não posso negá-lo. Ele existe. E por amar você, não posso deixar que desperdice sua vida fugindo sempre de medos e sombras.

—É inútil tentar me persuadir. Eu amo meu pai... assim como você me ama.

—Você o ama? Pode ser. Mas não o respeita.

—Você acredita que seu pai, sabendo que você está sacrificando sua juventude e seu futuro para protegê-lo, permitiria isso? Você e Paul estão tomando decisões por ele. Decisões que ele jamais tomaria. Vocês o estão tratando como se fosse uma criança irresponsável.

—Jean-Marc, meu pai é... - ela teve de se esforçar para completar a frase - ... louco.

—Sim, louco, mas não irracional. Ele é capaz de amar, sentir e tomar decisões sozinho.

Sua voz se tornou áspera:

—Você não está pensando em lhe contar a verdade, está?

—Pensei nisso por um momento. Pensei em várias maneiras de salvá-la, mas não, não pretendo dizer nada. Não é meu papel. É seu, Katya. Ou de Paul.

—Eu não poderia. E se você o fizesse eu o odiaria para sempre.

Sorri amargamente.

—Tive esperanças de ouvi-la confessar-me o seu amor esta noite. Ao invés, descobri que você seria capaz de odiar-me para sempre. Não estou indo

muito bem, não é?

Ela desceu os degraus e se sentou a meu lado, pondo a mão no meu ombro e encostando a cabeça na minha:

—Lamento, Jean-Marc.

Eu balancei a cabeça compreensivo e segurei-lhe a mão.

Apesar de agradável, o seu toque e o seu calor fizeram ruir todas as barreiras contra as lágrimas, que recomeçavam a se avolumar em meus olhos. Mordi o lábio e me levantei saindo dali para evitar que ela me visse chorando.

Mas ela se aproximou e tomou-me em seus braços acariciando-me como se eu fosse uma criança machucada.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Agarrei-me desesperadamente a ela, meu rosto encostado em sua cabeça de modo que ela não pudesse vê-lo. Seus cabelos suaves ficaram úmidos com minhas lágrimas.

Rocei seus cabelos com os lábios, depois o ouvido, o pescoço e nossas bocas se encontraram.

Senti seu corpo contra o meu. Sua pélvis contra mim, tão junto que lhe sentia os ossos; eu a abracei mais forte ainda, como se quisesse rasgar a camada de pele que separava nossas carnes. Ela se enrolou em mim e gemeu, apertando os dedos em minhas costas; se retesou e me segurou com tanta força que eu a sentia tremer...

Seu corpo relaxou em meus braços, nosso beijo transformou-se num leve toque de lábios, nossas bocas se separaram e eu pude ver seus olhos úmidos e suaves. Logo em seguida vislumbrei medo e confusão neles e ela me empurrou afastando-se. Os lugares onde nos tocamos estavam frios, agora. Nervosamente ela passou as mãos nos cabelos com um olhar ansioso.

—Oh, Jean-Marc - disse sem fôlego. —Lamento. Foi horrível de minha parte. Isso jamais aconteceu comigo antes... este sentimento. Eu não conhecia! Mas, nada mudou. Isto não significa que eu ame você. E é por isso que foi horrível de minha parte fazer isso... sentir isso. Por favor, me perdoe.

—Katya. - Tentei me aproximar.

—Não - ela recuou, os olhos arregalados de medo. Repetiu, então, com mais calma: —Não, Jean-Marc. Não. Agora eu... eu tenho de voltar para casa.

—Por favor, não me deixe.

—Eu preciso!

—Katya, você sabe que eu prometi a Paul que não tentaria vê-la de novo depois desta noite?

Ela baixou a cabeça e assentiu:

—Sim, e acho que assim será melhor - sua respiração ainda estava fraca, — Sim. É melhor.

Agora, preciso ir.

Eu tentei dizer algo para fazê-la ficar. Queria tê-la novamente nos meus braços para sentir seu calor. Mas para quê? Para quê?

Respirei fundo.

—Bem... adeus, Katya. Ela não olhou para mim.

—Adeus, Jean-Marc - respondeu suavemente e virou-se caminhando pelos jardins de Etcheverria.

Meu olhar a seguiu enquanto ela se afastava, com gotas de luar reluzindo no seu vestido branco, até sumir no meio das folhagens.

Não sei quanto tempo fiquei sentado na cadeira de vime. Dez minutos? Uma hora? Impossível saber. Com os joelhos bem juntos, o olhar perdido no chão, senti-me imensamente só e tive a



PDL – Projeto Democratização da Leitura

sensação de que aquela solidão seria definitiva. Não havia amargura nessa constatação, apenas uma resignação serena.

Mesmo agora, quando descrevo esta cena tantos anos depois, a figura daquele jovem perdido que vejo lá sentado ainda me comove. Já não sinto mais a dor. Mas ainda me lembro da que ele sentiu nitidamente.

A lógica me diz que meu relato não pode ter acontecido da maneira como eu me lembro.

É impossível recriar os fatos e as sensações com objetividade. Tudo que eu sei resume-se aos limites da memória, que é apenas um registro distorcido das experiências traumáticas.

Eu fiquei sentado lá - por quanto tempo, não sei, pois minha tristeza transcendia qualquer concepção de tempo - até que meus olhos fixaram com clareza os detalhes do chão e eu me vi tremendo com o frio da madrugada.

Soltei um suspiro tão profundo que fez doer o pulmão. Era melhor voltar para Salies. Por que não? O que eu ganharia ficando ali? Levantei-me como

um autômato e desci as escadas.

Senti um baque, como se tivesse ido de encontro a um muro, acompanhado de uma pontada do lado direito. Acho que me lembro de ter visto um clarão avermelhado vindo por trás.

Não me lembro de ouvir qualquer som ou estampido, mas sabia - como sabemos as coisas num pesadelo - que tinha sido baleado.

O jardim inclinou-se para um lado e eu me agarrei ao aro da porta do pavilhão. Devo ter encostado a boca no aro porque me lembro dos pedacinhos de tinta colados nos lábios. Uma sensação de frio intenso tomou-me a barriga e foi descendo pelas pernas. Um formigamento foi se espalhando pelo corpo. O chão foi chegando cada vez mais perto à medida que eu caía, mas eu não parava ali, continuava caindo. Caindo cada vez mais... e mais, e mais, mergulhando na escuridão profunda. Hoje ainda sinto uma certa repugnância ao escrever isto, e os dedos que apertam a caneta começam a se afrouxar. Caía mais e mais. E no fundo do abismo escuro surgiam pontos de luz que corriam em direção à superfície. E nos meus ouvidos ressoava um som contínuo como uma nota grave emitida por um órgão. Compreendi, numa calma assustadora, que eu estava morrendo. Estou morrendo. Eu estava ligeiramente surpreso com o fato, mas continuava calmo. Está morrendo. Não lute. Deixe as coisas acontecerem.

Não! O animal que vivia em mim protestou. Reaja! Reaja!

Precipitei-me na direção do outro ponto de luz e sabia - com certeza inexplicável - que aquele seria o último foco. Abaixo só havia a escuridão, O brilho ia aumentando à medida que eu me aproximava.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

A imagem oscilou e foi ficando nítida. O luar. Um tufo de capim a minha frente. Uma bota. O

bico de uma bota de homem. Estiquei a mão e segurei-a numa tentativa de deter aquela queda interminável. Mas alguém puxou a bota.

Reunindo todas as minhas forças, ergui os olhos e vi, bem lá no alto, como aqueles reflexos ondulantes na água, o rosto do Sr. Treville.

—Por favor... ajude-me... - murmurei com a língua enrolada.

Vi o terror estampar-se no seu rosto e ele se afastou de mim.

Ouvi sua voz, abafada e distante.

—Meu Deus! Meu Deus!

A escuridão tomara novamente conta de mim. Eu sentia aquela sombra gelada espalhando-se pelo meu corpo.

—Por favor.

E eu caí novamente no vácuo. Uma escuridão sem fim... sem som... sem luz... eu fui caindo...

flutuando...flutuando... em direção a alguma coisa branca... com riscos... barras... quadrados... uma janela. Uma janela que se prolongava numa parede, toda branca.

As paredes brancas da clínica de Salies? O quê? A clínica?

—Bem, bem. Tal qual Lázaro, ele volta, não do mundo dos mortos exatamente, mas do mundo dos moribundos. Vamos, beba isto. - O Dr. Gros levantou-me a cabeça e chegou um copo aos meus lábios. —Traseiros para cima, como dizem as dançarinas de canção. - O último gole custou a descer e me fez tossir; com o esforço, a dor do lado direito voltou. —Remedinho intragável, eu sei.

Mas meus pacientes não acreditariam na eficácia de um remédio que fosse gostoso. Acho que isso não deixa de estar relacionado com o princípio cristão de que o prazer corrompe e a dor redime.

Não, não tente falar. Você perdeu muito sangue e saiu de um estado de choque geral. Mas nenhum órgão vital foi atingido. Você vai chegar aos 100 anos... não que a classe médica tenha motivos para se alegrar com isso.

—O que... o que aconteceu a.. onde?.onde? - não conseguia pensar com clareza.

—Você devia se aprimorar mais na arte da conversação, Montjean. Gaguejar é bom para padres e políticos. Mas eu preferiria que você não falasse por enquanto. Vou lhe dar algumas explicações para você ficar mais tranqüilo.

O jovem Treville o trouxe em sua carriola. Falou algo relacionado com um acidente enquanto ele lhe mostrava suas pistolas. Levando em conta o que já sabemos sobre a história dessa família, presumi que era mentira. Naturalmente, pensei em chamar a polícia, mas diante de suas relações com eles, achei melhor esperar que recuperasse a consciência. E você demorou um bocado. Já



PDL – Projeto Democratização da Leitura

amanheceu. Fiquei a sua cabeceira a noite toda. Você vai ter uma recaída quando eu lhe apresentar a conta. Bem? É um caso para a polícia?

Balancei a cabeça com esforço.

—Hum, hum... Não sei até que ponto isto é uma atitude sensata. Mas reconheço que é um problema seu. Estive pensando durante a noite... nada

mais com o que me preocupar, você compreende. Foi o pai quem atirou em você?

—Não... não pude ver.

—Bem, é a dedução lógica. Afinal, ele ficou famoso por esse costume.

Ressenti-me com aquele tom brincalhão, mas estava fraco demais para retrucar.

—Pode ter sido o irmão quem atirou. Se ele está à altura da fama que possui, você já estaria livre das misérias desta vida... atendendo às necessidades médicas do Anfitrião Eterno, sejam lá quais forem essas necessidades. Provavelmente, paliativos para o tédio. Ou revigorantes depois do choque de encontrar os amigos e parentes que nunca mais esperamos rever.

Virei à cabeça na direção da janela.

—Já amanheceu?

—Já. Você esteve inconsciente a noite toda. Fiquei na janela esperando o dia nascer... algo que eu não fazia há anos e que espero não tornar a fazer no futuro. Está prometendo ser outro dia maravilhoso, independente do bem que isso possa fazer a você.

—Por favor... por favor ajude-me, porque eu preciso me levantar.

—Não seja tolo! Sabe, acabei de pensar numa coisa. Fico imaginando a habilidade que seria necessária ao jovem Treville, levando-se em conta que ele teria de atirar com a mão esquerda.

Algo a se pensar, hein?

—Dr. Gros? Eu lenho de ir a Etcheverria. Katya..

—Ouça-me, filho. Seu ferimento é recente. A bala não afetou nenhum órgão. Você teve mais sorte do que merecia. Beneficiou-se da proteção de

Deus para com os tolos, os bêbados e os apaixonados. Mas perdeu um bocado de sangue.

—Eu tenho de ir.

—Não seja estúpido, Montjean. Você acabou de beber láudano. Em poucos minutos vai ficar inconsciente e longe dos problemas. Não tem sentido discutirmos esse assunto.

Já começava a sentir um entorpecimento tomando conta de mim. Embora tivesse consciência da inutilidade dos meus esforços, continuei lutando contra aquele torpor. Katya precisava de mim.

Quando o remédio fez efeito, caí num sono agitado, misto de resistência e terror.

Quando voltei a mim, estava só no quarto, encharcado de suor, tão fraco que me foi necessário um grande esforço para erguer a cabeça e olhar para a janela. Pela luminosidade, concluí que



PDL – Projeto Democratização da Leitura

devíamos estar lá pelo meio da tarde. Com esforço, sentei-me e cuidadosamente pus as pernas para fora da cama. Tive uma vertigem que me deixou com dor de cabeça. Puxei o pijama e retirei a atadura para examinar o ferimento.

A ferida era recente e duas linhas pretas sobressaíam naquele vergão avermelhado que o Dr.

Gros costurara. Mas o ferimento era superficial e não estava sangrando. Recoloquei a atadura; tentei ficar de pé. Senti alguma tontura e um pouco

de dor, mas consegui me manter de pé.

Minhas roupas estavam penduradas na parede oposta; eu me vesti com cuidado, amparando-me na parede sempre que sentia tonturas.

As roupas estavam todas manchadas e o lado direito da camisa empastado de sangue mas não me aventurei a ir até a pensão para me trocar, pois o Dr. Gros poderia dar pela minha falta e armar uma confusão. Escapuli pela porta dos fundos e fui direto à estrebaria onde encontrei o cavaliariço cochilando sobre um monte de feno. Ele atrelou a égua à carruagem e eu logo deixei Salies para trás a caminho de Etcheverria.

No começo, o balanço da carruagem foi penoso, mas, aos poucos, o mal-estar foi diminuindo, com o vento frio e os suaves raios de sol que refrescavam minha pele e me davam novas forças.

Não me atrevia a pensar no que encontraria em Etcheverria. Na verdade, não tinha uma idéia definida do que ia fazer lá, mas sentia que Katya precisava de mim e nada deteria minha ida.

O vento era bloqueado pela fieira de árvores que margeavam o caminho. O ruído dos cascos da égua pareceu-me estranhamente alto quando transpus o muro em ruínas, penetrando no jardim abandonado. Desci da carruagem e aguardei um momento no pátio de cascalhos. A porta da frente estava escancarada e o único som audível era o uivo do vento roçando na copa das árvores.

Havia um certo clima de abandono no lugar, algo meio indefinido mas positivamente real.

Uma sensação de medo me deu um frio na espinha e percebi instintivamente que era tarde demais.

Tarde demais para... eu não sabia para quê.

Transpus o hall central e chamei por Katya. Nenhuma resposta. Olhei no saguão. Ninguém. A sala de jantar estava vazia. Atravessei o corredor que levava ao escritório do Sr. Treville e ali chegando, bati à porta. Não houve

resposta. Empurrei-a e entrei. A escrivaninha estava abarrotada de livros e papéis numa desordem que me era familiar; o chão coberto de caixas e pilhas de livros, como se o Sr. Treville tivesse saído e a qualquer hora fosse voltar para continuar a arrumação dos livros para a mudança. No pé da escada, chamei em voz alta:

—Katya! - Nenhuma resposta. —Katya! - Silêncio. Subi rapidamente as escadas e parei no patamar onde eu nunca pisara antes. A escada estava iluminada com a luz difusa que entrava pela porta aberta, mas o patamar estava mergulhado na escuridão e todas as portas que ali desembocavam



PDL – Projeto Democratização da Leitura

encontravam-se fechadas. Eu não sabia onde ficava o quarto dela. Bati na porta mais próxima e, ao ver que não obtinha resposta, empurrei-a e entrei.

As venezianas estavam semicerradas e a única luz do aposento vinha através das cortinas que balançavam suavemente, formando um reflexo tão claro que chegava a cegar no meio da escuridão.

Mal pude distinguir a figura esticada na cama... um homem... totalmente vestido.

—Paul? - chamei baixinho. —Sr. Treville? - A figura não se moveu. Aproximei-me silenciosamente da cama.

Era o Sr. Treville deitado sobre as cobertas; percebi que não tinha descalçado as botas.

—Sr. Treville? Senhor? - O vento afastou a cortina e por alguns instantes a luz iluminou aquele rosto antes que ele voltasse à escuridão.

Desviei os olhos com o choque. Na t mpora direita havia um buraco escuro e o lado superior esquerdo do rosto estava terrivelmente dilacerado. Fui dominado por uma sensa o de náusea e senti as pernas bambas. Agarrei-me   arma o da cama até que a fraqueza passasse.

Então sa  cambaleando e fiquei parado no corredor, completamente aturdido. Naquele estado de choque, agarrei-me a um pensamento: tenho de achar Katya. As duas outras portas que restavam estavam fechadas.

Não sem um certo esforço, aproximei-me da porta mais próxima e pus a mão na maçaneta. Foi preciso uma grande força de vontade para girá-la, já que eu não sabia o que iria encontrar.

—Esse é o quarto de Katya, Montjean.

Prendi a respira o e virei-me. No último degrau, recortada contra a claridade que iluminava a escadaria, distingui a silhueta de Paul, imersa nas sombras.

—Você não deve incomodá-la - a voz estava estranha...  spera... forçada...

—Ela passou por uma experiência horrível. Deixe-a descansar.

Examinei-o na escuridão. Sua figura estava estranhamente desmazelada: as roupas largas, o cabelo mal cortado e mal penteado e a pistola que tinha na mão direita balançava frouxamente.

Mas o rosto, quase que irreconhecível na escuridão... O olhar sensível, suave...

Um arrepio de horror me fez gelar o sangue.

—Katya? - sussurrei.

—Já lhe disse que ela está descansando. Não quero que seja perturbada - ele comprimia a garganta para que a voz saísse mais grave. O resultado era um som horrível que me causava arrepios.

Eu tinha de pensar em alguma coisa! Tinha de me controlar. Fique calmo e pense.

—Posso... posso dar uma olhada nela... Paul? Só por um instante.

Ele me olhou demoradamente,



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Muito bem. Mas não a acorde. Ela precisa de descanso. Está cansada... muito cansada... -

Havia em sua voz uma nota de compaixão que contrastava lugubrememente com o chiado que acompanhava aquelas palavras.

Com o coração batendo em disparada, cheio de medo, abri a porta.

O cômodo também estava imerso na escuridão, sendo esta acentuada pelo contraste com a luz que passava pelas cortinas. Fechei delicadamente a porta e aproximei-me da cama. Paul estava deitado de costas, com os braços ao longo do corpo e as pernas retas. Estava morto.

Ela o havia coberto com um de seus vestidos brancos, com a gola sob o queixo e as mangas tampando os braços, dando a impressão de que ele estava usando a roupa. E o rosto dele, tão semelhante ao dela, na imobilidade, dava à cena um realismo grotesco.

—Meu Deus! - murmurei

Puxei o vestido e vi que havia uma mancha escura de sangue na camisa e, bem no meio da mancha, um pequeno buraco preto. Fora um tiro no coração. Mas não havia nenhuma mancha de sangue nas cobertas. Ele fora assassinado em outro lugar qualquer e carregado - ou mais provavelmente, arrastado - até o quarto dela. Estremeci ao pensar no esforço que ela devia

ter feito para arrastar aquele corpo inanimado pela escadaria acima até o seu quarto. E colocá-lo na cama...

Cuidadosamente, arrumei novamente o vestido e voltei para o corredor, fechando a porta ao sair.

Ela ainda continuava parada no mesmo lugar, apenas um vulto escuro recortado contra a luminosidade da escada.

—Ela está dormindo? - perguntou-me ela. Soltei um longo suspiro.

—Ela está... descansando.

—Ótimo - disse ela, naquele tom de voz grave, simulado. Houve um momento de silêncio.

—Eu... Paul? Posso falar um instante com você? - perguntei hesitante.

Ela arqueou uma das sobrancelhas Imitando o jeito pedante de Paul.

—Se é mesmo necessário, amigo. - Virou-se e desceu as escadas na minha frente. Enquanto descíamos, percebi que ela cortara irregularmente o cabelo e tentara assentá-lo com água.

Uma Virgem Submersa?

Meses depois, quando recapitulei todos esses acontecimentos com mais frieza, percebi que não tinha tido a sensação de perigo verdadeiro.

Obviamente senti medo, mas não foi por mim. Reconhecia que Katya estava louca.

Calculei que ela matara o irmão - talvez o pai - com a pistola que carregava descuidadamente.

Não havia razão para crer que não me mataria também. Mesmo assim, em meio à todas aquelas emoções contraditórias, não havia lugar para o medo.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Talvez a idéia de morte, de libertação, tivesse uma certa atração.

Acima de tudo, movia-me um sentimento de piedade.

Eu sentia por ela um misto de piedade e amor. O corpo franzino nas roupas largas de Paul, o cabelo arrepiado, ela lembrava um palhaço tragicômico, meio grotesco, meio patético, que eu queria tomar nos braços e consolar.

Mas percebi que, para que houvesse uma chance mínima de trazê-la de volta à realidade, eu devia deixar que ela desempenhasse o papel em que encontrava uma certa segurança, um abrigo na tempestade que bramava em sua mente.

Entramos no salão e ela se virou com uma expressão arrogante, imitando a fala arrastada que Paul usava quando entediado:

—Acho que você não recusaria um conhaque. Afinal, não é todo dia que um jovem leva uma bala depois de cortejar uma moça no jardim. É um acontecimento que merece um brinde.

Aceitei o conhaque que ela me oferecia, embora ela se abstinhasse de me acompanhar.

—Vamos até o terraço? - sugeriu ela. —É mais um desses magníficos dias entediantes de que Katya tanto gosta de falar. Também podemos conversar sobre a beleza indescritível do tempo.

Segui-a até o terraço, onde nos sentamos para apreciar o exuberante jardim. Ela se sentou com os pés trançados, os joelhos juntos, a linha graciosa do corpo formando um estranho contraste com a roupa.

Como começar? O que dizer? E eu me vi testando o sistema de comunicação cauteloso, restrito e padronizado que aprendera em Passy. Na esperança de descobrir qual o seu grau de consciência em relação aos fatos que a cercavam, perguntei:

—Como está seu pai?

Ela me olhou rapidamente, um olhar de desconfiança.

—Você estava saindo do quarto de papai quando eu o encontrei no corredor. Você sabe perfeitamente que ele está morto.

Assenti.

—É, eu sinto muito. Como foi que ele morreu?

—Meu caro amigo, imaginei que uma pessoa com conhecimentos médicos, mesmo sendo tão inexperiente como você, deduziria que ele se matou... escolheu a saída dos cavalheiros.

—Saída para quê?

—Quando ele o encontrou no jardim, ele... - ela parou no meio da frase e olhou para mim, confusa e intrigada. Quando ela voltou a falar, o tom gutural havia desaparecido. Era a voz de Katya.

—Não compreendo... você estava... não estava... ? —Tocou a testa com os dedos.

—O tiro me atingiu, mas eu só fiquei ferido. Nada sério.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Só ferido? Sim, mas... - Ela estava longe da realidade, uma expressão vaga. —Sim, mas...

eu...

—Você disse que seu pai me encontrou no jardim – insisti —Então não foi ele quem atirou em mim?

—Papai? Como você pode pensar uma coisas dessas? Papai é tão meigo. Ele nunca faria mal a ninguém.

—Escute... - A minha vontade era de pegar a mão dela e reconfortá-la, mas eu não sabia se ela assumiria sua personalidade ou a de Paul, e este recusaria ao meu toque.

Logo aprendi a distinguir os indícios tênues, mas dramáticos, da passagem de uma personalidade para a outra: o timbre de voz mais grave e rouco; o olhar superficial; a ruga de desdém que lhe deformava a boca.

Mas, naquele momento, só me restava o recurso da suposição. —Escute... Paul ? Ontem você me contou o que aconteceu em Paris. Gostaria que me contasse novamente.

Ela pousou a pistola no colo e olhou para o jardim, um olhar distante, uma voz cansada.

—Provavelmente, não lhe contei a verdade... toda a verdade, de qualquer modo.

Aquele "provavelmente" revelou-me que ela voltara a assumir a personalidade de Paul, mas faltava-lhe o conhecimento que ele tinha sobre os fatos. Havia uma vantagem nessa sua dupla personalidade.

—Bem, conte-me toda a verdade agora. Começando em Paris, pouco tempo antes de vocês se mudarem para Salies.

Seu olhar endureceu, as narinas dilataram-se e, quando ela falou, a voz tinha o mesmo timbre grave que fazia meu sangue gelar.

—Começou antes disso, meu caro. Muito antes disso. Começou quando a pobre Katya era uma menina, ainda adolescente. Quando ela ainda era a tímida e desajeitada Hortense.

Tive um lampejo de compreensão.

—Quando ela estava com 15 anos e meio.

—É. 15 anos e meio. - Ela me olhou e sorriu. —Acho que você está pensando no fantasma.

—É, eu estava. O que aconteceu com Katya quando ela tinha 15 anos e meio?

Ela franziu a testa, parecendo fugir àquela lembrança. —Não é um assunto agradável. É feio...

vergonhoso...

Minha intuição me dizia que Katya jamais seria capaz de me contar a história, fosse esta qual fosse. Eu teria que obter tudo de Paul.

—Por favor, conte-me... Paul.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ela ficou algum tempo em silêncio; começou, então, com o olhar perdido no jardim abandonado.

—Havia um amigo hospedado conosco durante aquele verão... um patife bonitão, bem mais velho que eu, e com ele eu aprendia a desfrutar as delicias do jogo e outros prazeres civilizados.

Quase todas as noites saíamos e, quando não íamos jogar cartas, nos divertíamos colocando os frequentadores de St. Denis em... situações engraçadas. Era típico dos rapazes da minha classe.

Loucuras da juventude e coisas desse tipo. Divertimentos sórdidos.

Esse rapaz costumava fazer uma espécie de corte a Katya, como homens de vinte e tantos anos fazem com as adolescentes, achando graça na timidez e no constrangimento delas. Eles costumavam conversar durante o jantar e passear no jardim.

Como você já deve supor, as atenções dele deixaram-na contente e lisonjeada. Ele era um libertino e ela estava naquela idade crítica da adolescência. Nunca dei muita importância ao caso.

Na verdade, até participei do jogo, provocando-a por causa de sua paixãoite, como os irmãos costumam fazer.

Mas havia alguma coisa de cruel naquele homem, uma crueldade que ficara patente em sua maneira de tratar as moças de St. Denis. Mas eu nunca me preocupei com seu comportamento em relação à Katya.

Afinal, nós pertencíamos à mesma classe e Katya era minha irmã. Obviamente, ela não era Katya naquela época. Ainda era Hortense. A tímida, envergonhada Hortense... - Ela abaixou os olhos e pareceu mergulhar num sonho.

Após uma breve pausa, eu perguntei:

—E então?

Ela estava com as mãos cruzadas no colo, sobre a pistola, e enterrou as unhas de uma das mãos na palma da outra.

—Ele... ele a violentou. - Ela me lançou um olhar desvairado, como se me perguntasse se tal monstruosidade era possível. —Ele violentou Hortense! Ele violentou Hortense !

Eu vinha esperando por isso, com uma sensação de medo cada vez maior, mas senti um vazio no estômago ao som daquelas palavras que revelavam um sentimento de grande piedade pela pobre Hortense, já há tanto tempo morta.

A minha vontade era de abraçá-la, consolá-la; mas insisti, na esperança de exorcizar aquele fantasma de sua mente, fazendo-a falar sobre o assunto, enfrentar o problema, expor o ferimento aos efeitos benignos da compreensão.

Tive o cuidado de manter um tom de voz neutro quando falei:

—Sim. Ele violentou Hortense.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ela tomou fôlego antes de continuar, só que agora a voz era novamente áspera.

—Aquele sujeito e eu voltamos para casa naquela noite, à mesma hora tardia de sempre, um pouco mais bêbados do que de costume. Ele deve ter saído do quarto e batido na porta dela.

Ele sugeriu que eles fossem dar um passeio no jardim ao luar. Era uma noite bonita, suave, e Hortense estava entusiasmada com a idéia do romance, como qualquer outra adolescente.

Sem dúvida havia algo de excitante no fato de escapulir para o jardim e passear com um homem ao luar. - Katya sorriu e fitou-me timidamente, um olhar cheio de malícia enquanto mordida o lábio inferior e encolhia os ombros. —Eu estava envergonhada com a minha aparência. Usava uma camisola de flanela, nem um pouco feminina. O cabelo estava solto e todo

embaraçado e... - Ela tocou o cabelo e a expressão animada deu lugar a uma fisionomia marcada pela incerteza e o medo...

Por um breve instante, pela primeira e última vez, eu encontrara Hortense. O meigo fantasma no jardim...

A expressão foi se modificando, enquanto a mão recuava ao toque no cabelo cortado e empapado de água.

A sombra da dúvida nublou seu olhar. Ela cerrou os dentes e falou novamente com a voz de Paul.

—Eu lhe disse que havia algo de cruel naquele homem. Ele se divertia em bater nas prostitutas de St. Denis. E, além disso, estava bêbado. Ele... ele atirou Hortense sobre um canteiro e socou-a...

socou-a!... os lábios dela ficaram partidos... e ele lhe deu um soco no estômago... forte... e mais outros!

—Você não precisa me contar, se é muito doloroso.

—Ele apertou os olhos dela! E disse que se ela gritasse ele faria seus olhos saltarem fora...

como uvas estourando da casca... foi o que ele sussurrou em seus ouvidos: como uvas estourando da casca! Apertou os olhos dela com tanta força, que ela chegou a ver pontos de luz! E a dor! Então ele... então ele... !

—Você não precisa me contar, Katya.

—Oh, Jean-Marc! Ele fez cada coisa comigo! - Ela estava chorando e as palavras morriam-lhe na garganta.

Mas quando eu me levantei para tomá-la nos braços e consolá-la, sua expressão endureceu.

O rosto voltou a ser uma máscara: a boca retraída e os olhos, ainda úmidos com as lágrimas, frios como aço. Pousei a mão em seu ombro e dei umas pancadinhas, como fazemos com um amigo em desespero.

Quando ela voltou a falar, reconheci o tom levemente anasalado da voz de Paul,



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Jamais vou saber o porquê, mas acordei no dia seguinte nas primeiras horas da manhã, apesar de estar com uma terrível ressaca. Resolvi tomar um pouco de ar puro no jardim para clarear minhas idéias. Eu a encontrei lá... sentada no balanço... seminua, gelada, tremendo convulsivamente.

O rosto todo machucado e inchado. Ela estava sentada, balançando-se, com o olhar perdido, entoando uma mesma nota. Cobri-a com o meu robe e trouxe-a para casa. Ela me acompanhou docilmente. Acho que nem se deu conta da minha presença. Então eu a limpei e coloquei na cama, cobrindo-a com cobertores. Ela não resistiu, mas também não procurou me ajudar. Era como um corpo sem espírito. Fiquei horas sentado a seu lado, acariciando-lhe o cabelo, assegurando-lhe que tudo ia ficar bem... tudo ia ficar bem. Ela se contentou em ficar ali deitada, com o olhar fixo no teto.

Duvido que tenha me ouvido, mas talvez o som da voz humana tenha lhe trazido algum conforto. Finalmente... lá para o fim da tarde... ela adormeceu. As pálpebras fecharam-se repentinamente e ela caiu num sono profundo... tão profundo que houve um momento em que temi que estivesse morta.

Katya parou de falar e concentrou-se nas marcas avermelhadas que as unhas lhe haviam feito na palma da mão. Tirei a mão de seu ombro e voltei a sentar-me, puxando a cadeira para mais perto dela.

—Mas obviamente ela não morreu - disse eu —ela sobreviveu.

Ela sorriu com amargura.

—Não, ela não morreu. Mas também não sobreviveu. Para esconder dos criados a desonra de Katya... eu pensei nesses termos! Pensei como sendo a desonra dela! Meu Deus, Montjean. Como os homens podem ser assim?!

Ela fechou os olhos e soltou um longo suspiro antes de prosseguir. —Para esconder essa vergonha dos criados e das pessoas em geral, inventei que ela havia contraído varíola e estava de quarentena. Só eu podia tratar dela, uma vez que já tivera essa doença e estava imune. Por duas semanas, fiquei a seu lado dia e noite.

Arrumei uma cama de lona no quarto dela e dormi ali todas as noites; alimentava-a com a comida que vinha numa bandeja deixada do lado de fora da porta; eu falava sem parar, horas a fio.

estendendo-me numa conversa incoseqüente, recordando as bobagens que fazíamos quando crianças, pondo-a a par de meus planos para quando ela ficasse boa... qualquer coisa para quebrar o silêncio, pois ela nunca falava. Limitava-se a ficar deitada na cama ou sentada numa cadeira ao pé da janela. Ausente. Muda. Ela nunca me encarava.

Com o tempo, os ferimentos cicatrizaram, mas ela continuou distante e de certo modo... em outro lugar.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Deve ter sido uma época muito dura para você também, Paul. Afinal, você ainda era muito jovem.

Ela assentiu.

—É. Eu estava naquele período indefinido entre a escola e a universidade. Estava dois anos à frente, sabe. - Ela me olhou com a expressão entediada

de Paul. —Eu era um sujeito brilhante, naquele meu jeito inconseqüente. Precoce. E com o meu novo amigo estava ensaiando meus primeiros vôos.

Os homens têm muita sorte. Gostaria que Katya tivesse nascido homem. Como Katya gostaria de ter sido homem! Se ela tivesse sido homem! Os homens não podem ser violentados, sabe. Não é justo!

—Compreendo.

—Não é justo. É muito mais seguro ser homem. Toquei-lhe o braço.

—Você tem razão. Não é justo. Não é mesmo?

—Como é que você sabe? - sibilou ela por entre os dentes.

Por uns instantes, brilhou um clarão de ódio em seu olhar, mas ele logo deu lugar a uma expressão de comiseração.

—É... Katya devia ter sido homem. Após um momento de silêncio, eu disse:

—Paul, você falou ainda há pouco que Hortense não morreu, mas também não sobreviveu. O

que significa isto?

—Aquilo que eu disse. Hortense nunca se recuperou. Só Katya.

Um dia, quando voltei a seu quarto, depois de uma rápida saída, encontrei-a vestida, pronta para sair. Quando cheguei, ela me recebeu tagarelando alegremente, muito bem-disposta, com uma série de planos. Perguntou se não podíamos ir até o parque; talvez pudéssemos parar numa patisserie no caminho, ela estava faminta e tinha uma predileção especial por doces, quanto mais melados e grudentos melhor; e também queria passar por uma loja de roupas.

Disse que o vestido que estava usando era o único que lhe agradava. Era um vestido branco guardado para as festas ao ar livre. Você deve ter notado que ela só usa branco. A cor da castidade? -

Isto foi dito num dos tons mais irônicos de Paul. —Fiquei encantado ao ver renascer sua disposição e desejo de viver e respondi-lhe que nós podíamos passear em todos os parques de Paris, deixar a patisserie vazia e voltar para casa com uma carruagem cheia de vestidos... todos brancos, se era isso que ela queria.

Enquanto eu falava, mencionei uma vez seu nome, mas ela franziu a testa e retrucou dizendo-me que ela não se chamava mais Hortense. Ela tinha outro nome. Katya. Perguntou-me o que eu achava dele. Respondi-lhe que era um nome lindo para uma moça linda, linda.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

"Nas semanas que se seguiram, ela era toda alegria, cheia de vida. E, lamento dizer, cheia de entusiasmo pela forma mais pobre de humor: o trocadilho... brincadeiras com palavras, duplo sentido, rimas exatas que às vezes não eram tão exatas assim.

Eu reclamava daquele exercício intelectual idiota, até que percebi que ela parecia ficar fascinada com palavras de duplo sentido, símbolos que representavam duas realidades.

Afinal, seu corpo abrigava duas personalidades diferentes: Katya e Hortense eram sinônimos, ela era uma espécie de trocadilho vivo. Logo após as primeiras semanas, tentei várias vezes fazer uma leve referência ao que lhe acontecia; queria que ela se sentisse à vontade para desabafar comigo; queria que ela soubesse que aquilo não era uma vergonha, um erro.

Cheguei a mencionar o nome do homem uma vez. Uma mera alusão, obviamente. Ela me respondeu com uma pequena brincadeira, mencionando

não o tê-lo mais visto por ali, talvez suas negativas peremptórias tivessem-no afastado.

Percebi que aquilo tinha desaparecido, o terrível episódio fora apagado de sua memória.

Hortense não podia viver com a lembrança do estupro; então, ela foi substituída por Katya que tinha um passado sem marcas. - Ela me encarou; no seu olhar havia aquela expressão de curiosidade e divertimento que lhe era tão característica. —E isso é tudo, nada mais.

Não resta mais nenhuma lembrança. Nenhuma. - Ela sorriu e deu de ombros.

—Você tem certeza? - perguntei.

Houve uma mudança quase imperceptível em seu olhar, que se suavizara até voltar a ser o olhar de Katya. Vi uma sombra de insegurança naquele olhar. Quando tornou a falar a voz tinha o mesmo tom rouco de Paul.

—Obviamente, de vez em quando surgem algumas recordações como destroços depois de um naufrágio. Os vestidos brancos, por exemplo. Seu interesse súbito em anatomia. Sua fascinação pelo trabalho daquele austríaco, Freud. Acho que, inconscientemente, ela estava tentando compreender o que lhe acontecera e por quê,

Mas o veneno levou muito tempo para vir à tona. Muito tempo. Anos e anos. - Sua voz morreu enquanto intimamente parecia deixar-se dominar pelos seus próprios pensamentos.

Olhou para a pistola no colo e franziu a testa, como se ainda não tivesse reparado na arma até aquele momento.

Então, apertou a pistola contra o peito, acariciando-a, enquanto fitava o céu azul além do jardim.

—Paul? - disse eu, constrangido. —Posso ficar com a arma?

—O quê? - Ela me olhou com uma expressão cômica de surpresa, como se aquele fosse o pedido mais tolo do mundo. —Certamente que não. Que idéia!



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Um arrepio de medo percorreu-me a espinha. Levantei-me e, logo a seguir, espreguicei-me.

—Você se importaria de andar um pouco enquanto conversamos? Estou ficando com o lado dormente sentado aqui.

—Como queira. - Ela tomou a dianteira e juntos seguimos a trilha; ela, com um andar petulante que lembrava aquele descaso arrogante que eu observara na atitude de Paul depois da briga em Alos.

A caminhada deu-me tempo para tentar compreender tudo aquilo. Reconheci aquele tipo de fuga da realidade como um caso clássico, não muito diferente dos que eu estudara antes que a experiência em Passy me fizesse abandonar os projetos de uma especialização em doenças mentais.

O estupro havia destruído todas as emoções daquela adolescente romântica, acima de sua capacidade de sobrevivência. Então, Hortense morreu... transformou-se num pálido fantasma, com seus eternos 15 anos e meio, e foi substituída por Katya, recém-nascida e virginal.

Katya, com seus costumeiros vestidos de um branco imaculado. Katya com seu interesse peculiar em anatomia e psicologia. Katya, que se refugiava num sonho distante quando eu a tomei nos braços e dei-lhe um beijo; que, num modo de dizer, fugia do corpo que reagiria vergonhosamente à atração física.

Como a experiência da noite anterior deve ter sido assustadora e atordoante, quando a tristeza proveniente de nossa separação a impediu de abandonar o corpo antes que sentisse o prazer do amor.

Que rematado tolo eu fui.

E agora, por uma razão especial, ela já não podia mais continuar sendo Katya e estava assumindo a personalidade de Paul Mas a transição ainda não estava completa. Ela parecia oscilar entre as duas personalidades, ora regredindo ora avançando, sem deixar de ser Katya, sem chegar a ser Paul. Por que ela permanecia naquele limite incerto entre duas personalidades distintas? Talvez porque ela pudesse encontrar e compreender melhor aquilo que lhe acontecera a partir desta posição vantajosa? Ela me explicara coisas - tanto coisas como fatos - que nem Katya nem Paul sozinhos poderiam saber; entretanto, tudo se esclarecia à luz da visão exterior de um e da visão interior de outro.

Enquanto permanecia naquele estado, ela podia reconsiderar suas experiências e lembranças com o distanciamento emocional de Paul.

Mas o que aconteceria quando terminasse essa reflexão? Continuaría sua viagem, tornando-se Paul? Voltaria a ser Katya?

Eu a seguia pela trilha. O pescoço, agora revelado com o corte curto do cabelo, parecia delgado e frágil no colarinho enorme da camisa de Paul. Senti que precisava ajudá-la a entender aquilo que ela se esforçava por compreender.

Era minha única esperança, se ela um dia voltasse a ser a Katya que eu amei.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Então - perguntei suavemente —a vida de Katya foi sempre igual à que eu conheci, antes daquela noite terrível no jardim?

Ela fez um gesto displicente e falou por sobre o ombro:

—Foi. Os anos se passaram e ela se tornou uma jovem atraente. Considerando sua posição social na nata da sociedade parisiense, tornou-se o centro das atenções na época em que debutou. -

Ela balançou a cabeça e sorriu com amargura. —É estranho, mas até o hábito de só usar branco virou uma espécie de característica, poderíamos dizer.

—E seu pai nunca soube o que aconteceu no jardim?

—Não naquela época. Mais tarde eu tive de lhe contar.

—É? Por quê?

Ela não respondeu. Havíamos chegado ao pavilhão, ela subiu as escadas e, por força do hábito, sentou-se na velha cadeira de vime, só que dessa vez colocando descuidadamente uma perna no braço da cadeira, como Paul teria feito.

Eu fiquei no meu lugar habitual, parado junto à entrada do pavilhão, encostado no arco, com um pé nos degraus.

—Você me disse que aquilo que Katya conseguiu enterrar tão bem um dia veio à tona. Fale-me sobre isso Paul.

—Não, eu não quero.

—Você quer sim.

—Não!

Seguindo os métodos que aprendera em Passy, fiquei em silêncio, esperando que ela falasse.

Só o zunido dos insetos e o canto dos passarinhos no alto das árvores cortavam o silêncio daquele jardim abandonado. Quando ela finalmente falou, sua voz era fraca e inexpressiva.

—Apareceram muitos pretendentes. Afinal, ela era jovem... inteligente... não deixava de ser atraente. Sua inteligência e seu apurado senso do ridículo logo desanimaram os pretendentes mais pomposos, já que ela costumava ridicularizar a maioria das mulheres que se fingiam de tolas, burras e facilmente sugestionáveis, tudo na esperança de não afastar os "bons partidos".

Os pretendentes vinham e iam; então, um dia, um jovem pareceu destacar-se dos outros: um sujeito agradável, de boa aparência, delicado, romântico, com posses e relações razoáveis.

Achei-o passável, se bem que com um idealismo cansativo. - Ela me encarou, a sobrelha arqueada à maneira de Paul. —Como pode ver, o gosto dela não mudou muito.

Sorri e concordei.

—Com o tempo, o rapaz começou a aparecer quase todos os dias em nossa casa.

—Marcel?



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—É, Marcel. Ele e Katya conversavam na sala, basicamente sobre poesia, amor e mais outras bobagens deste tipo, ou passeavam pelo jardim.

Então... uma noite... - Ela tirou a perna do braço da cadeira e sentou-se tensa. —... uma noite...-

ficou em silêncio, com o olhar perdido.

—Uma noite?

—O quê? - perguntou vagamente.

—Uma noite?

—Eu estava no meu quarto escrevendo cartas. Ouvi um tiro vindo do jardim. Desci rapidamente, e encontrei-a entrando pela porta que dava para o jardim.

Ela passou por mim sem me ver, com um olhar vago, entoando uma mesma nota. "Meu Deus, Katya"!, falei. "O que foi que aconteceu?" Mas ela continuou andando e subiu para seu quarto.

Encontrei minha pistola no terraço. No jardim... encontrei o jovem. Ele estava... ele estava...-

Ela parou de falar e olhou para a frente, com um olhar distante.

—Ele estava morto?

Ela assentiu e continuou balançando a cabeça como um boneco de pilha até eu lhe fazer uma pergunta.

—Mas o que aconteceu? Por que ela atirou nele?

Ela ficou em silêncio por algum tempo; então, me encarou com uma expressão astuta.

—Não sei ao certo. Eu não estava lá. Só Katya sabe o que aconteceu.

—Muito bem... certo... eu entendo. Mas diga-me o que você acha que aconteceu, Paul.

—Só posso fazer hipóteses. Talvez o rapaz tenha se inflamado. Talvez, em sua paixão, ele a tenha abraçado ardorosamente, num longo beijo.

Talvez ela tenha sentido ímpetos de prazer. Um prazer vergonhoso, repulsivo, repugnante.

Talvez ela tenha fugido e entrado na sala. Provavelmente achou a pistola e pensou em se matar... uma punição por sentir aquele prazer vergonhoso, indecente.

Mas, então, num momento de lucidez talvez ela tenha compreendido que não fora ela quem pecara, que não era ela que merecia a punição. Era o jovem do jardim... o homem que a violentara!

Que lhe dera vários socos no estômago. Que lhe machucara os olhos. Que fizera coisas horríveis, dolorosas... - Seu olhar era desvairado e o corpo tremia com a violência da comoção.

Ela cerrou os dentes, controlando a respiração com um grande esforço, e me olhou com uma expressão infantil. —Obviamente, eu não sei se foi isso que aconteceu. Só posso fazer suposições.

—É, eu entendo. Eu entendo. Escute... Paul... antes disso acontecer, ela não demonstrou nada que indicasse um colapso próximo?

Ela balançou a cabeça.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

—Não, nada. Bem... nada que eu diagnosticasse como um sintoma. Pensei que aquilo tudo já tivesse enterrado sob uma camada de tecido cicatrizado, se você me permite usar uma metáfora da sua área.

É verdade que ela havia mencionado, meio despreocupadamente, um fantasma no jardim...

uma jovem toda de branco. Não dei importância ao fato, pois ela sempre fora uma garota de imaginação fértil, dada a inventar histórias só pelo prazer que isso lhe proporcionava... só para chamar atenção.

—Foi por isso que você reagiu daquele jeito quando eu mencionei o fantasma no jardim?

—Exatamente. Só naquele momento é que eu percebi que o fantasma era um sintoma de um colapso iminente.

Afinal, doutor, é preciso uma repetição para se obter um padrão.

Mas eu percebi de imediato que tínhamos de deixar este lugar... deixar você... o mais cedo possível. - Ela me olhou perplexa. —Provavelmente eu o avisei do perigo. Isso é bem meu.

—É, você avisou. Mas eu achei que o perigo viesse de você. Pensei... isso já não importa. Acha que Katya esqueceu-se do que fizera?

—Exatamente. Quando eu subi, encontrei-a na cama, lendo. Ela conversou despreocupadamente, infligindo-me alguns daqueles infelizes trocadilhos. - Ela me olhou de esguelha. —Mesmo gostando dela como gostava, você deve admitir que alguns dos trocadilhos eram tristes.

Sorri.

—Pelo contrário, acho-os espirituosos. Ela fez um muxoxo e deu de ombros.

Ela falara de Katya no passado; eu respondera no presente, relutando em aceitar aquela transformação em Paul como definitiva, permanente.

—Paul, se ela não se lembrava do incidente, como você explicou a morte do rapaz?

—Foi papai quem fez isso. Depois de encontrar o cadáver no jardim, tive de lhe contar tudo, desde o estupro, a origem do desequilíbrio de Katya. Ele ficou atordoado, obviamente. Arrasado.

Mas se ergueu em defesa da filha que ele tanto amava, da filha que parecia tanto com a mulher que perdera. Era um homem inteligente, esperto, sabe? Foi papai quem teve a idéia de dizer a Katya que ele tivera um colapso e cometera o assassinato num acesso de loucura.

Dessa maneira, nós a forçamos a nos ajudar nessa mentira. Foi aí que o castelo de mentiras ficou grotesco e frágil.

Katya acreditou que papai havia cometido o crime, mas que não se lembrava de nada.

Naquela noite ela desceu silenciosamente e escutou nossa conversa por trás da porta do escritório, ouvindo-me dizer a papai que ela havia matado o rapaz.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Confusa, chocada, voltou para o quarto e ficou a noite toda acordada, tentando entender por que eu dissera aquela mentira terrível.

Eu não preciso lhe dizer, com essa sua fascinação mórbida pelos disparates do Dr. Freud, que a alma humana tem uma grande capacidade de reestruturar a realidade inaceitável em agradáveis mentiras.

Por fim, ela acabou se convencendo de que eu mentira a papai, baseando-se na sinceridade da minha voz para chegar a tal conclusão. Ela elaborou uma razão lógica para minha atitude, convencendo-se de que eu tinha dito aquilo

a papai para fazê-lo confessar a versão de crime acidental, já que, na verdade, fora nosso pai quem matara o rapaz num acesso de loucura.

Você percebeu agora o que eu quis dizer com "grotesco"? Quando, na manhã seguinte, ela me disse que tinha entendido tudo, eu me agarrei àquela chance de protegê-la da verdade e confessei que suas suposições estavam corretas - Katya me encarou; uma das sobrancelhas arqueadas, uma certa melancolia no olhar, lembrando o de Paul. —Isso é muito complicado para o seu gosto, Montjean?

Acho que vocês, bascos, têm uma inclinação particular para o ambíguo, o tortuoso.

—Mas, obviamente, ela mais tarde descobriu a verdade. Como foi que isso aconteceu?

Ela franziu a testa, aparentemente num esforço de compreender esse perigoso paradoxo. Então, com o rosto inexpressivo ela perguntou, imitando a voz rouca de Paul:

—O que faz você pensar que Katya descobriu toda a verdade?

Como é que eu podia dizer que sabia aquilo porque era ela quem estava me contando a história? Senti que estava trilhando um caminho perigoso; então, retrocedi e procurei outra direção que a levasse a uma compreensão do que acontecera.

—Então, para esconder a verdade de Katya, seu pai confessou que tinha matado acidentalmente o rapaz? E o que aconteceu depois?

—O que aconteceu? Com papai?

—É. O que aconteceu com seu pai?

—A preocupação com Katya, o inquérito sobre a morte do rapaz, tudo isso o abalou muito.

Eu sabia que ele não poderia suportar outro choque semelhante. Foi por isso que eu os trouxe para cá, longe do mal.

E quando a história começou a se repetir novamente... por que, em nome de Deus, você persistiu em suas atenções para com Katya? Eu o avisei milhões de vezes! Maldito seja, Montjean!

Você e sua... interferência.

Ela usou uma palavra que nem mesmo Paul seria capaz de pronunciar em público. Baixei os olhos e fiquei em silêncio. Lembrei-me, com um estremecimento, que a Srta. M., em Passy, às vezes irrompia em fortes imprecações muito pouco condizentes com sua personalidade e educação.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Quando ela voltou a falar, a voz saiu calma, quase inexpressiva.

—A noite passada papai ouviu o tiro, saiu e encontrou você estendido no chão, implorando seu auxílio. Ele ficou aturdido. Aconteceu novamente. Sua filha... sua Hortense tão parecida com sua adorada mulher... estava totalmente, irremediavelmente louca.

Ela se afastou deixando-o ali, desamparado, prova da mente desequilibrada de Katya.

Voltou para o escritório como que em transe.

Sentou-se à escrivaninha; corrigiu uma observação que escrevera pouco tempo antes; na margem, anotou uma referência; fechou o caderno e... suicidou-se. Suicidou-se. Como... como... -

sua voz morreu na garganta.

—Como é que você sabe o que aconteceu no jardim? Onde é que você estava, Paul?

Ela franziu a testa, encarando-me, como que aborrecida com a irrelevância da pergunta.

—O quê? O que você quer dizer com isso?

Eu achava uma pequena brecha na junção daquelas duas personalidades e esperava ser capaz de separá-las delicadamente, sem destruir a ficção a que Katya se apegava.

—Como é que você pôde saber o que o seu pai estava fazendo no jardim? Você também estava lá?

Ela balançou a cabeça.

—Não... eu estava no meu quarto... dormindo. —Entendo. Então como é que você sabe dessa história toda?

—Bem... bem, Katya estava parada ali na sombra, com a pistola ainda na mão. - Ela franziu a testa esforçando-se para compreender aquele problema. Então, me encarou, um olhar de desafio, e falou rapidamente: —Foi Katya que me contou tudo.

—Ah. foi?

—Foi sim. Tem de ter sido isso. Senão como... qual é a importância disso? Ah, sim, agora me lembro. Katya me acordou para dizer que você estava ferido no jardim. Foi quando ela me contou tudo. Vesti-me rapidamente e desci.

—Seu pai ainda estava vivo à essa hora?

—Estava. Ele ainda estava no escritório, escrevendo. Quando Paul voltou encontrou-o morto.

Ele tinha se suicidado. E ele...

—O quê? Paul encontrou-o morto?

Uma expressão de inquietação brilhou em seu olhar. Ela tomou fôlego e prosseguiu imperturbável:

—É. Eu o encontrei morto quando cheguei; tinha ido a Salies levar você. Carreguei papai para o quarto, para que Katya não o encontrasse... com o lado esquerdo do rosto todo... Depois eu a



PDL – Projeto Democratização da Leitura

procurei pela casa, pelo jardim e vim encontrá-la aqui no pavilhão, sentada na cadeira de vime, exatamente onde estou agora.

De imediato percebi que alguma coisa se rompera em sua mente quando ela atirou em você, algo terrível, insuportável. Agora ela se lembrava de tudo. O estupro de Hortense. O assassinato do pobre Marcel. E ela me contou tudo calma e sucintamente... como se aquilo não tivesse acontecido com ela.

—Mas, Paul, escute-me. Tente compreender, Se ela consegue se lembrar de tudo, então há uma chance de cura! Você não percebe isto? Com o tempo e o auxílio de ura profissional, ela pode vir a ter uma vida normal, do lado de alguém que a ame.

Mas ela fechou os olhos e balançou a cabeça.

—Não! Os portões do sofrimento e da dor abriram-se só por um momento... um momento dramático... mas, durante o relato, os detalhes foram ficando indistintos.. confusos.

O choque ao ver você estirado no chão, a dor de pensar que você estava morto reabriram momentaneamente as velhas feridas, mas a avalanche desordenada de lembranças traumatizantes cauterizou-as novamente, sem curá-las. - Ela me encarou, um olhar triste e meigo, e falou com voz normal. —Ela queria muito protegê-lo de um perigo que ela mesma não sabia definir.

Chegou a lhe dizer que não o amava, na esperança de afastá-lo daqui, de salvá-lo. Você tem idéia de como foi difícil para ela olhar dentro dos seus olhos... esses olhos bascos tão escuros..e dizer que não o amava? - Um sorriso triste formou uma ruga no canto dos olhos enquanto ela me fitava demoradamente com carinho.

Logo em seguida a expressão endureceu-se e quando ela falou novamente, reconheci o tom rouco da voz de Paul. —Então, subitamente, enquanto tentava me explicar por que fora obrigada a atirar em você, uma explicação vaga e fragmentada, acusando-o de tê-la feito sentir um prazer indecente... algo a respeito de estupro... uma conversa incoerente sobre uvas rompendo para fora das cascas, de repente ela se lançou sobre mim, gritando e socando-me o peito.

Acusava-me de ter roubado seu lugar! De ter nascido homem, invulnerável a um estupro, quando era ela que devia ter sido o homem! Afinal, ela era a mais velha! Revoltava-se contra aquela injustiça. E usou termos que nunca imaginei que conhecesse, termos que fariam um estivador corar.

Ela se debatia enquanto eu tentava segurá-la. Procurou me atingir no rosto, chorando o tempo todo. "Eu devia ter sido o irmão! Eu devia ter sido o homem." Então, cansada e mais leve, ela descansou nos meus braços. E quando ela ergueu a cabeça e vi seu rosto, marcado pela explosão de raiva, o olhar desvairado, percebi... percebi que aquelas lembranças haviam passado e estavam enterradas para sempre. Katya se fora. Como Hortense antes dela.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Ela se libertou dos meus braços e correu para a cama. Katya se fora, Montjean... ela se fora. -

Seus olhos encheram-se de lágrimas e os lábios tremeram. Ela chorava silenciosamente pela Hortense morta; e Paul chorava pela Katya para sempre perdida.

Fiquei em silêncio até ela parar de chorar; e ela permaneceu sentada, com o olhar perdido no jardim, os cílios molhados, completamente indiferente às lágrimas que lhe escorriam pelo rosto.

—Você a seguiu até a casa, Paul?

Ela me olhou com uma expressão entre perplexa e aborrecida, como que surpresa por me ver ali.

—O quê?

—Você seguiu Katya até a casa? Ela assentiu.

—Segui... segui - suspirou cansada.

—E...?

—De repente, lembrei-me de que ela podia encontrar o corpo de papai com o rosto... faltando, sabe.

O choque poderia... Meu Deus! Entrei em casa, chamando-a. Ao chegar ao hall, eu a vi...

Estava no patamar da escada. Tinha na mão a pistola que eu levava para o quarto de papai ao carregar o corpo para lá.

Ela me encarou... um olhar frio, alucinado. E, Montjean, Jean-Marc, ela havia feito uma coisa muito estranha, assustadora... - Ela parou de falar de repente, e ficou completamente imóvel.

O sol estava se pondo e a sombra de algumas folhas cobria um de seus olhos deixando visível o outro, que fitava o nada. A visão provocou-me arrepios de medo.

—O que foi, Paul? O que ela fez de tão assustador? Ela franziu a testa e balançou a cabeça, com um olhar enevoado e confuso.

—Não consigo compreender. Olhei para baixo e vi... que ela havia de algum modo...

—Você olhou para baixo? Mas era ela que estava no patamar, não era? E você estava no pé da escada.

—Não, não. Sabe, foi aquela coisa horrível que ela havia feito. Ela havia de algum modo...

Ela fitou o vazio como que procurando rever os acontecimentos para entendê-los.

—Ela... ela entrou correndo no hall, gritando seu próprio nome. Viu-me no patamar e olhou-me com medo nos olhos, como se eu fosse lhe fazer algum mal.

E Montjean... ela estava usando minhas roupas. Ela estava fingindo que era eu. Tinha até...

Meus Deus, isso era assustador ... cortado os cabelos... Eu tinha acabado de encontrar papai na cama... horrível... medonho.

Ela estava com a pistola na mão e olhava a arma, como se eu fosse lhe dar um tiro.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Percebi, de repente, o que ela pretendia.

Pobre coitada! A pobre Katya estava procurando um lugar para se esconder. Há alguns anos ela aprendera o truque de sobreviver morrendo. Ela se tornara Katya permitindo que a desgraçada Hortense morresse. Mas agora ela não podia mais ser Katya.

Sabia que Katya estava louca, que matara o rapaz em Paris e que atirara em você por tê-la feito sentir o prazer vergonhoso, repugnante.

E quando nós éramos crianças costumávamos brincar com as visitas; fingíamos ser a mesma pessoa, estar em dois lugares ao mesmo tempo.

A pobre Katya tentava desesperadamente sobreviver! Tentava assumir minha identidade! Não tinha outro lugar para ir! Mas o que iria acontecer comigo, Montjean? Se Katya fosse eu, o que seria de mim? Pelo amor de Deus! Eu não tinha culpa de ter nascido homem.

"Fiquei no patamar olhando para ela, horrorizado ao vê-la com as minhas roupas, o cabelo cortado rente. Então, ocorreu-me um pensamento terrível.

Com medo do que eu iria descobrir, olhei para minhas roupas. Eu estava com seu vestido branco! Como ela fizera aquilo, Montjean? Como é possível? Então, toquei meu cabelo.

Era o cabelo dela. Montjean. O cabelo dela! Ela havia feito meu cabelo crescer e o prendera num coque, de modo que todos pensariam que eu era a mulher. Mas eu não queria ser a mulher! Não queria ser violentada! Meus olhos latejavam, como se alguém os apertasse. Não! Não! Nós dois tivemos o mesmo pensamento no mesmo instante. Não havia lugar no mundo para

nós dois. Só um de nós poderia sobreviver. Nós nos amávamos. Éramos irmãos. Mas só um de nós poderia sobreviver. Ela levantou a arma lentamente e apontou para Katya. Olhei para ela no patamar.

Compreendi que tinha de ser assim. Sorri e concordei. Olhei para ela no pé da escada. Então ela... então eu puxei o gatilho e... atirou nela mesma.

Katya apertou as pontas dos dedos contra a testa com força até os dedos tremerem do esforço e marcas brancas aparecerem e então passou os dedos pelo cabelo curto e eriçado.

—Meu Deus, Montjean! Pousei a cabeça dela em meu colo. Ela estava tão estranha e me dava tanta pena com o cabelo cortado daquela maneira. Suas pálpebras tremeram e ela sorriu. Saiu um som rouco de sua garganta.

Apertei a cabeça dela contra o peito e lhe pedi para não morrer! Beije-a! Senti que ela se enrijecia em minhas mãos... havia espuma em seus lábios! E ela... - Os olhos de Katya procuraram os meus, implorando compreensão.
—A pobre Hortense finalmente havia morrido, Montjean.

Mas.. mas... eu não podia deixá-la ali, é claro. Podia vir gente. E eles podiam ver a pobre Katya tão estranha com as minhas roupas e com o cabelo cortado rente como um rapaz.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Poderiam falar mal dela. Tive de carregá-la até o quarto. Foi tão difícil! Ela era tão pesada. De certa maneira, tão mole e flácida. Consegui deitá-la na cama e fazê-la ficar bonita de novo. Ela era uma mulher atraente, você sabe.

Não exatamente bonita, mas atraente. Coloquei um dos vestidos sobre ela para que ficasse bonita de novo. Só quando passei pelo espelho é que

compreendi chocado o que ela me havia feito.

O vestido que ela me obrigara a usar estava manchado de sangue... Troquei-o pelas minhas roupas e cortei o cabelo... E acho que não fiz um bom trabalho. Afinal, meu amigo, não sou barbeiro.

Então voltei ao hall e... encontrei você lá. Você estava vivo! Oh, Jean-Marc estou tão contente porque você está vivo! Ainda bem que, que ela não o matou!

As lágrimas rolavam pelo seu rosto. Envolvi-a num abraço estreito; com os olhos fechados e o rosto colado ao seu, enquanto ela soluçava convulsivamente.

Durante essa última tentativa de lembrar como Katya e entender como Paul, ela fizera um relato fantástico, com a voz variando do seu timbre natural para o tom gutural da voz de Paul.

O esforço a esgotara; agora, ela se apoiava em mim enquanto os soluços passavam e a respiração se acalmava.

Apertei-a nos braços e balancei-a bem devagar. Uma de suas lágrimas escorreu até minha boca.

Ainda sinto o gosto amargo do sal.

Senti, então, que ela se retesava em meus braços para logo em seguida afastar-se de mim; quando encontrei aquele olhar divertido e metálico, percebi que agora ela era Paul... definitivamente.

Ela se afastou e alisou o cabelo com a palma da mão. Enxugou as lágrimas com gestos rápidos e impacientes; depois deu três risadas tristes, pousando novamente em mim o olhar frio e altivo.

—Em resumo, amigo, tivemos umas horas bem agitadas por aqui. Pena que você tenha perdido.

A voz rouca, o tom afetado, o olhar sarcástico. Sim, Katya se fora.

Soltei um profundo suspiro e falei, com voz abafada pelas lágrimas:

—O que... o que você vai fazer agora, Paul ?

—Vamos, meu amigo, eu não tenho escolha, não é? É óbvio que vão me acusar pelo suicídio de Katya.

Afinal, convenhamos, a história não é das mais verossímeis. E o meu destino não seria a guilhotina. Nada tão fácil assim.

—Ela riu. —Tenho certeza de que se Katya estivesse aqui ela não resistiria à oportunidade de fazer um trocadilho com "perder a cabeça".



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Não, o meu destino não seria a guilhotina. E a hipótese de chafurdar na imundície de um sanatório qualquer está fora de cogitação. Imagine o nível da conversa... isso sem falar na qualidade da comida!

—Ela riu novamente. —Não, isso é impraticável. - Subiu os degraus e entrou no pavilhão, apanhou a pistola na cadeira e estirou-se negligentemente, como Paul costumava fazer.

—Felizmente, os cavalheiros como eu têm respostas preparadas para este tipo de situação.

Katya tinha razão sobre as vantagens de ser homem em nossa sociedade. Agora acho que o doutor devia ir embora. Está um pouco pálido.

É por causa da perda de sangue; isso ocorre até mesmo aos bascos, que são reconhecidamente sangüíneos.

Sabia que ela... ele tinha razão. Não havia outra alternativa. Katya exibida como um espetáculo num sanatório qualquer. Como a Srta. M. ? Não. Ah, não. E, na verdade, Katya já estava morta, descansando na cama em seu quarto.

Exausto, desiludido, virei-me para sair. Mas fui detido pela fala arrastada de Paul.

—Ah, tenho aqui uma coisa que Katya mandou para você. - Puxou uma bolsinha de seda do bolso do paletó. —Acho que são suas.

—Não; foi um presente para Katya.

—Ah, é? - Examinou uma das pedrinhas com uma certa repugnância. — Quando se trata de presentear os outros, ninguém pode chamá-lo de mão-aberta.

—Não. Acho que não. Paul? Você me faria um favor?

—Se não for difícil

—Você guardaria essas pedrinhas para mim? Guardá-las... como lembrança?

O olhar frio suavizou-se por um instante; ele, então, sorriu:

—Se isso lhe agrada... por que não?

—Obrigado - virei-me e atravessei a trilha abandonada.

Quando atravessei o muro em ruínas o sol se punha, tingindo o céu de vermelho.

As árvores que margeavam o caminho refletiam uma coloração âmbar que parecia elevar-se da própria terra. A égua mexeu as orelhas ao som do estampido.



PDL – Projeto Democratização da Leitura

Epílogo

Lembro-me de que uma vez disse a Katya que os bascos nunca perdoavam.
Nunca.

Durante o decurso de minha vida profissional, o destino fez vir parar em
minhas mãos um estuprador levemente ferido.

Ele não sobreviveu ao tratamento.

Salies-les-Bains Agosto de 1938





O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**

PDL – Projeto Democratização da Leitura